

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

MARIA ADRIANA MARQUES

**A IDENTIDADE DO HOMEM FRENTE AO PROTAGONISMO DA MULHER NA
RELIGIÃO: UM ESTUDO DE CASO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE
DEUS NA CIDADE DE GOIÂNIA-GO**

GOIÂNIA, GO

2020

MARIA ADRIANA MARQUES

**A IDENTIDADE DO HOMEM FRENTE AO PROTAGONISMO DA MULHER NA
RELIGIÃO: UM ESTUDO DE CASO NA IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE
DEUS NA CIDADE DE GOIÂNIA-GO**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para obtenção do título de doutora em Ciências da Religião.
Orientadora: profa. dra. Carolina Teles Lemos.

GOIÂNIA, GO

2020

M357 Marques, Maria Adriana

A identidade do homem frente ao protagonismo da mulher na religião [manuscrito]: um estudo de caso na Igreja Evangélica Assembleia de Deus na cidade de Goiânia-GO

/ Maria Adriana Marques.-- 2020.

125 f.;

Texto em português com resumo em inglês.
Dissertação (mestrado) -- Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Goiânia, 2020.
Inclui referências, f. 114-120

1. Assembléia de Deus - Goiânia (GO). 2. Homens - Identidade. 3. Identidade de gênero. 4. Patriarcado. 5. Religião. 6. Mulheres - Identidade. I. Lemos, Carolina Teles. II. Pontifícia Universidade Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião - 2020. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 279.153(043)



PUC
GOIÁS



A IDENTIDADE DO HOMEM FRENTE AO PROTAGONISMO DA MULHER NA RELIGIÃO: UM ESTUDO DE CASO NA IGREJA
EVANGÉLICA ASSEMBLEA DE DEUS NA CIDADE DE GOIÂNIA-GO

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, aprovada em 12 de agosto de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Carolina Teles Lemos / PUC Goiás

Profa. Dra. Margareth Pereira Arbúes / UFG

Profa. Dra. Sandra Mara Dentax / UFTM

Prof. Dr. Eduardo Guemão de Quadros / PUC Goiás

Prof. Dr. Cláudio Ecco / PUC Goiás

Profa. Dra. Thais Alves Marinho / PUC Goiás

Profa. Dra. Maria Aparecida de Castro / IFG

Àqueles que sempre estiveram comigo em todos os momentos da vida e sempre me amaram incondicionalmente.

À minha mãe, Maria Josefa Marques, por sua doçura e companheirismo, e ao meu pai, Pr. Laercio Moreira Marques (*in memoriam*), ausente fisicamente, mas sempre vivo em minha mente e meu coração. A vocês, a quem amo e estimo e a quem, depois de Deus, devo tudo o que sou. Nada pagaria o amor que recebi de ambos nessa Terra. Dedico esta tese a vocês, meus progenitores, e deixo-lhes meu muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que é Dono de todo o Universo e de nossas vidas. Ele sabe o início, o porquê e o fim de tudo, e cabe a nós estarmos atentos para ouvir sua voz dentro de nós. Obrigada Deus pela oportunidade de obtenção do título de doutoramento!

À CAPES, pelo financiamento desta pesquisa, sem este; não seria possível sua realização. Muito obrigada!

À minha orientadora Professora Doutora Carolina Teles Lemos pelos esclarecimentos pertinentes a pesquisa, pelo carinho acadêmico e compreensão na realização deste estudo. Muito obrigada!

Aos mestres do programa de pós-graduação e pesquisa em Ciências da Religião da PUCGO, que muito me ensinaram sobre o valor do conhecimento, jamais os esquecerei! Muito obrigada!

Ao coordenador do programa em Ciências da Religião, Professor Doutor Clóvis Ecco, por sua humildade, educação e abnegação em nos atender, todas as vezes em que precisávamos dele. Muito obrigada!

À secretaria do programa de pós-graduação, representada na pessoa do secretário geral Giovanni de Bastos Vieira Delfino, por todo o esmero nos serviços prestados. Muito obrigada!

À minha família materna e paterna, pais, tios, primos, avós; a quem devo minha essência, não são muitos, e com certeza poderia contá-los nos dedos da mão; porém, cada um de vocês é especial para mim, a seu próprio modo, e por isso, os amo tanto e quero lhes dizer muito obrigada por tudo!

Aos irmãos da AD de Goiânia, vários dos quais conheci enquanto trilhava na escrita desta tese. Às pastoras Evani Bento Santana e Ana Carolina Peixoto, quantas (e quantas) vezes procurei vocês para que me ajudasse com as questões relacionadas à pesquisa de campo. Muito obrigada!

À amiga Gersina Tomaz de Freitas Bueno, conhecida de minha família há mais de vinte anos e que com este trabalho pude reencontrá-la na IEAD na cidade de Goiânia, Goiás e fortalecer nossos laços de amizade, você me permitiu chamá-la de “tia Gersina”, e muitas vezes me emprestou o seu ombro e sua casa, reservando o seu quarto de visitas, por onde repousei diversas vezes, durante essa caminhada. Muito obrigada!

A amiga-irmã Keila Maria de Faria, agradeço-a pela amizade e lealdade, durante os momentos de angústia me incentivou até que eu avistasse o fim desse caminho, que somente ao passar por este é possível descrevê-lo. Dizer-lhe muito obrigada, não seria o bastante, que Deus a proteja e conceda-lhe o que o seu coração deseja. Muito obrigada!

Aos amigos, que são tantos, cada um com suas características inigualáveis principalmente os de vida diária, aqueles que estão ao nosso lado todos os dias: Lindamar Faria Mendes, Marielly Ferreira Caetano, Eduardo Ribeiro da Silva. E tantos outros os quais devo meu respeito e agradecimentos. Muito obrigada!

Aos colegas de trabalho, que durante essa caminhada foram muito solícitos e enquanto minha licença de trabalho não havia sido aprovada, ajudaram-me compreendendo o caminho que eu havia escolhido para trilhar. Muito obrigada!

Aos colegas da pós-graduação em Ciências da Religião, obrigada pelas horas de companheirismo, conversas e intelectualismos, que com certeza sentirei saudades. Saibam vocês que todos estarão guardados com carinho na mente e coração. Desejo-lhes: Vida longa e próspera! Meu muito obrigada!

Àqueles que conhecemos durante a caminhada, alguns já terminaram a pós-graduação e foram para seus estados de origem, outros continuam na cidade de Goiânia-Goiás, mas que com a correria da vida, demoraremos a nos rever. Por todos os momentos, risos e angústias de recém-pesquisadores que partilhamos. Muito obrigada!

Aos meus queridos leitores pelo interesse e paciência ao trilhar estas linhas.

Enfim, agradeço a todos (as) que de uma forma ou de outra, muito contribuíram para que esta pesquisa fosse concluída. Meu muito obrigada!

RESUMO

O tema da pesquisa é a identidade do homem frente ao protagonismo da mulher na religião, com ênfase na visão do homem assembleiano, membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD), em Goiânia, Goiás. A justificativa deste estudo está especialmente no fato de a liderança assembleiana apresentar prevalescência masculina ao longo dos anos, embora o ambiente religioso tenha aberto espaço para a atuação feminina no pastorado. Esse protagonismo está associado ao personagem que recebe destaque patriarcal nessa situação religiosa. Desde a secularização das assembleias de Deus no Brasil, as mulheres têm exercido o seu papel, colaborando com as missões da Igreja. Nessa denominação, nem todos reconhecem o pastorado feminino, havendo interpretações divergentes. Os referenciais e o estudo de caso, nas Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus, Ministérios Fama e Jesus é o Pão da vida, são fontes para se constatarem os avanços das mulheres ocuparem a posição de autoridade e o pensamento majoritário a esse respeito. Desse modo, o objetivo principal é mostrar como se dá o protagonismo masculino e feminino na religião. A metodologia é de pesquisa analítica descritiva e de campo para a coleta de dados por meio de questionário com 14 perguntas, aplicado a 30 participantes, a fim de compreender e explorar os limites e as oportunidades das respostas do grupo. Pela estatística simples, os resultados são descritos, tendo figuras, tabelas e quadros. Os homens assembleianos consideram os preceitos bíblicos como primordiais para os ensinamentos que incluem a obediência da mulher nos contextos familiar, social e religioso. Em geral, o pastorado apresenta-se como figura forjada do patriarcado. A mulher atua geralmente como auxiliar do marido, embora a submissão seja entendida como requisito cristão de ambos os sexos.

Palavras-chave: Identidade e patriarcado. Pentecostalismo e Assembleia de Deus. Mulheres virtuosas e protagonismo. Religião e gênero.

ABSTRACT

The research theme is the identity of the man in relation to the role of women in religion, with an emphasis on the vision of the assembleian man, a member of the Evangelical Church Assembly of God (IEAD), in Goiânia, Goiás. The justification of this study is especially in the fact that the assembly leadership has shown male prevalence over the years, although the religious environment has opened up space for female activity in the pastorate. This protagonism is associated with the character that receives patriarchal prominence in this religious situation. Since the secularization of the assemblies of God in Brazil, women have played their part, collaborating with the Church's missions. In this denomination, not everyone recognizes the female pastorate, with different interpretations. The references and the case study, in the Assemblies of God Evangelical Churches, Fama Ministries and Jesus is the Bread of Life, are sources for verifying the advances of women occupying the position of authority and the majority thinking in this regard. Thus, the main objective is to show how male and female protagonism occurs in religion. The methodology consists of descriptive and field analytical research for data collection through a questionnaire with 14 questions, applied to 30 participants, in order to understand and explore the limits and opportunities of the group's responses. By simple statistics, the results are described, with figures, tables and charts. Assemblymen consider biblical precepts to be essential to teachings that include women's obedience in the family, social and religious contexts. In general, the pastorate presents itself as a forged figure of patriarchy. The woman generally acts as an auxiliary to her husband, although submission is understood as a Christian requirement of both sexes.

Keywords: Identity and patriarchy. Pentecostalism and Assembly of God. Virtuous women and protagonism. Religion and gender.

LISTA DE SIGLAS

ADMM	Assembleia de Deus Ministério Madureira
ADs	Assembleias de Deus
CBB	Congregação Cristã do Brasil
CEADDIF	Convenção Evangélica das Assembleias de Deus do Distrito Federal
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
CONAMAD	Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério Madureira
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
ELAD	Escola de Líderes das Assembleias de Deus
GO	Goiás
IEAD	Igreja Evangélica Assembleia de Deus
MPAB	Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira
PA	Pará
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Frida e seus pais, na infância.....	39
Figura 2 - Frida na adolescência.....	39
Figura 3 - Casamento de Frida e Gunnar Vingren	40
Figura 4 - Os filhos do casal Frida e Gunnar Vingren	41
Figura 5 - Semana bíblica Nyhem, Mullsjö, 1921	42
Figura 6 - Missionários da IEAD no Brasil, na CGAD de 1930.....	54
Figura 7 - As crenças da IEAD.....	70
Figura 8- Estilo moda evangélica.....	73
Figura 9 - Percurso para o pastorado na ADMM	75
Figura 10 - Principais campos da ADMM (1920-1960).....	88
Figura 11 - Assembleias de Deus em Goiânia	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira de 1911 a 2011	23
Quadro 2 - Estudos sobre a IEAD na plataforma Capes	56
Quadro 3 - Pastorado feminino	79
Quadro 4 - Alguns ministérios assembleianos em Goiânia.....	90
Quadro 5 - Citações bíblicas dos participantes.....	97
Quadro 6 - Resumo dos dados obtidos pelo questionário	103

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária dos participantes.....	94
Tabela 2 - O trabalho fora de casa	95
Tabela 3 - Responsabilidade financeira	95
Tabela 4 - O papel do homem em casa.....	96
Tabela 5 - Sobre o trabalho doméstico.....	96
Tabela 6 - Papéis de liderança	99
Tabela 7 - Administração do dinheiro.....	99
Tabela 8 - A mulher no mercado de trabalho	100
Tabela 9 - A mulher atuante na Igreja	100
Tabela 10 - Aceitação do trabalho externo da mulher.....	101
Tabela 11 - Trabalho externo versus organização do lar.....	102
Tabela 12 - Trabalho externo versus situação financeira do casal.....	102
Tabela 13 - Independência feminina	103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 CAPÍTULO 1 - O PENTECOSTALISMO E AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS.....	17
1.1 PRIMÓRDIOS ASSEMBLEIANOS NO BRASIL E NO MUNDO.....	17
1.2 RELIGIÃO, SECULARIZAÇÃO E PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO.....	20
1.3 PATRIARCADO E AMBIENTE RELIGIOSO	25
1.3.1 Identidade Masculina e Religião.....	27
1.4 MULHER ATUANTE NA RELIGIÃO EVANGÉLICA.....	34
1.4.1 A História das Mulheres na IEAD	34
1.4.2 Frida Vingren e sua Representatividade Assembleiana	38
2 CAPÍTULO 2 - A IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL NA ATUALIDADE	47
2.1 MEMBRESIA E TIPOLOGIAS DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL.....	47
2.2 PRINCÍPIOS ASSEMBLEIANOS E QUESTÕES DE GÊNERO	52
2.2.1 Estudos sobre a Evolução da IEAD.....	55
2.2.2 Simbolismo Religioso e Desigualdade de Gênero.....	57
2.3 PERFIL PENTECOSTAL DENTRO DAS PERSPECTIVAS ASSEMBLEIANAS ATUAIS	66
2.4 AS PENTECOSTAIS E A INDUMENTÁRIA CRISTÃ.....	68
3 CAPÍTULO 3 - O FEMINISMO E A POSIÇÃO DAS ASSEMBLEIANAS	74
3.1 NÃO SOMOS FEMINISTAS, SOMOS ASSEMBLEIANAS: O PASTORADO FEMININO NA IEAD.....	75
3.2 PROTAGONISMO DE MULHERES VIRTUOSAS	80
3.3 ASSEMBLEIA DE DEUS E SEUS MINISTÉRIOS.....	87
3.3.1 A Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Goiânia.....	87
3.3.2 Metodologia do Estudo de Caso.....	92
3.3.3 Descrição dos Resultados	93
3.3.4 Discussão dos Resultados	105
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
5 REFERÊNCIAS.....	114
6 APÊNDICES	121

INTRODUÇÃO

O objeto da pesquisa é a identidade do homem frente ao protagonismo da mulher na religião, com ênfase na visão do homem assembleiano, membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD), em Goiânia, Goiás. A justificativa desta investigação foca na liderança assembleiana que mostra o predomínio masculino ao longo dos anos, embora o ambiente religioso tenha aberto espaço para a atuação feminina no pastorado. Essa preponderância do protagonismo do homem, sobretudo, está associada ao personagem que recebe uma espécie de herança patriarcal. A dominação parte de diferentes teorias, tratando da visão sobre as mulheres em denominações evangélicas. O feminino constitui a maioria de sua membresia, estando introduzido no imaginário das representações e práticas conservadoras. São os mecanismos de funcionamento da tradição e reprodução da IEAD. As estratégias de conservação se ligam à renovação que permanece em sua modernização conservadora.

Nessa visão, o objetivo geral é mostrar a questão do protagonismo do homem e da mulher na religião. O protagonista se refere à posição de destaque do personagem principal. Ainda que não exerça uma função de autoridade dentro de muitas religiões, como é o caso das Assembleias de Deus (ADs), as mulheres mantêm suas atividades de colaboradoras com as missões. O comportamento do homem e suas percepções quanto às mulheres é carregado de significados.

Questiona-se como é visto o patriarcado que viabiliza o protagonismo de homens assembleianos dentro e fora do ambiente religioso? A mulher apoia e auxilia as tarefas congregacionais, visto que tem ampliado seu exercício frente à posição hierárquica masculina na IEAD. A visão conservadora é discutida na secularização. O dominante vem cedendo lugar para a valorização feminina, mas a luta não é fácil, pois ainda há muita abertura para se alcançar. Afinal, espera-se que a igualdade de acesso e liderança seja efetiva para ambos os sexos.

Desde o início da secularização das Assembleias de Deus no Brasil, as mulheres colaboram com as missões da Igreja. Nessa denominação, nem todos reconhecem o pastorado feminino, havendo interpretações divergentes. Os referenciais e o estudo de caso, nas igrejas evangélicas assembleias de Deus, ministérios Fama e Jesus é o Pão da Vida, ambas em Goiânia, Goiás, são fontes para se constatar como se dá a atuação das mulheres e a posição de autoridade.

A metodologia da pesquisa usada é a analítica descritiva e de campo para a coleta de dados aplicou o questionário com 14 perguntas, para 30 participantes, sendo 15 em cada instituição. Além para a sensibilidade de compreender os limites e as oportunidades de explorar as respostas do questionário. Pela estatística simples, os resultados são descritos, tendo figuras, tabelas e quadros. A membresia assembleiana masculina considera os preceitos bíblicos como primordiais para os ensinamentos da obediência da mulher e de seu papel familiar, social e religioso. Muitos maridos apoiam o protagonismo feminino, mas o homem continua sendo a figura forjada do patriarcalismo na visão cristã. Desse modo, o papel da mulher pode ser visto apenas como o de auxiliar o marido no pastorado, para não ter seu próprio púlpito.

Após contato com a liderança das igrejas, a pesquisadora recebeu uma lista com nomes e telefones de membros para que se iniciasse o convite individual para participar do estudo. Uns não aceitaram assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹, pois se sentiam constrangidos. Outros declararam seu desconforto em responder questões. Por fim, restaram os 30 voluntários que marcaram as entrevistas presenciais ou por telefone, de modo que colaboraram com a efetivação desta tese. A duração para se ter a amostra dos 30 voluntários se deu no período de um ano (2019).

A pesquisa de campo compreende os limites da visão do público estudado, bem como a abrangência dos autores, tratando das possibilidades da discussão temática distribuídas nos descritores pentecostalismo, patriarcado, desbravadores e ministérios da Assembleia de Deus no Brasil, feminismo, desigualdade de gênero, liderança, mulheres virtuosas e secularização. O desafio de pensar criticamente o objeto segue as injunções e os meandros cristãos de quem, ao mesmo tempo, é partícipe dele e coaduna com seus princípios. A experiência da pesquisadora, como membro dessa denominação, possibilitou a abertura para o estudo, que não se trata de mera observação, mas mostra o olhar científico, com o da vivência, sobre esse tema na instituição.

A tese foi dividida em três capítulos, em que o primeiro apresenta como surgiu o movimento pentecostal, enfatizando a IEAD. Os primórdios assembleianos

¹ Para participar da pesquisa é obrigatória a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, sem esta assinatura não é possível responder a pesquisa de campo.

mostram a religião cristã e a secularização, bem como o pentecostalismo e os conceitos de identidade masculina e feminina. A Bíblia apresenta os registros de mulheres colaboradoras da obra de Deus. A mulher ganha destaque em momentos iniciais da história das ADs, havendo a discussão de seu protagonismo.

O nome dessa instituição surgiu no estado do Kansas, nos Estados Unidos, no ano de 1901. No Brasil, ela começou com os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg em 1911. Teve início o pentecostalismo, com a manifestação de fé diferenciada da religiosidade tradicional da época. A dinâmica dessa igreja está institucionalizada na visão patriarcal, em que o homem tem prioridade na liderança, embora mostrando mudanças no modelo conservador religioso.

No segundo capítulo observa os estudos sobre a IEAD no Brasil, considerando a atuação dos desbravadores e a sua membresia atual. Os princípios assembleianos e as questões de gênero revelam as perspectivas e as mudanças ocorridas ao longo do centenário. Os fiéis fundamentam suas crenças em usos e costumes, embora explicitem a adoção de pensamentos e vestimentas modernas pós-secularização. Os documentos da Igreja (ata de reunião das lideranças, estatutos de usos e costumes, revistas e jornais, sendo os dois últimos geralmente publicados pela “imprensa assembleiana” ou CPAD), comprovam como eram as regras comportamentais na década de 1930, pelo que as transformações são significativas. O conservadorismo cedeu lugar às mídias, para propagação da fé, e aos novos modelos de indumentária aderida pelos membros, simbolizando a modernidade cristã.

O terceiro capítulo apresenta a descrição dos resultados da pesquisa realizada com 30 membros com identidade masculina assembleiana. A investigação se deu por telefone e de forma presencial, conforme a disponibilidade dos entrevistados, sendo 15 membros em cada uma das duas Assembleias de Deus, Ministérios Fama e Jesus é o Pão da Vida, em Goiânia, Goiás, o primeiro pastoreado por um pastor e o segundo por uma pastora. As ideias assembleianas demonstram que a membresia feminina não busca a igualdade pautada no feminismo, ao contrário, inspira-se em textos bíblicos que caracterizam o comportamento submisso e comprometido com a fé.

O estudo de caso revela os resultados que compreendem o comportamento conservador do homem assembleiano. Tem-se que a religião é fundamentada na cultura, que é aprendida e construída com base nos parâmetros históricos e sociais

da tradição patriarcal. As mulheres são relegadas a papéis secundários dentro das igrejas. A estrutura masculina dominante está presente nas lideranças cristãs, prevalecendo seus discursos com os textos bíblicos² interpretados conforme a ideia de submissão.

² Quanto aos textos bíblicos estudados aqui, não haverá exegese, mas serão compreendidos em sua dimensão cultural para compreender o patriarcado presente na atualidade.

1 CAPÍTULO 1 - O PENTECOSTALISMO E AS ASSEMBLÉIAS DE DEUS

Este capítulo apresenta o contexto em que surgiu o movimento pentecostal³, no Brasil e no mundo, com ênfase na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Os primórdios assembleianos mostram a religião no processo de secularização. Adentra-se também no pentecostalismo e em conceitos relacionados à identidade masculina e ao papel da mulher. A posição feminina na Bíblia é trazida pela história registrada no Antigo e no Novo Testamento, cabendo discutir sobre a atuação das assembleianas em diferentes épocas.

1.1 PRIMÓRDIOS ASSEMBLEIANOS NO BRASIL E NO MUNDO

A história da Assembleia de Deus surgiu no Kansas, nos Estados Unidos, em 1901. Foi criada por Charles Fox Parham (ROCHA, 2018). No Brasil, ela começou com os suecos Gunnar Vingren e Daniel Berg. Em 1910 e 1911, foram fundadas as igrejas Congregação Cristã do Brasil e Assembleia de Deus (ARAGÃO FILHO, 2011).

De acordo com Carvalho (2018), no século XVI, ocorreu o movimento de reforma das crenças do cristianismo, surgindo as igrejas calvinistas (João Calvino), as luteranas (Martinho Lutero), as reformadas e as presbiterianas (Zwínglio). Essas correntes doutrinárias/ideológicas faziam parte do cenário de acusações entre protestantes e católicos. No século XVII, advieram as denominações batistas, oriundas do movimento de John Smyth e Tomas Helwys, que confrontavam outras religiões. Ainda nessa época, na Grã-Bretanha, foram constituídas as congregacionalistas, que conservavam as visões calvinistas e, a partir do século XX, adotaram o credo mais próximo dos presbiterianos. Nos anos de 1970, vincularam-se à Aliança Mundial de Igrejas Reformadas.

Conforme Manoel e Freitas (2006), no século XVIII, John Wesley constituiu outras igrejas influenciadas pela reforma, que estavam mais próximas das classes populares. A falta de apoio do clero anglicano a Wesley, nos Estados Unidos, levou

³ O termo pentecostal advém da festa judaica Pentecostes, denominada por Festa das Semanas, descrita nos livros escritos por Moisés. Passou a ser evento do povo hebreu, após esse ter sido libertado do Egito, para ir tomar posse da terra de Canaã. A ênfase da palavra se deu no Novo Testamento - Atos dos Apóstolos 2:1 (BÍBLIA ONLINE, 2020).

à formação das metodistas, baseadas em estilo de vida, missão, austeridade e ritmo sistemático do estudo bíblico. No século XIX, nos Estados Unidos, do interior da Igreja Batista, William Miller fundou a Comunidade Adventista, postulando a volta iminente de Cristo. No final do século XIX e início do século XX, surgiram as comunidades pentecostais. Algumas dessas mantiveram a tendência metodista, outras seguiram o estilo congregacionalista ou presbiteriano. Contudo, nem todas assumiram o termo pentecostal como fez a Assembleia de Deus.

Valério (2020) destacou que, no Brasil, o pentecostalismo teve início no século XX com as Igrejas Assembleias de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. Durante mais de 50 anos, o pentecostalismo se manteve uniforme em sua doutrina entre as diferentes denominações. O modelo clássico foi herdado da Reforma Protestante e da religiosidade popular, mas com suas características particulares.

O pentecostalismo clássico segue os princípios da centralidade de Jesus Cristo e da Bíblia, união da fé com a ética. Porém, argumenta que a religiosidade popular é caracterizada por emoção, ritos e participação coletiva. Também assume o batismo com o Espírito Santo, que é evidenciado pelo falar em línguas, como capacitação de revestimento de poder para evangelizar o mundo e apressar a volta de Jesus, como juiz e rei (VALÉRIO, 2020).

Esse pentecostalismo é pré-milenarista, pois espera o retorno iminente de Jesus Cristo para a inauguração de seu reino na terra. A crença afirma que esse reino será implantado de forma repentina, quando Ele voltar (em breve) em evento cataclísmico. Antes desse tempo, ocorrerá a deterioração social e espiritual da humanidade, trazida pelo período de muito sofrimento, denominado por grande tribulação. Cristo estabelecerá o reinado milenar de paz, justiça e prosperidade, em que Satanás ficará acorrentado, depois, advindo a consumação final da história humana. Trata-se da volta de Jesus Cristo decorrente de três premissas: o afastamento das questões sociais, o desprezo pelos prazeres mundanos e o cultivo da sobriedade e da temperança. Aceita-se fundamentalmente o texto bíblico, com ênfase nos valores morais (VALÉRIO, 2020).

Nesse sentido, Terrin (1996) afirmou que as igrejas pentecostais remontam aos movimentos de reavivamento cristão do século XIX, nos Estados Unidos. Elas se caracterizam pela fé absoluta na Bíblia. O batismo nas águas é feito por imersão, a pregação enfatiza a necessidade do batismo pelo Espírito Santo, a piedade é individual e a moral mostrada com rigidez.

Dentre as principais igrejas pentecostal e neopentecostal estão Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil, Evangelho Quadrangular, Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo, Deus é Amor, Universal do Reino de Deus (CARVALHO, 2018). A Assembleia de Deus teve como fundadores os suecos Daniel Berg e Gunnar Vingren. De origem religiosa batista, adotaram o pentecostalismo em 1909. Vieram ao Brasil, fixaram-se em Belém, no estado do Pará, em 1910.

Convictos de sua missão evangelizadora alguns dos primeiros seguidores foram membros de uma Igreja Batista. Entre os adeptos, Frida Vingren teve sua importância na fundação da IEAD, no entanto, a relevância de seu protagonismo perdeu força pelo *ethos* assembleiano do patriarcado, que valoriza a dominação masculina (TERRIN, 1996; MANOEL; FREITAS, 2006; VALÉRIO, 2020).

No grupo das primeiras denominações brasileiras, a Congregação Cristã foi criada por Luigi Francescon - italiano membro da Presbiteriana que aderiu ao pentecostalismo. Em 1910, ele visitou o Brasil e fundou as primeiras igrejas em Santo Antônio da Platina e São Paulo, entre os imigrantes italianos. A Igreja do Evangelho Quadrangular, estabelecida no País na década de 1950, iniciou seus trabalhos nos Estados Unidos pela evangelista Aimee Semple McPherson. Nessa, enfatizam-se quatro aspectos do ministério de Cristo: aquele que salva, batiza com o Espírito Santo, cura e virá outra vez. As mulheres podem exercer o pastorado (ALENCAR, 2012).

A Igreja Evangélica Pentecostal o Brasil para Cristo inaugurou-se com Manoel de Mello, evangelista da IEAD que se tornou pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular, separou-se da Cruzada Nacional de Evangelização e organizou a campanha intitulada por “O Brasil para Cristo”, da qual surgiu a igreja. A Igreja Deus é Amor foi constituída por David Miranda. Esse era filho de agricultores do Paraná, viveu em São Paulo, converteu-se em uma pequena igreja pentecostal e, em 1962, fundou sua instituição na Vila Maria, São Paulo. A Igreja Universal do Reino de Deus formou-se com Edir Macedo, filho de um comerciante católico do Rio de Janeiro. Ele ingressou na Igreja de Nova Vida, mas constituiu o seu templo, inicialmente denominado por Igreja da Benção (TERRIN, 1996; MANOEL; FREITAS, 2006; VALÉRIO, 2020).

Segundo Costa (2017), a Assembleia de Deus, originada no pentecostalismo clássico, traz em seu âmago o *ethos* assembleiano. Esse trata da fundamentação de comportamentos, características culturais e crenças.

O pentecostalismo foi implementado no Brasil à luz da liberdade religiosa. Encontrou condições favoráveis para a sua expansão e o seu crescimento acelerado, tanto geograficamente como em número de membros, pelo que essa denominação

[...] acompanhou as mudanças estruturais da sociedade, adaptou-se a cada etapa, ressignificou seus valores para o contexto urbano, suplantou as formas tradicionais do mundo rural e cedeu nas suas imposições quando o indivíduo se autonomizou (COSTA, 2017, p. 96-7).

Esse pentecostalismo iniciado em 1911, em Belém do Pará, estabeleceu-se com Daniel Berg e Gunnar Vingren, enfatizando a característica do reavivamento da fé, manifestado no ato de falar em línguas, pregando o anticatolicismo e fundamentalismo religioso. Entre 1909 e 1915, foi publicada a série de livretos (12 ao todo), intitulados *Os fundamentos (The fundamentals)*, que eram distribuídos gratuitamente, no intuito de salvar a América do perigo do modernismo. Dentre os vários temas, dois se mostram mais importantes: a inerrância da Bíblia e a escatologia milenarista. Havia a ideia de ser fiel à tradição com base na leitura literal dos textos bíblicos. A Bíblia seria a verdade revelada de Deus, pelo que o pentecostalismo encontrou solo fértil em terras brasileiras, o que propiciou seu *status* centenário (COSTA, 2017). Assim, o movimento sustentou-se com os ensinamentos bíblicos, em que a doutrina enfatizava o batismo pelo Espírito Santo e a fé em Deus. Expandiu-se por sua representatividade reconhecida em igrejas evangélicas.

1.2 RELIGIÃO, SECULARIZAÇÃO E PENTECOSTALISMO ASSEMBLEIANO

O pentecostalismo, iniciado com as assembleias de Deus e a Congregação Cristã, no início do século XX, pode ser considerado o mais importante fenômeno religioso da época (COSTA, 2017). O surgimento do protestantismo no mundo se embasa nos movimentos da religião cristã. Essa pode ser compreendida como manifestação de fé tipicamente humana (BERGER, 1985). A religiosidade constitui uma atitude dinâmica de orientação para a vida. Ela supre a falta de entendimento

das questões existenciais, ao trazer respostas para as dimensões física, biológica, psicológica e sociológica.

De forma institucionalizada, a religião ordena a religiosidade e dá sentido à vida, por meio da fé e das crenças. Segundo Berger (1985, p. 7), a religião intensifica as construções sociais da realidade, ela “[...] inclui o construído num mundo mais abrangente - sagrado - que legitima, justifica e explica as mazelas do cosmos”. Tem-se o simbolismo que reflete a autoconsciência e a conduta humana no social.

Os símbolos, as ações e os rituais contribuem para o comportamento humano na sociedade. Ao se valer de símbolos, a religião ultrapassa os limites do tangível, cotidiano e humano, pela expressão e comunicação. Trata-se da experiência que encontra explicações para as causalidades da vida.

Nesse sentido, Terrin (1996) demonstrou que a religião é uma produção simbólico-cultural caracterizada por sua referência à realidade transcendente. O humano busca o sagrado, de forma intensificada ou não, na secularização. E esta se refere às realidades temporais, em que a humanidade tem a visão mais clara sobre a dimensão da vida e o seu contexto histórico.

Na busca pelo contato com o divino e o sagrado, o homem apega-se à religião. Por essa necessidade, várias doutrinas religiosas surgiram, desde a Antiguidade. O primeiro ano da Era Cristã foi marcado pelo nascimento de Jesus Cristo e, após três séculos de perseguição pelo Império romano, o cristianismo se tornou a religião oficial do Império no ano de 380 (TERRIN, 1996).

O contexto da religião mostra a origem da IEAD, em 1911, sua expansão pelo território brasileiro e seu centenário em 2011, na época, somando 22,5 milhões de membros, considerada a maior igreja pentecostal do planeta. A secularização é entendida aqui pela superação gradual das matrizes sociais estruturadas na religiosidade, em que há a compreensão da igualdade de gênero. Houve mudanças quanto à função da mulher na família, no mercado de trabalho, na sociedade e na religião (ALENCAR, 2012).

A secularização induziu a mudar o papel social das mulheres e da religião. Para Scott (1995) e Connell (2011), a igualdade de *status* entre os sexos não era de interesse nem do Estado nem da religião. Mas, o estudo realizado por Brown (2001) sobre a secularização observou, por meio de dados empíricos, a feminização na

religiosidade, enquanto a participação dos homens diminuiu, as mulheres permaneceram atuantes.

O desenvolvimento da secularização é ressignificante das diferentes experiências entre homens e mulheres. A percepção masculina pode ser vista de forma mais ampliada nos campos religioso e político. A feminina tem se mantido na visão subordinada, ocupando o espaço privado. Porém, a entrada das mulheres na esfera pública geral e na liderança religiosa é possível pela emancipação e aquisição de direitos. A atuação delas no meio público foi ampliada pela consequência da secularização (TOLDY; SANTOS, 2016).

A disseminação do pentecostalismo, para Valério (2020), desde a sua instauração, deveu-se aos cultos caracterizados por orações, musicalidade e pregações efusivas, tendo a identidade assembleiana assumido seu perfil frente às matrizes estrangeiras. A ideia do homem justo que, mesmo estando em Cristo, pode pecar foi esquecida. Surgiu a concepção dualista em que o mundo material é considerado mal e o verdadeiro cristão apenas se atém ao espiritual. Com as esferas material e espiritual aparentemente opostas, houve a marca inicial do protestantismo (VALÉRIO, 2020).

No Brasil, o pentecostalismo teve três momentos distintos: de 1910 a 1940, com a chegada da Congregação Cristã e da Assembleia de Deus; entre 1950 e 1960, com a fragmentação do pentecostalismo e o surgimento de novos grupos, e de 1970 a 1980, com o advento do neopentecostalismo:

I: O primeiro momento com o pentecostalismo clássico, surgido em 1920 com a Congregação Cristã no Brasil e em 1911 com a Assembleia de Deus. É importante observar que até o fim da década de 1950 e início da década de 1960, essas duas igrejas foram as únicas existentes no país.

II: Assim, entre meados de 1950 e início de 1960, surge o movimento denominado pentecostalismo neoclássico.

III: E, entre 1970 e 1980 ganha impulso o neopentecostalismo (FREESTON, 1994, p. 70-1).

No contexto do primeiro momento, a IEAD assumiu a identidade nacional, tornando-se, nas palavras de Alencar (2020a), um retrato fiel da realidade brasileira. Trata-se de uma instituição moderna, mas que mantém o conservadorismo e, apesar de sua pluralidade, possui a estrutura hierárquica secular, presente nos grandes centros urbanos, bem como nas periferias, atuando em várias frentes.

O pentecostalismo assembleiano passou por uma acomodação, desde sua instituição em 1911, ainda que de forma discreta, mas ganhou novo impulso, no final da década de 1970, quando a IEAD modificou seu *ethos*, antes caracterizado por ascese e sectarismo, iniciando novos olhares sobre as circunstâncias impostas pelo acirramento da concorrência religiosa (COSTA, 2017).

Essa concorrência se deveu ao ingresso do neopentecostalismo no País, que empregava estratégias de *marketing* e comunicação de massa para ganhar visibilidade. Para demonstrar a evolução e a secularização da IEAD, recorreu-se a Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira (MPAB), que mostra os movimentos na instituição evangélica.

Quadro 1 - Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira de 1911 a 2011

1911-1946 O movimento pentecostal: a iluminação do carisma.	1946-1988 A instituição pentecostal: o avanço da tradição.	1988-2011 A corporação pentecostal: a (ir)racionalidade dos poderes.
ADs: Brasil e Suécia	ADs: Brasil e EUA	ADs: Brasil e mundo
Ministério: todos por todos. Educação teológica: o (re)conhecimento é do Espírito Santo. Relações de gênero: ganha a missão, perde a vida.	Ministério: todos por alguns. Educação teológica: o (re)conhecimento é da tradição. Relações de gênero: a missão é apenas uma submissão.	Ministério: todos contra todos. Educação teológica: o (re)conhecimento é do MEC. Relações de gênero: missão oficial, oficiosa e oficialisca.
Mídia: jornais e modernidade assembleiana. Convenção: tempo de estudar a Bíblia. Templo-casa: lá, estamos em casa.	Mídia: na era do rádio, a mensagem ficou muda. Convenção: o avanço da invasão de campo. Templo-pensão: solidariedade burocratizada.	Mídia: o poder, os poderes e os poderosos. Convenção: a urna eletrônica salva a unidade. Templo- <i>shopping</i> : compras, conforto e celebração.
Conceitos-sínteses		
Teologia do sofrimento	Teologia da disciplina	Teologia da competência
<i>Ethos</i>		
Sueco-nordestino	Americano-brasileiro	Carioca-paulista
Personagens - símbolo em disputa		
Gunnar Vingren e Samuel	Paulo Macalão e Cícero	José Wellington e Samuel

Nyström	Canuto	Câmara
Assembleianos em relação aos demais pentecostalismos		
Os irmãos das ADs e a irmandade da Congregação Cristã do Brasil (CCB).	ADs e novos pentecostalismos modernos e conservadores.	ADs e iurdinização antropofagia e polissemia assembleiana.

Fonte: Alencar (2012, p. 22).

Considerando essa matriz, nota-se que a IEAD se consolidou, assumindo os contornos nacionais, a partir do pentecostalismo híbrido entre os conceitos originados nos Estados Unidos e na Europa. Ao longo de sua história centenária (1911-2011) até os dias atuais, foram desenvolvidas características que fortaleceram a sua identificação, enquanto referência desse segmento religioso. Constituiu-se como igreja mais influente do movimento pentecostal brasileiro (ALENCAR, 2012).

Em 1911, o pentecostalismo assembleiano não possuía personalidade jurídica, institucionalização, hierarquia de cargos, títulos e patrimônios. Essa denominação nasceu congregacionista, tanto em suas origens suecas como nas americanas, e permaneceu assim até a década de 1930. Era considerada moderna pela comunicação e liturgia, com a participação de mulheres, pobres e negros. A partir de 1950, mostrou novos contornos, embora mantendo seu conservadorismo de modelo patriarcal, pelo que os homens têm o domínio da Igreja (ALENCAR, 2012).

De acordo com Costa (2017), no movimento da secularização, o pentecostalismo assembleiano se estabeleceu com conflitos internos, relacionados às questões de gênero, mulheres no ministério, expansão e atuação geográfica de cada igreja, domínio da teologia e controle das empresas que capitalizam recursos como a Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD) que está diretamente ligada à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB).

Até meados de 1980, a identidade da IEAD era forjada à luz da sociedade brasileira da época (rural e patriarcal). De 1980 a 2010, houve profundas mudanças, advindo a inserção na política partidária, a atuação no mercado *gospel* as cisões na CGADB e a formalização da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil Ministério Madureira (Conamad). Nessas atualizações, Costa (2017) defendeu

o nome *aggionamento* do pentecostalismo assembleiano, em que se deu a modernização conservadora pelas práticas da tradição.

Novas estratégias foram adotadas para ampliar a posição dessa igreja no cenário religioso, cujas adaptações permitiram seu crescimento, com a identidade pentecostal clássica. A ordem cronológica da evolução do pentecostalismo assembleiano se deu da seguinte forma: em 1946, foi escrita a Resolução do Ministério São Cristóvão; em 1975, criada a Declaração de Santo André; em 1999, realizada a declaração da Escola de Líderes das Assembleias de Deus (ELAD); e, em 2020, apresentado o Manifesto da Reflexão Teológica Pentecostal das Assembleias de Deus no Brasil - a Carta de Campinas (COSTA, 2017).

A base do pentecostalismo era de que o homem se elevaria à atmosfera espiritual, pelo reavivamento da fé em Jesus Cristo. Esse princípio norteou o protestantismo histórico no Brasil, embora não sendo aplicado às igrejas neopentecostais. Houve os movimentos religiosos, de meados do século XX, considerando que os bens materiais são bons e servem aos crentes, desde que mantenham a fé (COSTA, 2017).

O fundamentalismo pentecostal e mais recentemente o neopentecostalismo tiveram sucesso pela maneira interpretativa da Bíblia. Tornaram-se atraentes para muitos seguidores, tanto no meio urbano como no rural. A experiência da fé no pentecostalismo se mostrou mais marcante na vivência religiosa (CARVALHO, 2018). Porém, as mudanças revelaram sua ligação com o modelo patriarcal, em que a membresia possui a visão conservadora sobre a atuação da mulher na família, sociedade e religião. A postura dificulta a ascensão feminina nas posições de autoridade dentro da igreja.

1.3 PATRIARCADO E AMBIENTE RELIGIOSO

A identidade masculina se baseia na visão patriarcal, em que o homem tem prioridade para a liderança e o poder. Ele é o provedor, cabendo à mulher a submissão. Nessa conjuntura, estudos de Hall (2004) e Bauman (2005) trazem o conceito de identidade pós-moderna. Na sociedade ocidental moderna, a identidade foi reformulada por mudanças da construção ideológica. Com a industrialização, os sujeitos passaram a agir como trabalhadores que se deslocavam para o trabalho, tendo a identidade flexível pela própria estruturação social.

Desse modo, os indivíduos mudam suas identidades e criam escolhas, a partir de novos sistemas de valores. Bauman (2005) trata que o debate sobre a identidade é justificado por muitos fatos que outrora eram considerados verdades imutáveis e inquestionáveis, mas foram deflagrados e substituídos por outros valores. Hall (2004) traz que a discussão sobre identidade revela uma crise - o que era estável e fixo foi questionado e colocado em dúvida. Essa crise se desenvolveu pelas mudanças sociais do fim do século XX. Elas influenciaram a vida das pessoas, a partir de questões sobre gênero, etnia, categoria de classe, sexualidade, entre outras.

As mudanças nos valores e padrões sociais levaram os indivíduos a questionar o sentido da vida, as opções e referências pessoais. Para Bauman (2005), não é possível que o sujeito se comprometa com uma única identidade, imutável, durante toda a sua vida, pois ele passa por várias perspectivas. A identidade pode ser constituída socialmente, evoluindo com o dinamismo da história que varia no tempo, portanto, ela é construto modificável.

Segundo Pleck (1981 *apud* ABUMERE, 2013), as primeiras influências desse construto se basearam em noções de gênero, colocando em xeque muitos fatores de representação da masculinidade. As ideias pós-estruturalistas da masculinidade, especialmente aquelas fundamentadas em Lacan (1998) e Foucault (1984), estão na ação social e nas relações de poder com seus aspectos identitários, no entanto, sem terem a compreensão determinista de poder como é a estrutura ideologicamente inspirada e imutável.

Ao estudar a questão da identidade e sua relação com a masculinidade, Abumere (2013) destacou que essa é construída social, histórica, política e culturalmente. Ela tem a interpretação engajada na participação na sociedade, fornecendo a imagem de força, poder e superioridade dos homens, mas foi questionada com o advento do feminismo.

Nesse sentido, Silva (2000) abordou a crise da masculinidade, em que os homens estariam colocando sua identidade na perspectiva da melhor descrição de si. O modelo de masculinidade hegemônica, apregoado e idealizado por homens e mulheres, contribui para a valorização de modos específicos de ser homem, com os estereótipos de indivíduos fortes, corajosos, com capacidade de enfrentar as situações de risco.

Oliveira (2004) atesta que os estereótipos têm início no nascimento, quando os meninos são envolvidos em cobertores azuis e as meninas utilizam os cor-de-rosa, além da decoração com formas e brinquedos diferenciados. Outras principais diferenças começam no período da aquisição da linguagem. As palavras tratam das distinções entre os sexos. Além disso, em muitas culturas, as crianças aprendem que o homem tem *status* de primeira classe, enquanto a mulher ocupa o segundo lugar.

Comportamentos considerados degradantes para a mulher, como ter muitos relacionamentos ao mesmo tempo, são vistos como positivos para os homens. Desde a infância, os pais costumam valorizar e enfatizar as diferenças entre meninos e meninas. Essa visão de mundo apregoa a superioridade masculina, mas a compreensão da identidade entra na discussão dos avanços femininos nos diversos contextos sociais.

1.3.1 Identidade masculina e religião

Na visão de mundo dos homens, sobretudo, em relação às mulheres, a identidade pode ser compreendida como conjunto de valores, cujo significado simbólico reforça a individualidade e o sentimento de pertença (CASTELLS, 2003). Desse modo, o ambiente sociocultural influencia diretamente nas percepções do indivíduo de si mesmo e dos outros (GOFFMAN, 1998). Essa é a identidade social ligada à cultural, uma vez que essa representa a construção do sentimento de pertença ao grupo.

Segundo Hall (2004), a identidade cultural é fundamentada em aspectos do sentimento e pertencimento a um grupo específico. Com identidades construídas socialmente, as expectativas masculinas estão arraigadas à sociedade em que os sujeitos vivem. Desde bem pequenos, os meninos aprendem papéis de gênero, „apropriados“ de acordo com as expectativas de masculinidade da sociedade em que estão inseridos. Isso significa que, desde muito cedo, os meninos recebem mensagens sobre o que significa ser homem.

Nesse sentido, a identidade masculina é formada pela percepção pessoal que o indivíduo tem em relação ao seu gênero (OLIVEIRA, 2004). Nessa conjuntura, Molina (2015) assegura que os homens são influenciados por aspectos da educação, da experiência e do ambiente social. Surgem ideais de determinação da

masculinidade, cuja formação advém de raça, classe, habilidade e orientação sexual.

Essa identidade está relacionada à masculinidade carregada de características atribuídas pela cultura. Os homens, desde meninos, são levados a acreditar que não podem chorar, pois precisam manter a figura do forte. Esse ensinamento é seguido por gerações. A formação sentimental se determina pelo sexo. A rigidez dessa educação é socialmente aceita, mesmo que exista violência (MOLINA, 2015).

Os homens e as mulheres que se adequam às expectativas sociais são melhor inseridos ao grupo social, visto que desde a infância recebem uma “lista” de papéis e expectativas socialmente valorizadas que constituem a masculinidade e ou feminilidade convencional. Assim, esses estereótipos estão arraigados na concepção da masculinidade e, conseqüentemente, da identidade masculina. Isso ocorre porque a socialização da masculinidade (o que deve ser feito ou não, para ser homem), tem início no nascimento e prevalece ao longo da vida (OLIVEIRA, 2004). Portanto, a socialização masculina ou feminina ocorre a partir da internalização das regras daquilo que pode ou não pode, ser feito pelo homem e pela mulher.

A identidade é forjada na sociedade, em que os estereótipos reforçam o poder do homem e da superioridade. Desse modo, ocorre a socialização com as regras do que pode ou não ser feito pelo homem e pela mulher, do nascimento ao longo da vida (OLIVEIRA, 2004).

Os estereótipos masculinos apresentam a estrutura que sustenta as diferenças construídas entre os sexos (EDWARDS, 2015). O modelo dominante almejado pelos homens é descrito por Connell (2011) como masculinidade hegemônica. Trata-se da hierarquia que dá posição superior ao homem e reforça a ideia do masculino como provedor econômico.

Desse modo, a masculinidade hegemônica é caracterizada por vários critérios, tais como: distanciar-se da feminilidade, restringir emoções, ser agressivo para evitar a vulnerabilidade, demonstrar força e virilidade, provar heterossexualidade (CONNELL, 2011). No entanto, essa posição é contestável, podendo ser modificada pela cultura. Estudos dessa identidade demonstram que não existe uma única masculinidade, mas sim, múltiplos modelos desta. Há uma

multiplicidade de maneiras de ser homem, de acordo com cada momento histórico (EDWARDS, 2015).

A masculinidade é múltipla, histórica e contingente, bem como relacional e contraditória. A histórica posição hegemônica da masculinidade tradicional já se mostrou estereotipada no século XX e as atividades machista-calvinistas resultaram dos tipos de socialização convencional, considerada apropriada para os homens ocidentais. Entretanto, nas últimas décadas, alguns optaram por resistir à masculinidade hegemônica, ainda que, de forma inconsciente, entendendo como danoso o seu modelo. Esses defendem que a restrição das emoções e a provação da masculinidade não são meios gratificantes de viver a vida (EDWARDS, 2015).

Tem-se um novo modelo de conscientização contemporânea que tem levado seus defensores a viverem fora dos padrões da masculinidade hegemônica. Agir sem violência, reconhecer a importância da mulher na sociedade, não ter atitudes homofóbicas, entre outros exemplos, são características que classificam um grupo. Daí surgem encorajamentos e críticas em variados ambientes socioculturais, sobretudo, no contexto religioso, pois tais comportamentos podem demonstrar fuga da identidade masculina (EDWARDS, 2015).

Essa identidade hegemônica é defendida por homens e mulheres, sendo vista como essencial para a construção da sociedade. Defendem-se as características masculinas de poder/força, racionalidade, heterossexualidade, assumir riscos, dominação, liderança, controle e repressão das emoções. Contudo, as masculinidades podem ser alteradas ou substituídas, pela própria socialização de ideias. Um dos principais problemas discutidos é o de que as mulheres são fundamentalmente inferiores aos homens (EDWARDS, 2015).

Essa visão tem como base o pensamento de Aristóteles, que supôs que a masculinidade foi equacionada com a racionalidade humana dos homens, e as mulheres marcadas por sexualidade, emoção e seus corpos. Trata-se da educação ocidental embasada na cultura grega. A Grécia antiga estabelecia o padrão masculino, educando meninos para serem guerreiros e meninas para a área doméstica. Esse pensamento liga a masculinidade à virtude da coragem, especificada com a bravura, a força e a excelência nas batalhas. Essa virtude não era atribuída às mulheres, vistas como frágeis para atuar no campo de batalha, sendo excluídas dos treinamentos militares (SILVA, 2000).

A coragem, como performance masculina, era levada tão a sério que, em Esparta - uma das principais cidades gregas, os meninos treinavam exclusivamente para o combate, a partir dos sete anos de idade. Jovens espartanos mantinham treinos contínuos, a fim de manterem os preparatórios de guerra. Soldados considerados covardes no campo de batalha perdiam a cidadania, sofriam humilhações e até o exílio. O rigor, a repressão e a punição faziam parte dessa cultura militarista de Esparta.

De acordo com Silva (2000), apesar da coragem ser tão destacada pela cultura espartana, essa não era a única virtude da masculinidade na Grécia antiga. Para os cidadãos atenienses, ser homem, além da coragem, também implicava em ser chefe de família e, sobretudo, estar envolvido ativamente na vida pública. Os políticos eram considerados masculinos, pois tinham o domínio do discurso e do pensamento crítico. Às mulheres, por sua vez, assim como acontecia na guerra, do mesmo modo não eram consideradas para a política. O público pertencia aos homens, enquanto as mulheres pertenciam à esfera privada, cuja principal função era gerar herdeiros masculinos para a *pólis*.

Os atenienses percebiam as relações sociais de maneira bipolarizada, homens de um lado e mulheres de outro e as funções específicas de cada um eram bem delimitadas: o homem deveria trabalhar no exterior do *oikos*⁴ providenciando o necessário para a subsistência de todos os integrantes do mesmo e exercendo a prática política e a guerra, enquanto a mulher permanecia no interior do *oikos* e administrava aquilo que o marido adquirisse (FARIA, 2007, p.95).

Nesse sentido, Molina (2015) afirmou que as masculinidades ou as diferentes qualidades associadas ao homem, embora sejam dinâmicas e mudem conforme a história, têm em comum a persistência do domínio que parece naturalizado. As masculinidades são relacionais, cujos parâmetros constituem as crenças e os

⁴ Habitualmente traduzido como “casa”, todavia, essa tradução empobrece substancialmente esse conceito grego, nosso idioma não dispõe de uma palavra que englobe toda a riqueza que o termo comporta no vernáculo original. O *oikos* era uma unidade social e de produção composto por pessoas, bens móveis e imóveis, possuía um caráter privado e funcional cuja manutenção era obtida pelo estabelecimento de relações pessoais e hierarquizadas que personificavam no homem (chefe do *oikos*) a autoridade máxima e a qual todos que pertenciam a tal *oikos* estavam submetidos (FARIA, 2007, p 59).

comportamentos. As qualidades femininas incluem altruísmo, sensibilidade, ternura e deferência.

Nesta concepção em que a masculinidade e a feminilidade resultam do patriarcado que exige o domínio dos homens sobre as mulheres. Essas exercem o trabalho doméstico e reproduzem as instituições sociais que organizam a vida subordinada. A hierarquia é mantida por ideologia e prática de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2011).

De acordo com estudo de Connel (2011) a religião é uma das principais fomentadoras da masculinidade hegemônica, que requer a incorporação de uma masculinidade ideal para manter a dominância. Tal estudo foi baseado na década de 1980, mas caracteriza a realidade de muitas religiões atualmente. Essas são as principais fomentadoras da masculinidade hegemônica, que requer a incorporação da masculinidade ideal para manter a dominância. No entanto, a IEAD, com a secularização, passou por mudanças e as mulheres assumiram novas posições, realizando diversas atividades, antes prioritárias para os homens.

As organizações religiosas, concebidas para servir aos homens, reproduzem as noções tradicionais de masculinidade. Os seus métodos não ameaçam novas percepções tipicamente hierárquicas da estrutura social mais ampla, que é o domínio dos homens sobre as mulheres. A mudança dos cenários sociais também cria novas relações entre masculinidades e feminilidades (MOLINA, 2015).

No cristianismo, mudanças podem representar ameaças ao domínio masculino, ora consideradas feminização da religião. Os que persistem nos valores do pensamento hegemônico acreditam que mudar é prejuízo para as organizações religiosas e a sociedade (CARVALHO, 2018). Essa visão contribui para a moralidade comportamental. Os discursos de padres e pastores citam referências bíblicas, sendo comum ouvir:

Vós mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor. Porque o marido é a cabeça da mulher, como também Cristo é a cabeça da igreja, sendo ele próprio o salvador do corpo. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos (EFÉSIOS 5:22-24).

A esse respeito, os estudos de Scott (1995) e Connell (2011) expuseram a religião como plataforma que facilita a subordinação feminina. Ao lidar com os

direitos das mulheres, a religião pode ser percebida como obstáculo. De fato, muitos agentes religiosos assumem a postura firme em relação às questões feministas. Nesse sentido, Scott (2009) aborda o secularismo, cujas instituições mostram seu ponto de vista histórico e não oferecem a conexão necessária entre secularização e igualdade.

Na IEAD, elas têm se envolvido mais nas atividades religiosas, bem como reivindicaram sua participação na política e em áreas sociais. Entretanto, ao abordarem as relações de gênero na religião, Brown (2001), Scott (1995), Connell (2011), Molina (2015) e Toldy e Santos (2016) mostraram a prevalência masculina. Mesmo que as mulheres superem os homens em participação, continuam relegadas à submissão de não administrar uma igreja, nem elaborar a normativa institucional.

A percepção traz, de um modo geral, a religião fundamentada por noções do patriarcado e da masculinidade hegemônica. Consideram-se a dominação masculina e a submissão feminina pelos estereótipos que influenciam pensamentos e atitudes. Pode ocorrer um mal-estar advindo de preconceito e discriminação de uns contra outros, o que afeta a vida na estrutura social (MAZZEO, 2015).

O aumento da participação feminina em organizações religiosas está explicado pela socialização, que mudou estruturas na sociedade. Foi um tipo de resposta às desigualdades materiais e sociais. Como consequência, não se pode negar o avanço da mulher nas instituições, mesmo sob o *status* patriarcal.

O patriarcado é a estrutura que considera o homem como líder, por deter o monopólio do poder. Para fundamentá-lo, é comum o emprego de argumentos sociobiológicos, baseados na biologia e na genética. Firmam-se o controle e a superioridade masculina, como destacou Bourdieu (2012). Também existem as teorias construcionistas sociais (pós-estruturalistas), criadas para determinar o significado da questão do gênero, conforme apontam Butler (2003) e Scott (1995).

As normas sociais e comportamentais para os sexos foram construídas com base no patriarcado, cujo domínio dos homens alcança os sistemas sociais, culturais, religiosos e políticos (MOLINA, 2015). A família tradicional monogâmica foi estabelecida pela Igreja e pelo Estado em várias sociedades, desde a Antiguidade. O homem aparece como figura central na comunidade e no ambiente familiar, sendo responsável pelo sustento da casa.

Ter a responsabilidade do grupo era a função do patriarca, também incumbido de ser sacerdote no culto ou de atuar como juiz, nas soluções de conflitos (BUTLER,

2003). Antes do século XIX, a autoridade masculina advinha da chamada ordem natural. Pós-teoria evolucionista, de Charles Darwin, as explicações de domínio partiam da Biologia, como assegurou Bourdieu (2012).

De todo modo, as origens do patriarcado estão diretamente relacionadas ao que a sociedade impõe a todos. Os estudiosos Butler (2003), Scott (1995), Castells (2003) e Saffioti (1996) discutiram sobre o porquê de as mulheres serem tipicamente pensadas para a função doméstica, enquanto se espera que os homens busquem o crescimento profissional, mantendo sua posição de provedor. Essa divisão do trabalho é geralmente percebida como suposto controle masculino sobre o feminino, como observou Bourdieu (2007), ao abordar a dominação masculina, destacando que o homem é superior e dominante no contexto social da maioria das culturas do mundo, inclusive daquelas isoladas.

Castells (2003) e Saffioti (1996) avaliaram as origens do patriarcado no sistema social em que o masculino atua como principal figura de autoridade. Pais detêm o senhorio de mulheres, crianças e propriedades. É o poder como privilégio masculino, o que implica a subordinação feminina. Sobre esse tema e sua influência na formação da identidade, Castells (2003) examina a desintegração da família patriarcal. E afirma que esta é um processo que depende da diversificação de famílias e do aumento do número de mulheres na vida profissional. As mudanças nos meios de produção influenciaram o desenvolvimento dos indivíduos e seus papéis sociais.

A partir de 1980 e 1990, surgiu a reação de dar abertura para o feminismo (CASTELLS, 2003). Não foi apenas uma batalha ideológica, mas uma crise para a família patriarcal. O pai era o líder, porém outros modelos de família colocaram essa ideia de superioridade em discussão. Além disso, havia muitas mulheres exercendo a função de chefe da casa, provedoras do sustento dos filhos, sem o marido para esse apoio.

A crise patriarcal, segundo Castells (2003), foi acentuada pelas estatísticas de divórcios, violências, filhos extraconjugais, famílias homoafetivas, entre outras situações que provocaram a rejeição da autoridade masculina. Mesmo assim, conforme Saffioti (1996), os homens continuaram a valorizar a ideologia dos machistas, pelo oferecimento de privilégios. Sua continuação, até certo ponto, dá-se pelo apoio das mulheres socializadas pela dominação masculina. Elas não contestam nem questionam a suposta inferioridade social.

A estrutura familiar patriarcal traz a hierarquia de dominação masculina. Mulheres mantidas na subordinação sustentam o regime de exploração. De um lado, há o controle social dos homens; de outro, a opressão sobre as mulheres. Nesse contexto, as religiões também formam as bases simbólicas do poder.

1.4 MULHER ATUANTE NA RELIGIÃO EVANGÉLICA

A compreensão da identidade do homem e da mulher, no que se refere à liderança na sociedade, no mercado de trabalho e na religião, geralmente, mantém o modelo conservador, tradicional e patriarcal. No meio evangélico, a mulher é considerada auxiliar e apoiadora do homem. Essa visão traz a autoridade desse e a participação daquela.

Desse modo, ambos seguem juntos na religião, havendo certa renovação de ideias e readaptação dos objetivos da participação feminina. A mulher deixou de realizar apenas os serviços simples no campo religioso, após a abertura de possibilidades de ministração de palestras, estudos e outras atividades. Apesar desse avanço, a visão conservadora de submissão se mantém.

1.4.1 A História das Mulheres na IEAD

A historiografia das mulheres nas Assembleias de Deus demonstra as atuações de pessoas comuns, pastoras e lideranças reconhecidas, cujo protagonismo se deu ou não, com reconhecimento. O assunto já foi estudado por Costa (2017) e Alencar (2012), bem como por autores internacionais, como por exemplo de Brusco (1986) e Eriksen (2014).

O protagonismo feminino tem sido observado no Brasil e em outros países. Como Brusco (1986) estudou as igrejas pentecostais colombianas, ele examinou o impacto do pentecostalismo na dinâmica de gênero. Sua principal verificação foi que o machismo tradicional exercido pela masculinidade hegemônica tem sido combatido nessas denominações. O autor considerou que a conversão dos maridos ao pentecostalismo e a adoção do código moral, baseado no ascetismo e no cuidado da família, geraram boas circunstâncias de liberdade para as mulheres. Contudo, suas considerações foram contestadas por Eriksen (2014) que apresentou um relato menos otimista do impacto desse segmento nessa dinâmica.

Eriksen (2014) abordou que homens e mulheres atuam na igreja, conforme as posições e os *status*. As relações de gênero são frequentemente definidas nos aspectos patriarcais, o que tem sido o motivo de as mulheres permanecerem ausentes da administração. Elas exercem atividades, mas não detêm a autoridade administrativa e/ou normativa. Essa visão foi estudada por Aragão Filho (2011), Alencar (2012), Gouvêa Neto (2015), Albuquerque (2016), Vilhena (2016), Marques (2017) e Rocha (2018).

Como observaram Rocha (2018) e Albuquerque (2016), as mulheres que servem de exemplo de liderança na IEAD conquistaram seu espaço como cantoras, executivas, acadêmicas, entre outras. Essas superaram a tensão entre o privado e o público, exercendo sua capacidade de serem sociais e politicamente ativas. Adquiriram os recursos materiais e simbólicos necessários para tornarem esse protagonismo possível.

A história de protagonistas pode ser lembrada pelo que ocorreu com Frida, em meados do século XX. Frida Maria Standberg Vingren (1891-1940) foi uma missionária sueca que chegou ao Brasil, em 1917, por meio da Igreja Filadélfia de Estocolmo. Ela ajudou na expansão do movimento pentecostal da IEAD, tendo atuação de suma importância, embora sua memória tenha sido relegada ao esquecimento por 80 anos (VILHENA, 2016; MARQUES, 2017).

Naquele tempo, esse tipo de dominação era ainda mais acirrado. Atualmente, a presença das mulheres na liderança pentecostal aumentou. Há novas reconfigurações da autoridade religiosa. Em diferentes épocas, essas mulheres demonstraram o seu valor em ambientes com autoridade masculina predominante.

A liderança feminina e sua importância têm sido vistas na trajetória das IEADs no século XXI. Apesar de ainda exercerem o protagonismo sob a autoridade masculina, as mulheres pentecostais são indispensáveis para a expansão das igrejas (VILHENA, 2016). O papel destas na religião é considerado muito relevante. Desde o início da IEAD, havia as ocorrências de a esposa ministrar em parceria com seu marido. As corajosas serviram a obra como evangelistas, missionárias, escritoras, pastoras e educadoras. Mesmo assim, a prática de reconhecimento do ministério feminino continua em debate (ROCHA, 2018).

Na religião, a mulher tem sido assunto bastante debatido nos últimos 25 anos, principalmente, no meio evangélico (LIMA; MELLO, 2016). Algumas lideranças se baseiam em versículos bíblicos para valorizarem a mulher sábia. Um dos exemplos

é Miriã que atuou com seus irmãos, Moisés e Arão, em Israel: “Então Miriã, a profetisa, a irmã de Arão, tomou o tamboril na sua mão, e todas as mulheres saíram atrás dela com tamboris e com danças” (ÊXODO, 15: 20). Outra personagem feminina de amplo destaque no Velho Testamento é Débora que exerceu a função de juíza

E Débora, mulher profetisa, mulher de Lapidote, julgava a Israel naquele tempo. Ela assentava-se debaixo das palmeiras de Débora, entre Ramá e Betel, nas montanhas de Efraim; e os filhos de Israel subiam a ela a juízo. {...} Então lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. E disse ela: Certamente irei contigo, porém não será tua a honra da jornada que emprenderes; pois à mão de uma mulher o Senhor venderá a Sísera.⁵ E Débora se levantou, e partiu com Baraque para Quedes (Juízes 4:4,5,8,9).

Tanto o Antigo quanto o Novo Testamento registraram algumas mulheres que desempenharam seus dons. Na igreja primitiva, Tabita (Dorcas) iniciou seu ministério de benevolência através de sua voz profética, conforme demonstrado em Atos dos Apóstolos: “E no dia seguinte, partindo dali Paulo, e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesaréia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. E tinha este quatro filhas virgens, que profetizavam” (Atos 21:8-9). A participação feminina na Bíblia demonstra sua importância na história do povo de Deus, mesmo vivendo em épocas de expressiva liderança masculina.

Na IEAD do Brasil, as mulheres ocupam um papel de suma importância, apesar de sua liderança ainda ser ofuscada pelo processo hierárquico masculino. De acordo com Rocha (2018), as pentecostais dedicam-se à vida na obra, conforme as Sagradas Escrituras, abominando as situações que possam colocar em risco a honra. Esse compromisso, por si só, já faz com que sejam reconhecidas em sua capacidade ministerial.

As mulheres da IEAD, particularmente aquelas que exercem a liderança, ainda lutam para a superação das fronteiras entre atuação feminina e engajamento religioso masculino, além de debaterem sobre a rejeição de aspectos relacionados ao consumismo e ao conservadorismo. Atualmente, muitas pentecostais são protagonistas no âmbito religioso, econômico, político e de trabalho. Elas exercem a

⁵ Grifo da autora, para ressaltar a atuação feminina e seu ministério, mesmo nos tempos remotos do patriarcado bíblico.

liderança, junto ao grupo em que a autoridade masculina prevalece (GOUVÊA NETO, 2015; ROCHA, 2018).

Tem ocorrido o empoderamento das assembleianas, o que serviu no passado, agora não serve mais. As mulheres cristãs buscam novas conquistas e posturas que demonstram diferentes olhares para o papel feminino (GOUVÊA NETO, 2015). As mulheres indicadas para o exercício do ministério não são consideradas feministas⁶, no entanto, não podem aceitar a submissão de seu chamamento. As práticas para aumentar o número delas nos ministérios vêm superando a masculinidade prevalecente até os dias atuais. Nesse contexto, o resgate da história de Frida Vingren, cuja atuação se deu na fundação e expansão da IEAD no Brasil, é uma forma de valorização da mulher no meio religioso, sobretudo na IEADs (VILHENA, 2016).

Embora haja indicações de que algumas denominações da IEAD têm valorizado esse ministério, outras ainda se mostram resistentes. A secularização trouxe uma série de mudanças para as ADs, contudo, ainda prevalecem certos preceitos com interpretação literal: “[...] mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (1 TIMÓTEO 2:11-12).

Buscaram-se, porém, transformações, tais como as ocorridas no pentecostalismo, em relação ao sistema de gênero hegemônico. De acordo com Machado (2005), no período de 1990 a 2005, houve ampliação da autonomia feminina, quanto aos seus parceiros e familiares. Sobre o pastorado, tem-se que o ministério é do casal, como continuidade do ideário cristão. Entre as religiões pentecostais, a Igreja Universal parece aceitar melhor essa participação delas.

Pateman (2008) assegura que a identidade construída no patriarcado impõe a diferença política entre a liberdade e a sujeição. O domínio sexual é a forma mais utilizada pelos homens para afirmar sua masculinidade. Diante disso, há a falácia de considerar a igualdade de oportunidades entre os sexos.

⁶ “Movimento Feminista é aquele que tem como perspectiva a transformação das relações de gênero, cujo foco de atuação é a luta por liberdade e igualdade para as mulheres, o que o torna um movimento contra a exploração e a dominação às quais estão sujeitas as mulheres. É importante dizer que situo o Movimento Feminista como parte do Movimento de Mulheres, o qual compreende todas as formas de organização de mulheres que lutam por diferentes objetivos. Há, entre essas várias formas de organização, um movimento dialético a partir do qual a questão das mulheres e as questões trazidas pelas mulheres ganham sentido na esfera pública” (AVILA, 2009, *on-line*).

Com base em dados, Segato (2016) atesta que a violência contra mulheres tem aumentado não apenas em quantidade, mas em crueldade. A mulher não é mais um território de conquista, pois objetiva-se a destruição de seu corpo. Essa prática é um problema com raízes no patriarcado, em que o homem mantém tal autoridade, independentemente do que tenha que fazer para isso.

Nesse sentido, as igrejas pentecostais, mesmo ao pregarem a obediência e a submissão da mulher, transmitem que o homem cuida e valoriza sua mulher. Entre os versículos citados, há o de Efésios 5:25: “Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”. Desse modo, pode se dizer que os assembleianos possuem a visão conservadora da mulher na religião, família e sociedade. Entretanto, a atuação missionária de Frida Vingren, demonstra a participação feminina na missão religiosa. O silenciamento sobre a vida desta pioneira assembleiana explicita uma tentativa de apagamento da memória das ações femininas no ministério.

1.4.2 Frida Vingren e sua Representatividade Assembleiana

Em sua trajetória, Frida enfrentou muitos desafios, sobretudo depois da morte de seu marido Gunnar Vingren, em 1932, quando eles retornaram à Suécia. Após o falecimento do esposo ela foi impedida de voltar ao Brasil, tendo sido internada várias vezes em hospitais psiquiátricos até o seu falecimento em 1940 (VILHENA, 2016). O silêncio sobre seu pioneirismo nos primórdios da IEAD no Brasil, o não reconhecimento de sua atuação missionária perpassa pela violência simbólica, devido à dominação masculina (MARQUES, 2017).

Aqui faremos uma exposição e reflexão sobre a vida desta pioneira assembleiana. Frida Vingren foi uma missionária que juntamente com seu marido Gunnar Vingren, auxiliou na implantação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em solo brasileiro. Esta pioneira deixou sua história de fé e compromisso com a obra de Deus, como exemplo às outras mulheres.

Seu nome de família era Frida Maria Strandberg. Ela nasceu em Själevad, distrito de Västernorrlands, no norte da Suécia, no dia 9 de junho de 1891, filha de Jonas Strandberg e Kristina Margareta Sundelin, cristãos luteranos que a criaram à luz dos ensinamentos cristãos (ARAÚJO, 2014). A figura 1 apresenta Frida, aos

cinco anos de idade, juntamente com seus pais, e a figura 2, já estava na adolescência.

Figura 1 - Frida e seus pais, na infância. Figura 2 - Frida na adolescência



Fonte: Araújo (2014, p. 27).

Fonte: Araújo (2014, p. 18).

Frida seguiu os passos dos pais, Jonas e Kristina, mantendo-se nos caminhos cristãos. Para ela o seu chamado para as missões já estava nítido há tempo. Desta forma, objetivando ser enviada, pela Evangeliska Fosterlands-Stiftelsens (Associação Evangélica da Pátria), ao campo missionário, ela iniciou sua preparação para atuar na obra, buscando se qualificar. Nesta fase de preparação ela fez um curso de estudos bíblicos, com duração de oito meses no Svenska Bibel-Institutet (Instituto Bíblico Sueco), mantido pela Associação supracitada. Depois cursou enfermagem durante dois anos no Hospital de Vänersborg e cursou três meses de estágio numa Casa Infantil em Estocolmo. Paralelamente com a sua qualificação para a obra missionária, seguiu trabalhando como chefe da seção de enfermaria no Hospital Sabbatsbergs, e dedicando-se também à arte fotográfica (ARAÚJO, 2014, p. 20).

A vida de Frida era fundamentada na crença de que estava na direção de Deus, tendo Gunnar Vingren, o mesmo pensamento. O ministério de Frida foi marcado por entrega total aos trabalhos da igreja. Ela era estudada, com cursos que davam base para sua atuação como escritora e articuladora da missão de evangelizar, desde a sua tenra idade. Desde a juventude usou seus aprendizados

na propagação do evangelho. E ao lado de seu esposo, Adolph Gunnar Vingren, com o qual se casou em solo brasileiro, no estado do Pará, Frida foi pioneira na implantação da IEAD no Brasil. O matrimônio foi celebrado em 16 de outubro de 1917, na Assembleia de Deus de Belém, pelo missionário Samuel Nyström. O casamento dos pioneiros fundadores foi profetizado, por um irmão, que dentre outras coisas falara, também do início da obra da IEAD no Pará:

Entre outras coisas, o Espírito Santo falou através desse irmão que Gunnar Vingren deveria ir para o Pará. Foi revelado também que o povo para quem Vingren testificaria de Jesus era de um nível social muito simples. Vingren deveria ensinar-lhes os primeiros rudimentos da doutrina do Senhor. Naquela ocasião, Gunnar Vingren teve o imenso privilégio de ouvir, por intermédio do Espírito Santo, a linguagem daquele povo, o idioma português. Uldin profetizou também que Vingren se casaria com uma moça chamada Strandberg⁷. Deus disse outras coisas que, mais tarde, Gunnar Vingren teve a oportunidade de ver a confirmação. (ARAÚJO, 2014, p. 17).

Figura 3 - Casamento de Frida e Gunnar Vingren



Fonte: Araújo (2014, p. 24).

⁷ Grifo meu para confirmar a ideia que estava sendo apresentada.

Durante os primeiros anos de casada, além do cuidado com os filhos, a missionária se ocupava com as atividades da Igreja, atuando como palestrante, educadora, evangelizadora e editora do jornal da Assembleia de Deus, na época, denominado por *Boa Semente*. De acordo com Araújo (2014), a ajuda entre o casal era recíproca, pois ela podia contar com o frequente auxílio do esposo nas tarefas domésticas. Ela por sua vez colaborava com a ministração da palavra, realizando os cultos, quando seu esposo estava doente. E mesmo diante de tantas atribuições da obra missionária, nunca se descuidou de seus cinco filhos. Portanto, a família de Frida não lhe atrapalhava nos trabalhos missionários.

Figura 4 - Os filhos do casal: Frida e Gunnar Vingren



Fonte: Araújo (2014, p. 125).

Na evangelização, a representatividade de Frida é de grande relevância, principalmente para a mulher assembleiana, cujo trabalho contribuiu para a disseminação da IEAD no Brasil (MARQUES, 2017; ROCHA, 2018; VILHENA, 2016). A missionária e seu esposo participaram dos primórdios da IEAD no Brasil, dando exemplos de comunhão e fé. Trabalhavam juntos para expandir a crença

pentecostal. O casal Vingren participou da semana bíblica em Nyhem, Mullsjö, na Suécia.

Figura 5 - Semana bíblica Nyhem, Mullsjö, 1921



Fonte: Araújo (2014, p. 37)

Silas Daniel em seu livro *História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil*, registrou diversas atividades que eram realizadas por Frida Vingren, o que demonstra seu empenho na obra. Além da capacidade missionária, havia a sua produção literária esboçando amplo conhecimento bíblico, portanto, “[...] lavra da irmã Frida foi uma das mais profícuas da história das assembleias de Deus. Ela é autora de hinos belíssimos da Harpa Cristã e foi a única mulher a escrever comentários da revista de Escola Dominical Lições Bíblicas” (DANIEL, 2004, p. 34). Ela trabalhou no *Jornal Mensageiro da Paz* como colaboradora, redigindo artigos e poesias para a edificação da igreja:

Mesmo aqueles que criticam a sua presença no jornal (seu marido a incentivava, não por nepotismo, mas por Frida ser notoriamente talentosa) eram unânimes em reconhecer que ela era vocacionada para aquele trabalho e uma das mais bem preparadas missionárias evangélicas que já pisaram em solo brasileiro (DANIEL, 2004, p. 34).

A atuação da missionária foi essencial para várias frentes na Igreja. Não deixando suas atribuições do lar, cuidando do esposo. Ela contribuiu inclusive na direção de cultos quando seu marido estava em outras atividades:

Ela era extremamente atuante. Quando Gunnar Vingren não podia dirigir os cultos na igreja de São Cristóvão devido às suas muitas enfermidades, quem os dirigia era sua esposa. Os cultos ao ar livre no Rio de Janeiro, promovidos no Largo da Lapa, na Praça da Bandeira, na Praça Onze e na Estação Central, eram dirigidos pela irmã Frida. Era costume também ela ministrar estudos bíblicos (DANIEL, 2004, p. 34).

Foi responsável pela versão, em Português, do hino A bem-aventurança do crente, publicado no Psalterio Pentecostal, em junho de 1931, no Rio de Janeiro. Posteriormente, a tradução incorporou-se à Harpa Cristã n. 126. Trata-se de uma poesia musicada, que reforça o ethos assembleiano de rejeitar as paixões do mundo. Baseia-se na teologia do sofrimento e da obediência a Deus e na esperança da bem-aventurança no além:

A bem-aventurança do crente

Bem-aventurado o que confia
No Senhor, como fez Abraão;
Ele creu, ainda que não via,
E, assim, a fé não foi em vão.
E feliz quem segue, fielmente,
Nos caminhos santos do Senhor,
Na tribulação é paciente,
Esperando no seu Salvador.

Os heróis da Bíblia Sagrada,
Não fruíram logo seus troféus;
Mas levaram sempre a cruz pesada,
Para obter poder dos céus,
E depois, saíram pelo mundo,
Como mensageiros do Senhor,
Com coragem e amor profundo,
Proclamando Cristo, o Salvador.

Quem quiser de Deus ter a coroa,
Passará por mais tribulação;
Às alturas santas ninguém voa,
Sem as asas da humilhação;
O Senhor tem dado aos Seus queridos,
Parte do Seu glorioso ser;
Quem no coração for mais ferido,
Mais daquela glória há de ter.

Quando aqui as flores já fenecem,
 As do céu começam a brilhar;
 Quando as esperanças desvanecem,
 O aflito crente vai orar;
 Os mais belos hinos e poesias,
 Foram escritos em tribulação,
 E do céu, as lindas melodias,
 Se ouviram, na escuridão.

Sim, confia tu, inteiramente;
 Na imensa graça do Senhor;
 Seja de ti longe o desalento
 E confia no Seu santo amor.
 Aleluia seja a divisa,
 Do herói e todo o vencedor;
 E do céu mais forte vem a brisa,
 Que te leva ao seio do Senhor (HARPA CRISTÃ).

O hino traduzido para o Português por Frida Vingren, na década de 1931, é composto de cinco estrofes. A mensagem é de reflexão para homens e mulheres que ocupam a posição de servos de Deus. Ambos são mensageiros do ministério celestial, que ultrapassa o terreno. As atuações de Frida Vingren condizem com sua dedicação missionária de evangelizar, cabendo seu reconhecimento e legado. O trabalho de Frida possui um valor inquestionável. Quanto a evangelização não media esforços para levar a palavra das Boas Novas a todos, chegou a ministrar a palavra de Deus até mesmo dentro de um presídio (ALENCAR, 2012).

Na década de 1930, Frida era uma mulher à frente de seu tempo, tinha autonomia suficiente para exercer o protagonismo religioso, como destaca Alencar (2012). Mas seus esforços não foram reconhecidos, devido à masculinidade hegemônica presente no ambiente religioso. Ela trabalhou por 16 anos no Brasil como missionária, ao lado de seu marido desbravador, expandindo a fé pentecostal nas regiões Norte e Sudeste (VILHENA, 2016).

Em um de seus trabalhos, ela traduziu um dos escritos de F. Franson, intitulado “Filhas Profetizando”, que foi publicado no jornal *O Som Alegre*, de janeiro de 1930, enfatizando os ensinamentos que tematizavam as mulheres e seus trabalhos na obra de Deus:

É interessante vermos o que a Bíblia diz acerca do trabalho da mulher no evangelho. Visto que dois terços das pessoas convertidas no mundo são mulheres, esta questão torna-se importante. Suponhamos, pois, que verdadeiramente não existe mandamento contra o trabalho da mulher; estamos então diante do triste fato de que Satanás procura empatar dois terços das pessoas convertidas no mundo de trabalharem para o Senhor. E isto é um prejuízo

enorme para a causa do Senhor. [...] Graças a Deus que há um mandamento para as mulheres rebeldes. De outra forma como seria? Tudo é bom e necessário. Mas não há proibição para a mulher se consagrar para ser um vaso de bênção na casa de Deus. Acontece, porém, que os vasos que desonram a casa de Deus pelo seu mau procedimento e desobediência à Palavra de Deus são bem tolerados, enquanto os vasos de honra, os que são cheios do Espírito Santo e usados pelo Senhor são desprezados e criticados. Convém abrimos os olhos para a realidade. Nos diferentes países onde existe a obra pentecostal, as mulheres tomam grande parte no trabalho. Nos países europeus, nos Estados Unidos e até nos países pagãos, elas têm penetrado. Oxalá que as mulheres brasileiras, que certamente não são inferiores às suas irmãs estrangeiras, se consagrassem de tal forma que o Espírito Santo as pudessem chamar para pregar o evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo (ARAÚJO, 2014, p. 81-2).

Embora tenha exercido um importantíssimo papel nos primórdios da IEAD, o casal retornou inesperada e intempestivamente ao seu país em 1932. A partir de 1933 após a morte de seu esposo, Frida não conseguiu vir novamente para o Brasil, tendo a sua história ministerial relegada ao esquecimento. Tal esquecimento possivelmente derivou-se de comentários advindos do Brasil que afirmavam “[...] sobre um possível incidente que teria ocorrido no Rio de Janeiro” (VILHENA, 2016, p. 12).

Assim, ela foi desacreditada, passando por uma série de internações psiquiátricas até a sua morte prematura, na década de 1940. Permaneceu esquecida por muitos anos, sem ver seu empenho missionário reconhecido. Nesse sentido, Vilhena (2016, p. 13) sugere “[...] que esse silenciamento quanto às atividades desta personagem resultou de uma espécie de engenharia social típica de ambientes onde há acirrada disputa pelo poder”.

Ao exemplo de Frida, atualmente, muitas realizam suas atividades religiosas, no entanto, parecem estar no anonimato ou simplesmente na subordinação da autoridade masculina. Essa atividade missionária, como Frida exerceu ao lado do marido, tinha um caráter prático de alcançar a população feminina com maior facilidade. O ministério feminino já era essencial para a Igreja, restava apenas seu reconhecimento (VILHENA, 2011).

A liderança na IEAD pode não permitir o pastoreio feminino, mas a busca por avanços desse tipo de liderança continua em foco. Infere-se que esse é um dos motivos de a história de Frida Vingren parecer esquecida, mas a sua importância está registrada nesta investigação.

Diante das barreiras a serem superadas, defende-se que não há como negar a relevância das mulheres na atuação ministerial. Desde a sua fundação, essa denominação tem contado com elas para a evangelização, sendo pertinente observar as mudanças em sua história até a atualidade.

2 CAPÍTULO 2 - A IGREJA EVANGÉLICA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL NA ATUALIDADE

No Brasil, a IEAD tem sido tema de estudos científicos que colaboraram com esta pesquisa, tais como: Aragão Filho (2011), Alencar (2012), Gouvêa Neto (2015), Albuquerque (2016), Vilhena (2016), Marques (2017), Rocha (2018) e outros. Assim, neste capítulo, abordaremos a relação entre os princípios assembleianos e as questões de gênero, objetivando identificar as mudanças ocorridas dentro desta instituição, bem como o novo perfil de liderança dentro da Assembleia de Deus: a liderança feminina. Serão analisados ainda o perfil pentecostal nas perspectivas atuais e a indumentária feminina. É necessário ressaltar que, ao longo de mais de cem anos de existência da Assembleia de Deus, seus fiéis demonstram suas crenças, a partir das quais defendem regras comportamentais. Portanto, mesmo tendo ocorrido mudanças as mulheres continuam subordinadas à autoridade administrativa dos homens.

2.1 MEMBRESIA E TIPOLOGIAS DA ASSEMBLEIA DE DEUS NO BRASIL

A membresia da IEAD brasileira apresenta características distintas das ADs em outros países, como observaram Costa (2017) e Alencar (2012). Como mencionado, essa denominação teve seu centenário comemorado em 2011, sendo a maior igreja pentecostal do mundo, desde 1950, pela elevada adesão de seus seguidores. O segmento pentecostal se dá com ênfase a Atos dos Apóstolos sobre o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes (MARQUES, 2017).

Os dogmas assembleianos apresentaram algumas mudanças desde a sua fundação, principalmente com a secularização. O processo de secularização trouxe transformações em seus estatutos, nos usos e costumes e no modo de se relacionar com o mundo. Em 1975 ocorreu uma revisão dos estatutos da IEAD, no entanto, foram mantidas as restrições quanto à indumentária masculina e feminina⁸. Em 2011, durante as comemorações do centenário da IEAD no Brasil, ocorreu uma

⁸ Trata da vestimenta e da aparência tanto da membresia masculina, como feminina da IEAD (para maiores detalhes vide Estatuto da CGADB, 1946).

reformulação de seu estatuto, possibilitando uma modernização e uma atualização de suas tradições, mantendo, contudo, o seu perfil conservador.

Alencar (2012) assegura que, em 1988, ocorreu a modificação das tradições suecas e americanas, quando a denominação se reformulou com a modernização do perfil conservador. Essa transformação ocorreu sobretudo, no âmbito teológico. O autor relata também que a IEAD não tem ligação com a ideologia do “destino manifesto”. Assim, os suecos somente dominaram a membresia nos primeiros quarenta anos. Posteriormente, as lideranças passaram a ser formadas em instituições de ensino, a partir de teologia importada, realizada na própria prática eclesial de muita pobreza e perseguição.

Nesta secularização, as mudanças dos usos e costumes repercutiram no sistema comportamental dos membros. A disciplina rígida e o temor de perder a salvação foram amenizados e ampliaram os diálogos entre lideranças e membros.

Nesse sentido, Costa (2017) observou que essas mudanças estiveram relacionadas aos aspectos do consumo da sociedade contemporânea. Os valores individuais passaram a ser importantes, em detrimento da institucionalização e do sagrado. A Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) mostrou nova tendência das igrejas desse seguimento, em contínuo crescimento em todas as cidades brasileiras. A membresia percebeu a liderança empreendedora de projetos expansionistas, atualizados com o consumo e as possibilidades de comportamento, antes marcado pela ascese.

As manifestações da CGADB promoveram novos olhares em relação aos usos e costumes, quanto à época assembleiana clássica. Houve eventos que se destacaram em sua história: “Seminário de Reflexão Teológica do Movimento Pentecostal”, em Campinas, São Paulo, de 26 a 28 de agosto de 2010. Esse acontecimento produziu o manifesto conhecido por *Carta de Campinas* no mesmo período, que objetivou definir a teologia e a identidade assembleiana em oposição ao neopentecostalismo (COSTA, 2017).

Essa carta foi divulgada para a membresia em 10 de setembro de 2010, no *site* da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD News), sendo sua realização atrelada ao centenário de fundação da IEAD no Brasil.

Alencar (2020) destaca as tipologias da Assembleia de Deus da seguinte forma: rural, urbana, autônoma e difusa. A primeira prevaleceu no início da instituição, mas ainda é significativa na atualidade. Ela nasceu com o *ethos*

campesino, com as características da mentalidade e estrutura patriarcal, havendo diferença comportamental entre igreja-sede e congregações.

O grupo urbano é atualmente majoritário, devido ao maior número de pessoas nesse centro. A característica desse tipo se dá por sua pluralidade e diversificação, cujos valores são próprios de cidade grande ou interiorana. Já o assembleiano autônomo se deve ao fato de pertencer à denominação que também é autônoma. Segue o modelo sueco de ligação apenas espiritual entre a sua membresia e as igrejas. Também existem assembleias sem filiação com a CGADB ou outra instituição, sendo que algumas surgiram de esforço pessoal do grupo. O tipo difuso é influenciado pela região em que se encontra, tendo características particulares de sua realidade. Esse processo de disseminação assembleiana faz com que outras igrejas pentecostais e neopentecostais lhe respondam afirmativa ou negativamente (ALENCAR, 2012).

Desse modo, a IEAD plural é disseminada pelo País, não existindo um modelo assembleiano único ou exclusivo. A sobrevivência de cada uma se deve à sua membresia, formada sem pretensões de atingir a elite ou apenas um determinado grupo étnico. Tem como base o fundamentalismo religioso, agravado pela contingência dos conflitos mundiais. A teologia visa resgatar as pessoas do mundo, em que os fiéis se manifestam simultaneamente, mas de forma alternada e (in)dependente (ALENCAR, 2012).

Notam-se os fenômenos da especificidade e da generalidade de segmentos da mesma religião pentecostal. A membresia das ADs é composta por um número maior de mulheres, congregando pacificamente no ambiente conservador. A atualização do pensamento institucional não mudou por completo o padrão do patriarcado, no que se refere a ter pastoras responsáveis por uma igreja.

Percebe-se que a visão baseada no patriarcado - masculinidade hegemônica - fundamentou a religião. Mesmo assim, não se minimiza a relevância das mulheres em sua missão, pois “[...] ganham a simpatia e o respeito do fiel e, por isso, conseguem adentrar em universos que nunca serão explorados por homens” (ROCHA, 2018, p. 72). Nesse sentido, elas estão avançando no ministério pois a tendência é de aceitação do pastoreio delas, como destacaram Lima e Mello (2016).

A Convenção Evangélica das Assembleias de Deus do Distrito Federal (CEADDIF) já tem promovido algumas mulheres para cargos de liderança. Elas

exercem o pastorado por meio da convicção, sendo movidas pela fé. Têm a formação teológica para atender às demandas dos ministérios. Esse avanço reforça o protagonismo feminino na religião, uma vez que elas constroem interações sociais, cujas estratégias foram adquiridas em suas trajetórias.

Essas conquistas, como asseguram Lima e Mello (2016), Santos (2020) e outros, não são compartilhadas com o mesmo entendimento pelos assembleianos. Nesse sentido, Costa (2017) afirma que a identidade de homens e mulheres é construída conforme a realidade social, de forma estratégica. A IEAD alcançou seu centenário, passando por momentos conturbados no País, como na Ditadura Militar.

A globalização econômica e cultural e os avanços tecnológicos provocaram a reformulação institucional dessa denominação. Sua estrutura e seu núcleo central assumiram a natureza cambiante e fragmentária, em que houve novas dinâmicas, mas, em geral, o *ethos* se manteve com seus valores estabelecidos no início no século XX.

Como observou Hall (2004, p. 108), ocorre a “[...] adesão ao eu coletivo que passa a fazer parte da história de um grupo específico e que se estabiliza num pertencimento cultural e religioso”. Trata-se da manutenção de estereótipos impostos pela masculinidade hegemônica que rejeita a emancipação feminina. Apesar disso, as mulheres encontraram novos caminhos para exercer sua liderança no mercado de trabalho e nos diversos espaços sociais, políticos e religiosos. Algumas ADs têm sido inovadoras em valorizar a participação feminina em seu ministério, embora essa flexibilização não signifique que as mulheres superaram todos os obstáculos (LIMA; MELLO, 2016).

A aceitação da liderança da mulher na IEAD advém do contexto histórico da evolução feminina. As barreiras do patriarcado absoluto foram enfrentadas nos espaços sociais. Mulheres líderes são modelos a serem seguidos, visto seu desempenho, no campo religioso e fora dele. Seus exemplos também servem de incentivos para as outras, uma vez que essas percebem a instituição valorizando-as. Ao encontrar o pastoreio feminino na IEAD, muitas podem se identificar com a instituição. Essa identificação possibilita a ampliação dos seguidores, aumentando a sua representatividade no campo pentecostal. Nessa liderança, tanto as capacidades físicas como o aperfeiçoamento técnico são necessários para aumentar a eficiência do trabalho, gerir adequadamente o capital material, além de proporcionar subsídios para o controle financeiro. Mas o principal interesse tem sido

a gestão do capital humano (LIMA, MELLO, 2016; ALBUQUERQUE, 2016; MARQUES, 2017).

Essas considerações abordam a liderança feminina e sua evolução histórica. Em 1949, Beauvoir (2008) escreveu sobre o papel das mulheres na sociedade. Passados 70 anos da publicação de sua obra, elas continuam a enfrentar barreiras para exercerem a liderança. Entretanto, observam-se seus novos espaços alcançados, dentre eles o ambiente religioso.

Campos (2010) afirma que o século XXI é considerado o período das mulheres constituírem a amplitude do movimento da paridade. Seus domínios aumentaram, pois há certo equilíbrio dos sexos em universidades, por exemplo. Porém, até o momento, a igualdade alcançada não é completa, pois ainda existem discriminação e barreiras de acesso aos cargos superiores.

Para o homem, a mulher pode ser vista apenas como outro ser, sem atribuir-lhe a parceira. No entanto, Oliveira (2009) observa a chegada da mulher ao mercado de trabalho como meio de atenuar a fronteira entre os sexos. Ela não aceita mais a figura de inferior e exige o tratamento igualitário.

Para compreensão da liderança da mulher nas IEADs é importante destacar que as mulheres por se sentirem injustiçadas, começaram a reivindicar igualdade, através do movimento feminista e buscaram seu espaço nos mais diversos espaços sociais. Contudo, com o passar do tempo o feminismo diminuiu em relevância cultural, em relação ao que foi outrora. O enfraquecimento do movimento da promoção da mulher, em sua coletividade, lança sobre cada mulher a pressão por abrir o próprio caminho (LOBOS, 2009).

No campo religioso, Molina (2015) explica que a subordinação natural da mulher ao homem é a forma mais proeminente de a igreja e a masculinidade espelharem a hegemonia. A estrutura de liderança organiza as funções: homens para líderes e mulheres para a cozinha, o voluntariado de cuidados infantis e outros aspectos semelhantes. Desse modo, houve a subordinação feminina naturalizada e mantida na organização religiosa.

Rompendo essa visão, Costa (2016, p. 65) apontou a abertura de espaço feminino dentro do ministério assembleiano, com masculinidade hegemônica. Até 1990, o conservadorismo era extremado, mas houve seu declínio, tanto que, em 2005, “[...] foi consagrada a primeira pastora Cassiane Santana Santos Manhães Guimarães da denominação centenária, indo contra a maioria do posicionamento da

instituição”. É necessário ressaltar que a ordenação da pastora e cantora Cassiane, não é independente; ela foi ordenada a pastora ao lado de seu esposo o pastor Jairo Manhães Guimarães, produtor musical, maestro e cantor. Contudo, tal ordenação é um registro do marco da absorção parcial do patriarcalismo assembleiano, todavia, em sua maioria, as esposas de pastores não são ordenadas junto a estes.

Em 2011, a CEADDIF, presidida pelo pastor Sóstenes Apolos, reconheceu a liderança feminina, exemplificando por meio de referências bíblicas a atuação feminina desde os primeiros tempos: “Bendita seja entre as mulheres, Jael, mulher de Héber, o queneu; bendita seja entre as mulheres nas tendas. {...} As mais sábias das suas damas responderam; e até ela respondia a si mesma” (Juízes 5:24;29), pois sabem o que dizer com sabedoria. Essa sapiência é requerida para homem e mulher na obra do Senhor, em que ambos têm coração voltado a Deus: “Todo homem e mulher, cujo coração voluntariamente se moveu a trazer alguma coisa para toda a obra que o Senhor {...}; assim os filhos de Israel trouxeram por oferta voluntária ao Senhor” (Êxodo 35:29).

Esse voluntariado em servir a Deus é próprio do casal, pelo que a CEADDIF aprovou o ingresso de mulheres como membros da convenção, exemplificando a ordenação delas ao pastorado (COSTA, 2016). Desse modo, a aceitação da liderança feminina ampliou sua atuação no ministério. A posição delas na vida eclesial ganhou espaço nos altares evangélicos e conquistou a confiança dos fiéis (LIMA; MELLO, 2016, p. 119-134). No entanto, ainda existem estranhezas a esse respeito.

2.2 PRINCÍPIOS ASSEMBLEIANOS E QUESTÕES DE GÊNERO

Neste tópico abordaremos as questões de gênero e os princípios assembleianos, compreendendo gênero como algo mais amplo que apenas a análise da bipolaridade homem/mulher, sendo percebido como uma categoria de análise abrangente. Assim, o termo *Gender* passou então a ser utilizado, não apenas para teorizar a questão da diferença sexual entre homens e mulheres,

“Posteriormente, designou também as dissimilitudes dentro do próprio movimento feminista, pois este não é uno e homogêneo⁹” (FARIA, 2007, p.23) pois:

Amplia o foco da história das mulheres cuidando dos relacionamentos macho/fêmea e de questões sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres (Scott, 1992, p.88, *apud* Faria 2007, p.23).

Os princípios assembleianos tratam as questões de gênero entendendo a atuação da mulher e sua subordinação ao homem. O discurso dos que defendem a autoridade masculina se fundamenta na tradição e na Bíblia, conforme podemos observar em Efésios 5:24, o qual afirma que as mulheres devem se sujeitar aos maridos. Essa submissão também é explicitada nos documentos da IEAD, como aquele da Convenção de 1930, realizada em Natal, Rio Grande do Norte, que assim havia determinado sobre o pastoreio feminino:

As irmãs têm todo o direito de participar na obra evangélica, testificando de Jesus e da sua salvação, e também ensinando quando for necessário. Mas não se considera justo que uma irmã tenha a função de pastor de uma igreja ou de ensinadora, salvo em casos excepcionais mencionados em Mateus 12.3-8. Isso deve acontecer somente quando não existam na igreja irmãos capacitados para pastorear ou ensinar (ARAÚJO, 2014, p. 179).

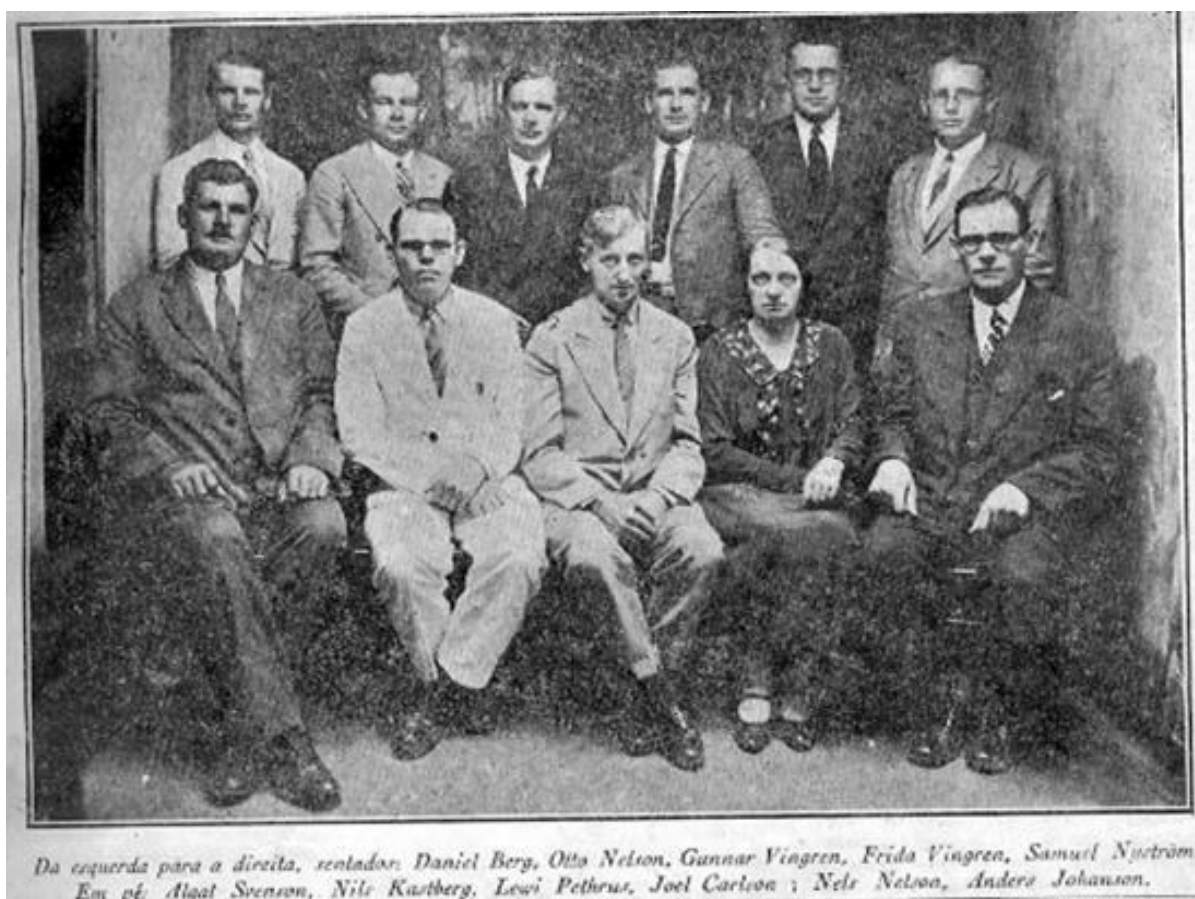
Essa convenção determinou que a mulher não ocupasse função de autoridade dentro da hierarquia assembleiana. E repercutiu no esquecimento do legado de Frida Vingren e no anonimato de outras mulheres (ALENCAR, 2012). Todavia, gradativamente essa visão foi mudando. A historiografia mostra a raridade de encontrar registros/fotos de mulheres nos eventos oficiais. Na figura 6, aparecem os missionários suecos e outros presentes, totalizando 10 personagens masculinas

⁹ O movimento feminino é bastante heterogêneo, não existe uma bandeira única dentro do movimento. Há diferentes teorias femininas que se distinguem segundo as respectivas opiniões a respeito das divisões sociais e sobre a questão da libertação das mulheres. A historiadora francesa, Francine Descarries, pontua três correntes: Feminismo Radical, Feminismo Igualitário e o Feminismo *Femellité*, que através dos conceitos de poder, identidade feminina, gênero, diferença(s) ou universalidade abordam a história das mulheres. E dentro destas correntes ainda coexistem outras tendências: Feminismo Materialista, Feminismo Socialista, Feminino da Especificidade e o Feminismo Lesbiano (Descarries, 2000, p.17).

na foto e apenas Frida Vingren no meio deles. A foto da Convenção Geral da Assembleia de Deus (CGAD) foi publicada no *Jornal Mensageiro da Paz*, em dezembro de 1930.

Mesmo com atuação evidente, Frida quase não foi registrada em eventos importantes da Igreja. Ela contava com o apoio do esposo, mas o patriarcado era o modelo difundido. Esse modelo ficou mais autoritário com Samuel Nyström, ocupante do lugar de Vingren, após sua partida para a Suécia (COSTA, 2017). A fotografia do evento da CGAD, em 1930, faz parte dos poucos registros históricos dessa pioneira e desbravadora dos primórdios da IEAD.

Figura 6 - Missionários da AD no Brasil, na CGAD de 1930



Fonte: Costa (2017, p. 91).

Na história da IEAD, percebe-se que Gunnar Vingren apoiava a importância do ministério feminino, porém, de acordo com Costa (2017), essa visão não foi compartilhada por Samuel e seus sucessores. Apenas em 2011, reformulou-se o estatuto, dando maior liberdade às mulheres. Mas mesmo sendo responsáveis por

atividades ministeriais, ainda não podem ser pastoras, tendo responsabilidade direta por uma igreja. A ordenação da pastora Cassiane em 2005, é uma exceção.

2.2.1 Estudos sobre a Evolução da IEAD

A IEAD no Brasil surgiu à luz do movimento pentecostal moderno, no final do século XIX e início do século XX, e passou pelo processo de secularização no século XXI. Durante seu centenário e nos anos seguintes, mostrou certa renovação, revisando algumas normas que já não serviam para os dias atuais (COSTA, 2017).

O trabalho das mulheres tem servido para as mudanças, sendo que as mesmas constituem a maioria dos membros, perseverantes nos princípios bíblicos. Essa participação feminina pode ser interpretada à luz da modernização, de forma condizente ao cotidiano da mulher que trabalha, estuda e decide sobre casamento, filhos e seus limites, ou à maneira do patriarcado, com a visão conservadora prevalecendo sua autoridade hierárquica, a fim de que ela permaneça sob a supervisão masculina (COSTA, 2017; ROCHA, 2018).

Estudos recentes demonstram a evolução da mulher na IEAD, sugerindo que a secularização influenciou a abertura para a liderança feminina. Para se chegar ao grupo de cinco trabalhos publicados - Gouvêa Neto (2015), Albuquerque (2016), Vilhena (2016), Marques (2017) e Rocha (2018) - no *site* da Capes, buscou-se o descritor Assembleia de Deus, no período de 2014 a 2018. Apareceram 353.730 estudos, sendo um rol muito extenso, o que tornou o estudo inoperante. Por ser impossível uma análise tão ampla, optou-se pela pesquisa da lista das primeiras 10 páginas da plataforma, totalizando 200 teses e dissertações com a temática.

A análise inicial dos 200 estudos foi realizada a partir da leitura do título, sendo afunilados apenas 19 títulos para avaliação. Após a verificação dos itens dos resumos, consideraram-se os seguintes critérios de exclusão: 1) título e resumo abordando algumas palavras-chave ou expressões, tais como: Assembleia de Deus, história da mulher evangélica assembleiana, vestuário gospel, trajetória de Frida, autoridade masculina e aspectos religiosos da mulher. Restaram cinco textos para compor esta investigação: uma tese e os demais são dissertações. Os anos de publicação destes estão situados entre 2015 e 2018. As pesquisas selecionadas englobam análises sobre as regiões Goiás, Minas Gerais, São Paulo e Pernambuco.

Os estudos descritos acima demonstram a evolução da participação feminina, no ambiente religioso, mesmo que tal protagonismo ainda não seja completo, já que a autoridade permanece com os homens. Em contrapartida, o protagonismo feminino não pode ser relegado ao segundo plano nas diversas atividades religiosas, pelo que tem havido introdução de mudanças nas estruturas das igrejas.

Quadro 2 - Estudos sobre a IEAD na plataforma Capes

	AUTOR/DATA	TÍTULO DO TEXTO	NÍVEL DA PESQUISA		UF
			doutorado	mestrado	
1	GOUVÊA NETO, Ana Luíza, 2015	Na capa e por dentro: uma análise sócio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas		X	MG
2	ALBUQUERQUE, Hortencia Cruz de, 2016	O significado do consumo de moda-vestuário gospel para mulheres pentecostais		X	PE
3	VILHENA, Valéria Cristina, 2016	Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)	X		SP
4	MARQUES, Maria Adriana, 2017	A estética da mulher na Igreja Evangélica Assembleia de Deus: entre as prescrições estatutárias e as práticas cotidianas		X	GO
5	ROCHA, Aretha Beatriz Brito da, 2018	Emancipação feminina sob autoridade masculina: aspectos religiosos e sociais das mulheres assembleianas no Brasil.		X	SP

Fonte: Plataforma Capes (2019).

Gouvêa Neto (2015) compreendeu os relacionamentos de gênero e religião na IEAD, considerando os 103 anos de história da Igreja na época do estudo. Foi realizada uma análise da representação da imagem da mulher com foco nas publicações das revistas *Nosso Lar e Mulher* e *Lar & Família Cristã*. Considerou-se que a representação feminina nas revistas evoluiu ao longo do tempo pela ressignificação. No entanto, as publicações analisadas mostram dois tipos de

imagem feminina: a moderna ou contemporânea, com a mulher ativa que trabalha fora, e a conservadora, sendo ela cuidadora do lar. Apesar dessa diferenciação, as funções não se opõem, sendo a relacionada ao lar mais constante nos discursos.

Albuquerque (2016) analisou o consumo feminino através do vestuário *gospel*. Foram entrevistadas mulheres na faixa etária de 20 a 53 anos, membros de ADs nos municípios de Recife e Abreu e Lima, em Pernambuco. Percebeu-se que essa moda simboliza a modernidade, bem como demonstra a elevação do capital material dos adeptos, mudando os usos e costumes.

Vilhena (2016) abordou a questão de gênero, considerando a trajetória de Frida Vingren (1891-1940), como missionária e protagonista da expansão do movimento pentecostal que resultou na origem da IEAD. Esse resgate da história é essencial para se compreender o *ethos* assembleiano, a simbologia e a influência do contexto sociocultural da membresia feminina daquela época e da atualidade.

Marques (2017) analisou as raízes históricas da IEAD, compreendendo o *ethos* assembleiano por meio de sua simbologia e influência sociocultural, tanto da instituição como da membresia feminina. Também foram observados o trabalho das mulheres na denominação e o pentecostalismo, percebendo a evolução, pós-secularização do século XX e XXI. As mudanças se relacionaram à abertura da doutrina e da liderança feminina no campo. No entanto, elas podem se manifestar em cultos e reuniões, mas sendo subordinadas aos homens que detêm a autoridade e a administração.

Rocha (2018) investigou os aspectos do lugar da mulher no contexto religioso das ADs. Seu papel evoluiu, mas continua com o desafio frente ao patriarcado, no quesito liderança. A plena liberdade e o protagonismo feminino ainda não foram conquistados, uma vez que a autoridade dos homens prevalece.

Todos os estudos selecionados demonstram o empenho das assembleianas para ampliar seu espaço e sua atuação dentro e fora da igreja. O simbolismo da liderança pode ser visto como conservador. A autoridade dos homens é visível, mesmo sob influência da secularização.

2.2.2 Simbolismo Religioso e Desigualdade de Gênero

O simbolismo religioso está baseado no modelo patriarcal, que ostenta a desigualdade de gênero. Os princípios bíblicos consideram que o homem é o

provedor e a mulher lhe deve obediência. Essa visão pode ser observada em diversas culturas no mundo. Essas diferenças entre os sexos advêm de aspectos culturais e religiosos de cada povo, além do secularismo nas sociedades, como apontou Scott (2009).

Desde a Antiguidade, a religião e o gênero serviram para representar, incorporar e distribuir o poder dentro das sociedades. A religião, baseada no patriarcado, impôs à mulher a submissão. Ela cuidaria do lar e dos filhos, tendo o auxílio do provedor, com a função de chefe da casa (BUTLER, 2003).

A religião influencia diretamente a vida cultural em todo o mundo. Ela se enraíza nas experiências das pessoas, estando vinculada à situação socioeconômica e política das sociedades. O *status* feminino é baseado na interpretação dos textos religiosos e da configuração institucional do patriarcado. Desse modo, a visão repercute nos demais espaços sociais, tendo o masculino como dominante, embora havendo alguma variação dessa ideia ao longo do tempo. O papel da religião é, obviamente, complexo e varia ao longo do tempo e do espaço (BERGER, 1985), visto que,

A religião é uma categoria de análise histórica e social que pode ser definida como um conjunto de crenças, preceitos e valores que compõem artigo de fé de determinado grupo em um contexto histórico e cultural específico, lembrando que a religião é sempre coletiva. (SILVA; SILVA, 2008, p.354).

Nas últimas décadas, a igualdade de gênero se tornou ideal nos discursos socioeconômico e político. As mulheres têm conquistado postos de trabalho em igualdade com os homens, ampliando sua atuação social. No âmbito religioso, também alcançaram posições de destaque, superando barreiras impostas por séculos. No entanto, elas ainda não têm a autoridade plenamente reconhecida, assim como detêm o sexo oposto (BERGER, 1985).

A igualdade e a emancipação delas se deram por fatores econômico, social e democrático em âmbito mundial. Esse é influenciado por normas institucionais, bem como culturais e pela tradição, em grande parte, determinadas pela religião. Desse modo, a relação entre a religião e a cultura é recíproca, pelo que esses sistemas exercem intervenção mútua de padrões de organização (BERGER, 1985).

A mulher ampliou seus espaços no contexto sociocultural e na religião. Entretanto, apesar de importantes conquistas, principalmente no mercado de trabalho, ainda tenta superar o preconceito de que o sexo não determina o que a pessoa pode ou não fazer. Todos exercem funções com o mesmo sucesso, porém a realização feminina na esfera religiosa continua sendo vista como dependente e submissa ao homem.

Assim sendo, o modo de intensificar a secularização está correlacionado com a capacidade de a religião consolidar a subordinação da mulher. Evidencia-se a compreensão das relações de poder pela simbologia. A religião reforça as distribuições do poder ou tenta modificá-las. Geertz (2008) e Berger (1985) esclarecem que os símbolos são os principais meios pelos quais os indivíduos adquirem significados transcendentais. Essa noção desencadeia a maneira de conceituar a religião, em seu universo simbólico. Há experiências fragmentadas que possibilitam o significado holístico do grupo religioso.

Segundo Berger (1985), a religião é compreendida como proteção simbólica. Observa-se a capacidade de seus detentores usarem símbolos para difundir o significado das coisas. Atitudes comportamentais não podem ser expressas sem nenhum conteúdo simbólico, já que dependem desse para conferirem as experiências.

Essa percepção traz que o modelo construído para os membros de uma comunidade apresenta questões de fisiologia, proteção, sobrevivência e necessidades que mantêm o grupo integrado, exigindo um sistema simbólico. A forma mais ampla dos símbolos inclui um objeto, evento ou relacionamento para basear o significado difundido da religião. Essa tem seu sistema de concepções e símbolos, considerados fontes de informação do ritual e das crenças. Portanto, o símbolo infere o significado contínuo de atividade (GEERTZ, 2008).

Essa simbologia também está inserida na cultura, compreendida com seu conjunto de símbolos que servem para estabelecer parâmetros difundidos pelos indivíduos, que adquirem concepções para sua realidade. No simbolismo da religião e da cultura, ocorrem a fundamentação da desigualdade. Apesar de muitas crenças de inferioridade das mulheres, elas vêm superando-as e conquistando seu reconhecimento e empoderamento.

Assim, considerando que a distribuição de poderes entre homens e mulheres é uma das desigualdades mais amplas do poder social que definem a sociedade e,

consequentemente, são fortemente influenciados pela cultura e pelo simbolismo religioso, recorreu-se a autores consolidados na discussão sobre identidade, cultura, gênero e religião para esta fundamentação teórica, tais como: Geertz (2008), Berger (1985), Hall (2012), Butler (2003), Scott (1995) e Bourdieu (1989), entre outros. O desenvolvimento histórico e cultural feminino tem sido construído com grandes esforços.

Segundo Geertz (2008) a religião é definida como um sistema de símbolos, considerados fontes de informação, e é no ritual que surgem as concepções religiosas. Os símbolos por sua vez, não podem ser considerados apenas uma fonte de informação, mas também uma maneira de inferir significados para um fluxo contínuo de atividades.

O conceito de religião apresentado por Geertz (2008) visa articular uma série de inquisições que, em conjunto, estabelecem o status da religião como um fenômeno cultural universal. Os sistemas de símbolos, nos quais a religião é formada, constituem padrões culturais como fontes extrínsecas de informações, fornecendo “modelos da realidade” a serem seguidos. Aqui, o referido autor, tem a preocupação em identificar o simbolismo religioso segundo critérios universais, distinguindo a perspectiva religiosa da não religiosa. Enquanto o simbolismo cultural estabelece o cenário para a religião propagar seu sistema de símbolos que articulam o fenômeno para universalizar seus padrões.

A religião e a cultura estão intrinsecamente ligadas, a partir da influência mútua determinante de diversos padrões e (pré)conceitos sociais conforme a identidade cultural de cada grupo. Hall (2012), afirma que a identidade cultural é imposta ao indivíduo desde a infância. Ideias são balizadas por natureza ou mitos que sustentam definições ou regras transitórias de vida.

A identidade cultural pode ser exemplificada por uma tribo, promovendo o intercâmbio entre passado, futuro e presente, de forma ininterrupta. Esse movimento é denominado por tradição. Essa dá autenticidade para a identidade cultural que, na realidade, propaga o mito que tem potencial de dominar e moldar o imaginário dos indivíduos. Eles são influenciados pelas ações que conferem o significado da vida e da história (HALL, 2012).

A tradição é baseada no passado, em que as crenças tradicionais se legitimam. Ao ser reconhecida como válida, ela é admitida no presente.

A palavra tradição teve originalmente um significado religioso: doutrina ou prática transmitida de século para século, pelo exemplo ou pela palavra. {...} Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizados nos costumes de uma sociedade (SILVA; SILVA, 2008, p.407).

Trata-se da aceitação inconsciente da crença respeitada e significativa para os seguidores dos costumes. Assim, respeitar a tradição significa acreditar na natureza sagrada dos costumes transmitidos por gerações e que agora organizam a vida social. É acreditar na legitimidade daqueles que pediram que a sociedade fosse governada de acordo com certos costumes impregnados na cultura (HALL, 2012).

Desse modo, a tradição mantém-se como hierarquia da autoridade. Nesse contexto, a religião desempenha sua transmissão das coisas sagradas do passado. Ela impõe sua tradição construída para sustentar as crenças aceitas sem qualquer questionamento. Desse modo, as culturas se constroem com a identidade validada nas tradições do povo. Valores estes, considerados legítimos, pois foram introduzidos pelos costumes.

A religião constituída social e historicamente reproduz sua tradição de poder patriarcal. Essa propagação relegou às mulheres a função secundária de apoio aos provedores. Nesse sentido, Scott (2009) usou o termo secularismo para demonstrar a difícil relação entre secularização, direito e a igualdade. A construção separada desses aspectos não apresenta a secularização com o direito e a igualdade de gênero.

Para Scott (1995), o gênero faz parte das construções balizadas pela cultura. As relações de poder se impõem de modo geral, em que o gênero é determinado pelo sexo, sendo esse estável. Tem-se a ideia de gênero binário, cuja visão difunde o homem como provedor e a mulher como dona de casa e cuidadora dos filhos. Essa, sendo responsável pelos afazeres domésticos, possibilita àquele sair para o trabalho, fazer política, resolver questões econômicas, participar da vida pública e privada, enquanto ela se estabelece no meio secundário.

Butler (2003) assegura que a distinção entre sexos mostra o aspecto biológico não determinante do gênero, pois esse vem de norma cultural, indo além de características físicas. Tem-se a determinação dos atos individuais, em que a identidade é formada e interpretada como referência da performatividade, havendo uma série de efeitos. O gênero performativo entende que não há identidade antes

dos atos. Esses são instáveis e observam o prazer corporal que produz as diferenças.

Para Bourdieu (2012), o gênero é baseado em relações complexas de poder, constituídas no desenvolvimento histórico. Existe uma ordem na sociedade em que a mulher é considerada submissa ao homem. A religião não apenas toma seu lugar nessa ordem, como é parte constitutiva dela, contribuindo para as interações de poder, tanto sociais como culturais.

Em comparação com o que ocorre com a classificação de classes pelo ambiente escolar, Bourdieu e Passeron (1992) destacaram que a posição da mulher na sociedade é imposta também no sistema educacional, onde as meninas têm disciplinas específicas determinadas por uma questão de gênero.

Como bem explica Rodrigues (2019, p.4), “a mulher era um ser destinado à procriação, ao lar, para agradar o outro”. As mulheres tinham um papel submisso, imposto por um discurso sexista. Desta forma, nessa classificação, há também a posição da mulher na sociedade, cujo papel não ultrapassava o ato submisso imposto pelo discurso sexista.

Portanto, depreende-se que o capital cultural exerce a classificação dos indivíduos em grupos sociais e também impõe às mulheres a posição social e o padrão de comportamento. É certo que isso tem sido motivo de superação feminina ao longo dos anos, mas, até os dias atuais, espera-se o rompimento da submissão. O domínio masculino, como discutem Bourdieu e Passeron (1992), Scott (1995), Butler (2003) e Bourdieu (2012), está carregado de atribuição para os sexos no contexto social, político, religioso, entre outros, sendo construído em um modelo cultural e histórico.

Essa questão está desenvolvida ao longo dos séculos, advindo a secularização e a ideia de igualdade. Scott (2009) afirma que a igualdade de gênero não era a preocupação primordial da Igreja ou do Estado. As representações do feminino foram fundamentadas na dicotomia: homem, razão, poder e espaço público, *versus* mulher, intuição, sentimento e espaço privado. Na secularização, o período histórico está relacionado a diferentes experiências, em que os homens deixaram a religião e entraram em novo lugar, como na política, ocupando função mantenedora de seu *status* de poder.

Conforme Scott (2009), as mulheres e a religião estão do mesmo lado na secularização. No entanto, elas passam por dupla exclusão, tanto da esfera

pública/política como da religião institucionalizada, dominada pelo clero masculino. Ao longo dos séculos, a mulher tem ocupado o *status* de submissão, tendo apenas participação simples nos serviços religiosos. Os homens sempre estiveram exercendo postos relevantes, com poder e influência. Contudo, para as mulheres, assim como para a religião, prevalece o espaço privado e, conseqüentemente, o ingresso das mulheres na esfera pública e na política somente foi possível por meio de um processo histórico pelo qual os direitos e a emancipação feminina foram alcançados (SCOTT, 2009).

Na divisão das posições dos gêneros, a vida social do indivíduo também exerce influência sobre suas escolhas. O dominante recebe incentivo para avançar nos estudos e nas conquistas. Já a mulher precisa de muito esforço para ir além de simples dona de casa para aprender a ler/escrever. Bourdieu (2012) demonstrou como essa dominação determinou, por séculos, a condição feminina na sociedade.

Bourdieu (2012) explica que a mulher é educada, tanto no meio familiar como escolar, para as funções já determinadas por sua posição. Os indivíduos pensam que a escolha se deu por vontade própria, mas é comum a influência ocorrer conforme o ambiente e a dimensão simbólica das trocas de poder.

Essas relações estão por toda parte, cujas observações bourdieuianas trazem que as sociedades pré-capitalistas manifestam sua sistemática de dominação. A autoridade política vem da assimetria das trocas, ou seja, da redistribuição ostensiva, mas também do conjunto de estratégias orientadas para a dominação das pessoas, usando os mecanismos de violência simbólica.

Esta observação de Bourdieu (1989), em seu livro: *O poder simbólico* o leva a uma refutação do que ele chama de „economismo”, que é a propensão para reduzir as trocas ao interesse material. As produções simbólicas contribuem para a formação do capital cultural, estando relacionadas à classe dominante. A dimensão simbólica e os mecanismos de dominação dos grupos detêm o poder. Esse se diferencia de outras formas de poder, em que o capital simbólico garante a não percepção da violência simbólica, a qual os indivíduos estão submetidos no convívio social. Portanto, o poder e o capital simbólicos têm a mesma conotação, sendo esse baseado no sistema de crenças de um grupo. Assim sendo, as produções simbólicas que contribuem para a formação do capital cultural estão diretamente relacionadas aos interesses da classe dominante.

Em sua obra *A dominação masculina*, Bourdieu (2012) baseia sua investigação etnográfica sobre Cabília, ao norte da Argélia, para mostrar que a dominação masculina assume o *status* natural com sua inscrição nas estruturas objetivas do mundo. Embora o local mantenha a cultura camponesa e os seus dados tenham sido recolhidos durante a década de 1990, o estudo exemplifica as hierarquias da sociedade industrial moderna. Para o povo de Cabília, o capital cultural representado no meio social assume a forma de honra.

Sobre os sistemas de classificação simbólica, considerando a teoria de Durkheim; Bourdieu (2012) defende que os humanos trazem ordem e significado ao mundo. A prática social é ordenada e estruturada, geralmente, sendo os geradores da desigualdade. Para demonstrar o poder do gênero, a sociedade tradicional, tal qual a camponesa observada, baseia-se na divisão fundamental de objetos e atividades, de acordo com a dicotomia homem/mulher.

Nessa ordem, a característica do caso particular serve para a análise da dominação masculina. Nesta comunidade, a diferenciação social e simbólica é principalmente a de gênero. Os princípios pelos quais o simbólico funciona são visíveis ao observador externo (BOURDIEU, 2012).

Desse modo, constroem-se princípios em que opera a ordem simbólica complexa, diferenciada e vital. A classificação se dá na divisão do trabalho, na visão sexual de reprodução, entre outros aspectos. A ordem simbólica de gênero e a prática social têm o seu ponto de referência material nas atividades humanas baseadas em sexualidade e reprodutividade. As diferenças corporais constituem as classificações sociais.

A parte masculina apresenta seu modo específico de exercer domínio: a violência simbólica, que se manifesta no poder. Esse reproduz-se nas interações formadas por distinção. Na obra *A distinção*, Bourdieu (2007) analisou a forma em que o gosto é estruturado. As preocupações sociológicas consistem na compreensão da prática vivida no cotidiano. A ação social que percebe o poder e a dominação pode desenvolver uma sociologia reflexiva.

O autor Bourdieu (2007) demonstra que a disposição estética é inseparável da competência cultural específica. Essa pode ser conhecida pelos gostos das pessoas, especialmente a sua relação com objetos, práticas e saber fazer. A ideia central para o desenvolvimento da alta cultura foi a estética kantiana baseada no julgamento do gosto puro, que distinguia o que agrada do que gratifica.

Esse conceito de distinção argumenta que o indivíduo, quando incorpora o *habitus* específico de um campo, diferencia-se dos que possuem outros hábitos. Nota-se como instituições educacionais, religiosas e outras, influenciam a visão de mundo do sujeito, pois interferem no seu gosto, provocando distinções entre humanos e suas classes (BORDIEU, 2007).

Nessa conjuntura, as mulheres já superaram certas determinações impostas pela violência simbólica masculina, ainda que preservando algumas características dominantes. Elas podem ocupar cargos e alcançar o sucesso profissional em igualdade com o sexo oposto, mesmo sabendo de obstáculos que prevalecem, como remuneração diferente para os sexos, ainda que exerçam semelhante função (BOURDIEU, 2007).

Do mesmo modo como as mulheres avançaram em muitos setores como: trabalho, política e outros, elas alcançaram posições eclesiásticas mais altas, antes exclusivamente ocupadas por homens. Porém, no ambiente religioso, prevalece a autoridade masculina, pois, mesmo elas tendo sua representação ministerial, são subordinadas aos homens. Esse impacto da religião também é visto de forma semelhante no contexto social moldado pela cultura. As crenças e as ideias patriarcais promovem ou desencorajam a igualdade de gênero (BOURDIEU, 2007).

Algumas religiões conseguem suprimir os direitos das mulheres, uma vez que costumam se comportar de acordo com os discursos em que elas são relegadas ou colocadas no segundo plano na religião, o mesmo ocorrendo no meio social. As relações de gênero, com fundamento patriarcal, defendem a dominação masculina, sendo entendidas nas ADs como questão de ensinamento da Bíblia. Há a compreensão da mulher como apoiadora do homem, sem contestá-lo, nem requerer a igualdade de direitos.

As escrituras sagradas fundamentam essa submissão feminina, como pode ser exemplificado na carta paulina aos Coríntios. Esse e outros versículos bíblicos são sempre mencionados no discurso sobre a submissão. No entanto, podem ser menos incisivos, quando interpretados para colocar o casal em posição de igualdade.

Porque o homem não provém da mulher, mas a mulher do homem. Porque também o homem não foi criado por causa da mulher, mas a mulher por causa do homem. [...] nem o homem é sem a mulher, nem a mulher sem o homem, no Senhor. Porque, como a mulher provém do homem, assim também o homem provém da mulher, mas tudo vem de Deus” (1 Coríntios 11:11).

Apesar de a evolução da mulher na IEAD ser considerada um avanço, é evidente a necessidade de superação de barreiras. Os usos e costumes se mostram enrijecidos na visão patriarcal e conservadora. O papel da mulher é o de apoiar seu marido no pastorado. Esse perfil não considera o exercício do pastorado feminino, mesmo que elas apresentem capacidade ou chamada ministerial para protagonizar a liderança.

2.3 PERFIL PENTECOSTAL DENTRO DAS PERSPECTIVAS ASSEMBLEIANAS ATUAIS

O perfil pentecostal das ADs evoluiu, apresentando mudanças significativas em suas atividades, apesar de manter seu conservadorismo histórico, as ADs no Brasil passaram a utilizar as mídias (impressas, audiovisuais - rádio e televisão, e mais recentemente, *Internet*) para informar e expandir sua membresia e fazer frente ao discurso neopentecostal.

Sobre a adoção de mídias televisivas pelas ADs, Carvalho (2018) afirmou que o pentecostalismo brasileiro tinha aversão pela televisão e outros meios de comunicação de massa. No entanto, com o ingresso do neopentecostalismo no país, trazendo novas formas de chegar ao público, foi necessário rever esse processo e, como consequência, a IEAD passou a investir em tecnologias de comunicação em massa para passar sua mensagem à sua membresia e alcançar novos fiéis.

Nesse sentido, Costa (2017) demonstrou que as ADs utilizam a comunicação em massa como réplica dos cultos de doutrina, diferentemente do que ocorre com outras igrejas neopentecostais que transmitem testemunhos de cura, prosperidade e outros. As ADs buscam a conversão - a mudança de vida, por meio de escolas dominicais, cultos doutrinários e da família.

Jorge (2020) destacou que o discurso pentecostal da IEAD foi desenvolvido ao longo de sua história centenária, deixando sua marca por intermédio da influência de suas gerações sobre os princípios bíblicos e a doutrina. Alguns discursos são descritos por temas: ganhar almas - a membresia tem a responsabilidade de doutrinar uma pessoa, evangelizando-a; dons e batismo no Espírito Santo - trata-se da busca pelo poder e a manifestação do Espírito com a evidência de falar em línguas, o que corrobora para a permanência na fé; segunda vinda de Cristo - essa vinda está próxima, em que Ele recolherá apenas os convertidos.

Sobre a mensagem de segunda vinda de Jesus Cristo, Carvalho (2018, p.159) afirma que “[...] realmente estamos esperando, porém, se isso não acontecer agora, ao entrarmos no terceiro milênio sem esse faustoso acontecimento, que venhamos a continuar prontos para trabalhar, ouvindo sempre a recomendação apostólica”. Muitos versículos bíblicos fundamentam essa espera dos cristãos, como está em Atos 4:20 - “Porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido”.

Nesse sentido, Alencar (2012) assegura que a identidade da membresia se entrelaça com os momentos históricos. As identidades pentecostais assembleianas foram alicerçadas em elementos centrais: ministérios, educação teológica, relações de gênero, mídia, convenções e templos.

Percebe-se a educação teológica baseada na herança sueca das escolas bíblicas que, a princípio, eram realizadas informalmente, mas, atualmente, incentivadas por todos os grupos desse seguimento religioso. À época em que as mulheres não votavam, já havia assembleianas pregando, escrevendo e atuando em igrejas. Entretanto, quando elas passaram a ser reconhecidas nos processos sociais da nação, sofreram a marginalização de algumas ADs (ALENCAR, 2012).

Nesse contexto, o pentecostalismo assembleiano exige a fé consubstanciada em Deus, por meio de Jesus Cristo. As ADs buscam transmitir essa fé à sua membresia, *in loco* ou utilizando recursos de mídia disponíveis na atualidade. Na perspectiva pentecostal, a pregação constitui um meio de comunicação do evangelho, sendo um convite para a palavra de Deus (COSTA, 2017).

A mídia é usada pelas ADs para a propagação dos ensinamentos cristãos, em jornais, rádio, televisão, *Internet* e outros. Os templos representam os espaços e os símbolos que caracterizam a diversidade do processo cronológico e evolutivo do enriquecimento desse grupo. Quanto às convenções, elas manifestam o lado burocrático, político e conflituoso (ALENCAR, 2012).

Para os assembleianos, a fé genuína é experienciada frente às adversidades e oposições. Aceitar o evangelho é uma decisão pessoal e voluntária, para fazer parte da membresia (CARVALHO, 2018). É função do cristão pregar esse evangelho: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura” (MARCOS 16:15). Essa anunciação é motivo de orgulho para o assembleiano, pois até os anjos estão atentos à revelação (1 PEDRO 1:12).

O pentecostalismo assembleiano apresenta traços que o distingue de outras formas de cristianismo, pois enfatiza o “[...] encontro imediato com Deus por intermédio do Espírito Santo” (MCGRATH, 2012, p. 418). Sua crença não está baseada na razão absoluta, mas na experiência da fé. Essa pode parecer estranha aos observadores, contudo, é transformadora.

O pentecostalismo pode ser compreendido como uma parte integrante do processo protestante de reflexão, reconsideração e regeneração. Não é consequência de uma nova reforma, mas o resultado legítimo de um programa contínuo caracterizado e definido pelo protestantismo histórico, em que há “[...] redescoberta e reafirmação da doutrina protestante clássica do „sacerdócio de todos os crentes”” (MCGRATH, 2012, p. 418).

Esse seguimento criou suas percepções sobre a vida cristã e de como Deus e Jesus são anunciados, oferecendo um novo paradigma de expressão da sua fé. Tornou-se religião que define sua vertente principal: a fé em Jesus e no Espírito Santo (COSTA, 2017). Atualmente, esse pentecostalismo tem sobrevivência própria dentro da religião cristã no mundo. De acordo com Carvalho (2018, p.96), ocorre “[...] a acusação de que o pentecostalismo foi deliberadamente concebido como uma forma pós-moderna de protestantismo”. A IEAD tem se adaptado frente às mudanças, mantendo suas crenças em Cristo. Desse modo, não depende da teologia fixa e racionalista, pois valoriza a experiência de fé. Passou pela secularização, fortalecendo-se na fé que professa e em seus princípios.

2.4 AS PENTECOSTAIS E A INDUMENTÁRIA CRISTÃ

O estatuto de 1946 da CGADB estabeleceu a indumentária para os membros. Não se permitia que as mulheres, denominadas no documento por irmãs, realizassem procedimentos estéticos ou de embelezamento, por serem caracterizados como vaidade (art. 1)¹⁰. Quanto à vestimenta, estava no assunto dos

10 Esse artigo se refere às proibições sobre a aparência, tais como: tingir o cabelo, usar cortes extravagantes e outras (ESTATUTO CGADB, 1946).

arts. 2 e 3. O não cumprimento das normas gerava o afastamento temporário do membro. Caso não se adequasse às regras, seria afastado definitivamente (art. 4)¹¹.

Em 1975, ocorreu a revisão das restrições quanto à indumentária masculina e feminina. As mudanças ocorridas em relação aos usos e costumes e à indumentária das mulheres foram significativas no decorrer dos anos. Carvalho (2018) compreende essa temática da IEAD dentro dos princípios bíblicos que estabelecem uma base comum, conforme Romanos 12:2: “E não sede conformados com este mundo, mas sejam transformados pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa, agradável, e perfeita vontade de Deus”.

Essa carta paulina, provavelmente, não era contra a liderança feminina, mas buscava preservar a imagem, a integridade e o *status* das mulheres, pois “[...] o fim do mandamento é o amor de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida” (1 TIMÓTEO 1:5). A preocupação com os cristãos e sua postura frente ao mundo demonstram o cuidado, “[...] para que saibas como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, a coluna e firmeza da verdade” (1 TIMÓTEO 3:15). Os cristãos buscam estar em paz com o seu meio, “[...] para que tenhamos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade” (1 TIMÓTEO 2:2). Estabelecia-se, portanto, a necessidade de postura dos cristãos, determinada pelos princípios bíblicos.

Assim, a elaboração dos estatutos das ADs são norteados por passagens bíblicas como as supracitadas, estabelecendo as maneiras de ser e agir de sua membresia.

11 O art. 4 contém as implicações para os membros que não cumprirem o que está determinado (ESTATUTO CGADB, 1946).

Figura 7 - As crenças da IEAD

- 1) Na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada, única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17);
- 2) Em um só Deus, eternamente subsistente em três pessoas distintas que, embora distintas, são iguais em poder, glória e majestade: o Pai, o Filho e o Espírito Santo; Criador do Universo, de todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, e, de maneira especial, os seres humanos, por um ato sobrenatural e imediato, e não por um processo evolutivo (Dt 6.4; Mt 28.19; Mc 12.29; Gn 1.1; 2.7; Hb 11.3 e Ap 4.11);
- 3) No Senhor Jesus Cristo, o Filho Unigênito de Deus, plenamente Deus, plenamente Homem, na concepção e no seu nascimento virginal, em sua morte vicária e expiatória, em sua ressurreição corporal dentre os mortos e em sua ascensão vitoriosa aos céus como Salvador do mundo (Jo 3.16-18; Rm 1.3,4; Is 7.14; Mt 1.23; Hb 10.12; Rm 8.34 e At 1.9);
- 4) No Espírito Santo, a terceira pessoa da Santíssima Trindade, consubstancial com o Pai e o Filho, Senhor e Vivificador; que convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo; que regenera o pecador; que falou por meio dos profetas e continua guiando o seu povo (2 Co 13.13; 2 Co 3.6,17; Rm 8.2; Jo 16.11; Tt 3.5; 2 Pe 1.21 e Jo 16.13);
- 5) Na pecaminosidade do homem, que o destituiu da glória de Deus e que somente o arrependimento e a fé na obra expiatória e redentora de Jesus Cristo podem restaurá-lo a Deus (Rm 3.23; At 3.19);
- 6) Na necessidade absoluta do novo nascimento pela graça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo e pelo poder atuante do Espírito Santo e da Palavra de Deus para tornar o homem aceito no Reino dos Céus (Jo 3.3-8, Ef 2.8,9);
- 7) No perdão dos pecados, na salvação plena e na justificação pela fé no sacrifício efetuado por Jesus Cristo em nosso favor (At 10.43; Rm 10.13; 3.24-26; Hb 7.25; 5.9);
- 8) Na Igreja, que é o corpo de Cristo, coluna e firmeza da verdade, uma, santa e universal assembleia dos fiéis remidos de todas as eras e todos os lugares, chamados do mundo pelo Espírito Santo para seguir a Cristo e adorar a Deus (1 Co 12.27; Jo 4.23; 1 Tm 3.15; Hb 12.23; Ap 22.17);
- 9) No batismo bíblico efetuado por imersão em águas, uma só vez, em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, conforme determinou o Senhor Jesus Cristo (Mt 28.19; Rm 6.1-6; Cl 2.12);
- 10) Na necessidade e na possibilidade de termos vida santa e irrepreensível por obra do Espírito Santo, que nos capacita a viver como fiéis testemunhas de Jesus Cristo (Hb 9.14; 1 Pe 1.15);
- 11) No batismo no Espírito Santo, conforme as Escrituras, que nos é dado por Jesus Cristo, demonstrado pela evidência física do falar em outras línguas, conforme a sua vontade (At 1.5; 2.4; 10.44-46; 19.1-7);
- 12) Na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação, conforme sua soberana vontade para o que for útil (1 Co 12.1-12);
- 13) Na segunda vinda de Cristo, em duas fases distintas: a primeira — invisível ao mundo, para arrebatá-la a sua Igreja antes da Grande Tribulação; a segunda — visível e corporal, com a sua Igreja glorificada, para reinar sobre o mundo durante mil anos (1 Ts 4.16, 17; 1 Co 15.51-54; Ap 20.4; Zc 14.5; Jd 1.14);
- 14) No comparecimento ante o Tribunal de Cristo de todos os cristãos arrebatados, para receberem a recompensa pelos seus feitos em favor da causa de Cristo na Terra (2 Co 5.10);
- 15) No Juízo Final, onde comparecerão todos os ímpios: desde a Criação até o fim do Milênio; os que morrerem durante o período milenial e os que, ao final desta época, estiverem vivos. E na eternidade de tristeza e tormento para os infiéis e vida eterna de gozo e felicidade para os fiéis de todos os tempos (Mt 25.46; Is 65.20; Ap 20.11-15; 21.1-4);
- 16) Cremos, também, que o casamento foi instituído por Deus e ratificado por nosso Senhor Jesus Cristo como união entre um homem e uma mulher, nascidos macho e fêmea, respectivamente, em conformidade com o definido pelo sexo de criação geneticamente determinado (Gn 2.18; Jo 2.1,2; Gn 2.24; 1.27).

Contudo, o que era entendido como ideal no início do século XX passou a não servir de padrão para o século XXI. Como observaram Amorim e Silva (2019), essa passagem foi marcada por diversas transformações, com outras propostas sociais.

Os usos e costumes da IEAD foram estabelecidos pela primeira vez em 1946, tendo como responsável o missionário Otto Nelson. Essa ocorrência, sem o conhecimento oficial da CGADB, para Daniel (2004), causa estranheza entre os membros, bem como polêmicas em torno da resolução das ADs do Ministério São Cristóvão.

Costa (2017) explica que, além do Ministério São Cristóvão, também havia o de Madureira, fundado em 1929 por Paulo Leivas Macalão. Esse foi consagrado a pastor por Gunnar Vingren e Lewi Pethru em 1930. Os ministérios Madureira e São Cristóvão, apesar de ligados, possuíam independência. Desse modo, Macalão atuava sem dar conhecimento de atos, nem precisava solicitar autorização do outro ministério para a sua atuação. Em 1941, as instituições do Ministério Madureira tornaram-se autônomas, desligando-se de São Cristóvão, e passou a atuar de forma independente.

De acordo com Daniel (2004), essa autonomia do Ministério Madureira estimulou a elaboração dos usos e costumes diferenciado. A igreja de São Cristóvão impôs seu sistema normativo rigoroso para a membresia, para não ser acusada de liberal e inclinada a modas do mundo. Nesse sentido, são trazidos os seis pontos da resolução de São Cristóvão, de 1946, de acordo com Fonseca (2009, p. 50):

- 1) Não será permitido a nenhuma irmã membro desta igreja raspar sobrancelhas, cabelo solto, cortado, tingido, permanente ou outras extravagâncias de penteado, conforme usa o mundo, mas que se penteiem simplesmente como convém às que professam a Cristo como Salvador e Rei.
- 2) Os vestidos devem ser suficientemente compridos para cobrir o corpo com todo o pudor e modéstia, sem decotes exagerados e as mangas devem ser compridas.
- 3) Se recomenda às irmãs que usem meias, especialmente as esposas dos pastores, anciãos, diáconos, professoras de Escola Dominical, e dos que cantam no coro ou tocam.
- 4) Esta resolução regerá também todas as congregações desta igreja.
- 5) As irmãs que não obedecerem ao que acima foi exposto serão desligadas da comunhão por um período de três meses. Terminando este prazo, e não havendo obedecido à resolução da igreja, serão cortadas definitivamente por pecado de rebelião.
- 6) Nenhuma irmã será aceita em comunhão se não obedecer a estas regras de boa moral, separação do mundo e uma vida santa com Jesus.

A resolução de usos e costumes do Ministério São Cristóvão está baseada no patriarcado absoluto, impondo às mulheres uma série de comportamentos e formas

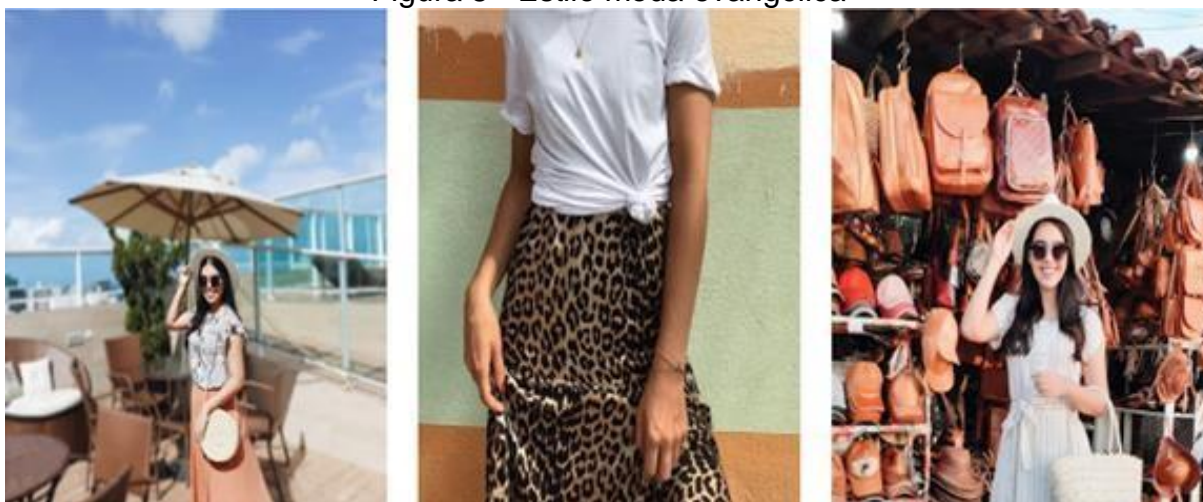
de vestimenta. Nesse quesito, com a secularização, houve três períodos históricos que influenciaram a indumentária. O fundador do Ministério São Cristóvão foi Gunnar Vingren, mas, posteriormente, Samuel Nyström ocupou o seu lugar, seguindo o modelo rígido da década de 1930. O período entre 1911 e 1946, desde a sua implantação por Vigren e Berg, com a formação da CGAD, teve indumentária rígida. Entre 1947 e 1988, já estava consolidada a tradição assembleiana. De 1989 a 2011, houve a exclusão do Ministério Madureira e a celebração do centenário das ADs (ALENCAR, 2012).

A AD Ministério Madureira, mostrou maleabilidade com o estatuto, de uso e costume, por esta questão foi excluída da CGAD. Desde o desligamento em 1941 da AD de São Cristóvão, deu liberdade aos usos e costumes aos seus membros. A partir dessa época, a reformulação da indumentária na AD Ministério Madureira demonstrou, estar à frente, em relação aos usos e costumes e pareceu não se preocupar com a adequação ao mundo atual (MARQUES, 2017).

A modernidade adotada nos estatutos passou a dar mais liberdade às mulheres. Atualmente, a Convenção Nacional da IEAD nem menciona os usos e costumes. Comprova-se o acompanhamento da igreja às mudanças desse século, em que se cederam espaços para o protagonismo feminino. Essa evolução tem sido percebida em publicações, como descreveu Gouvêa Neto (2015), uma vez que os materiais retratam a mulher ativa, moderna, profissional, preocupada com questões que extrapolam o âmbito privado, pois sabe conciliar a vida cristã com a cotidiana.

Conforme Albuquerque (2016), a partir de 2012, ocorreu a ascensão do mercado da moda evangélica ou *gospel*. O repertório traz roupas variadas, sendo um dos tipos, aquelas comportadas, sofisticadas, estilosas entre outros quesitos. A ascensão dos modelos acompanha a evolução dos tempos. As mudanças relacionadas aos usos e costumes demonstram o processo de secularização. As assembleianas seguem os princípios bíblicos da virtuosidade, entendendo que a adoção da moda evangélica favorece a vida cotidiana.

Figura 8 - Estilo moda evangélica



Fonte: Blog Mulheres Virtuosas (2020, *on-line*).

O vestuário *gospel* é visto como adequado aos usos e costumes, sendo bem aceito pela membresia: as variedades, como saias, calças, entre outras. As restrições do passado foram superadas, pelo que as assembleianas modernas frequentam clínicas de estética, salões de beleza, academias, *shoppings*, ocupam cargos de liderança e diferentes profissões (ALBUQUERQUE, 2016).

Nesse sentido, o estudo realizado por Gabatz (2016) observa que o pentecostalismo tem se movido estrategicamente para romper com a rigidez imposta no passado por normas relacionadas aos usos e costumes. Debates compreenderam que o espaço conquistado pelas mulheres é importante para a instituição. Elas são as novas protagonistas no ambiente neopentecostais, uma vez que promoveram a reelaboração de suas identidades. Houve alternativas de inserção comunitária, para elas galgarem postos diferentes na vida comum e religiosa.

Mesmo havendo a autoridade de homens não impede que as mulheres tenham acesso à liderança. Nas ADs, as mulheres têm conquistado seu espaço por serem ativas e valorizarem a ação sábia e virtuosa. Wilson (2018) afirma que as assembleianas obtêm influência e autoridade moral pela sabedoria, ocupando posições de destaque na comunidade, e realizam atividades com contentamento. Essa virtude, mesmo não listada no fruto do Espírito em Gálatas 5:22-23, está ligada ao amor, à alegria, ao ânimo, à bondade, à fé, ao comportamento. Esse também é demonstrado na adequação da vestimenta.

CAPÍTULO 3 - O FEMINISMO E A POSIÇÃO DAS ASSEMBLEIANAS

Neste capítulo, são mostrados o protagonismo da mulher assembleiana e a visão conservadora. As mudanças no papel feminino na sociedade têm sido conferidas nos parâmetros bíblicos para o estabelecimento da hierarquia masculina sobre as mulheres. Frente à dominação, elas não buscam o feminismo, mas seguem os preceitos que entendem como se dá o apoio ao seu marido.

Frente às religiões patriarcais e à valorização do dominante masculino, ao longo da história, as mulheres potencializaram seu lugar de liderança nas diversas áreas. Surgiu o feminismo, em meados do século XX, cuja relação entre religião e igualdade de gênero foi intensificada. Elas mudaram seu *status* social com a participação no mercado de trabalho, na educação, na religião, entre outras esferas públicas.

Entretanto, as assembleianas não se concentram nas ideias do feminismo, que busca a igualdade de direitos entre os sexos, e sim no ato de serem sábias e virtuosas. Elas realizam suas funções, valorizando a obra missionária que presta serviço a Deus. Atuam em diversas atividades religiosas, mas existe o debate sobre a aceitação do pastorado feminino. Como consequência, na maioria das ADs, apesar de as mulheres avançarem na execução das tarefas, não são escolhidas para liderar cargos hierárquicos superiores, raramente ocorrendo casos de consagração de pastoras.

O debate assembleiano sobre o pastorado feminino é baseado principalmente nos princípios bíblicos que demonstram a importância da mulher no apoio ao marido. Não lhes cabem o ato de ensinar, mas de agir com prudência, amar seus maridos e filhos, ser moderadas, castas, boas donas de casa e sujeitas aos esposos. Contudo, as discussões sobre as funções partem de mudanças na sociedade (HALL, 2004; BAUMAN, 2005).

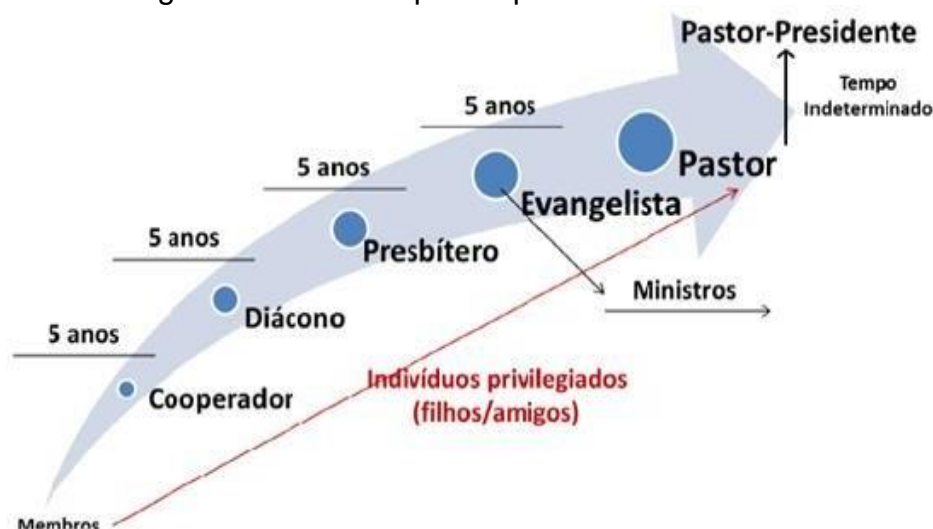
Ao discutir os conceitos de identidade, patriarcado e mulheres na religião, nota-se que os direitos advêm da necessidade de reconhecer a importância e o desempenho feminino no contexto religioso, demonstrando a singularidade dessa liderança e a reivindicação da igualdade. As assembleianas seguem os ensinamentos bíblicos de obediência a Deus, no entendimento de apoiar seus maridos para se ter um lar fortalecido.

3.1 NÃO SOMOS FEMINISTAS, SOMOS ASSEMBLEIANAS: O PASTORADO FEMININO NA IEAD

As assembleianas não se focalizam em ideias feministas, reconhecendo o seu valor e sua missão de evangelizar, seguindo os preceitos bíblicos. O feminismo já não é mais aceitável como corrente moderna e inquestionável para exemplificar todas as áreas do protagonismo da mulher. Essas cristãs não se preocupam com as questões do feminismo, mas com a conduta das sábias e virtuosas por excelência.

Na questão do pastorado feminino, destaca-se que as ADs são alinhadas com seus ministérios autônomos e interdependentes (COSTA, 2017). Alguns deles entendem que as mulheres podem assumir o pastorado, mas outros não percebem assim. Fidalgo (2017) assegura que o percurso para que um membro chegue ao cargo de pastor ou pastor-presidente na Assembleia de Deus, Ministério Madureira (ADMM) requer muitos passos.

Figura 9 - Percurso para o pastorado na ADMM



Fonte: Fidalgo (2017, p. 59).

Os cargos ilustram os níveis para chegar ao pastorado que requer dedicação e aprendizado. Por muito tempo, essa posição era exclusiva da membresia masculina. Hoje, há mulheres nessa função, mas ainda é ocupada por homens, em grande parte, pois apenas algumas igrejas aceitam esse tipo de liderança exercido pelo público feminino.

Pastorear “refere-se ao ato de apascentar, tomar conta do rebanho (Igreja). O Pastor é um Presbítero principal na Igreja que lidera seus “presbíteros”, ou seja,

seus pastores auxiliares, pois embora a responsabilidade de apascentar seja compartilhada com outros Presbíteros, um deles encontra-se na posição principal, e tem a responsabilidade do rebanho (Igreja) diante de Deus e do povo (sociedade). Ele é conhecido como o Pastor da Igreja) [...] O termo presbítero refere-se à dignidade do homem e ao seu cargo, o seu chamado, a sua posição oficial de responsabilidade na Igreja, como, cooperador auxiliar do Pastor que preside o rebanho” (ASSEMBLEIA GERAL DAS IGREJAS, s/d, on-line).

O “Pastor é o anjo da Igreja, ou líder espiritual do rebanho, o que tem a função principal de apascentar as ovelhas e recebe orientação do Senhor no desempenho dessa missão Apocalipse 2.1. No Novo Testamento equivale a bispo e presbítero Atos 20.17,18, mas atualmente nas Assembleias de Deus se diferencia do presbítero nas funções ministeriais, e vem depois do bispo na hierarquia funcional das denominações que possuem o sacerdócio. Tem a função também de administrador da Igreja de Cristo 1 Pedro 5.1-3. Devido à necessidade da obra de Deus e ao chamado, o pastor também recebe designações especiais como Evangelista e Missionário.

Todavia, antes de atingir o posto de pastor há todo um percurso a ser percorrido. Dentre os níveis¹² para se chegar ao pastorado estão: cooperador, diácono, presbítero, evangelista, e finalmente o pastorado.

¹² Evangelista - Equivalente ao cargo de pastor e muitas vezes é chamado de pastor evangelista, tem a função de coordenar os trabalhos de evangelismo na área de influência da igreja local, pode também ser enviado para abrir ou dirigir algum trabalho de oração ou até mesmo alguma congregação.

Missionário - É o obreiro comissionado para uma obra de missão, dentro ou fora do país, para evangelização e/ou abertura de congregações, é também atribuído às irmãs consagradas para essa obra.

Presbítero - O nome vem do grego que significa "o mais idoso" era o ancião responsável pela observância da justiça nas cidades gregas, em o Novo Testamento, equivale ao pastor e ao bispo Atos 20.17,18, e por essa equivalência em muitas denominações atualmente o presbítero se constitui em um auxiliar e substituto direto do pastor e exerce funções administrativas e de ministro, responsável pelo ensino da Palavra, aconselhamento, direção dos trabalhos da igreja e unção com o óleo, entre outras. No tempo apostólico o presbítero era o dirigente das congregações Timóteo 1.5-7, atualmente vem depois do pastor na hierarquia funcional, há quem critique as denominações evangélicas de tirarem o sentido real e a importância da palavra ao criarem o cargo de pastor.

Diácono - O nome vem do grego e significa "servidor", leia Atos 6.1-7. Entende-se nesta passagem que o objetivo da instituição dos diáconos era basicamente para servir as mesas, mas devido à ascensão social da Igreja as funções do diácono tiveram seu caráter modificado, embora mantenha a mesma essência, agora o diácono é o principal responsável pelos meios que fazem o culto funcionar, como água, som, limpeza da igreja, organização, e

Sobre o ofício do pastorado feminino, conforme Caeté (2019), consideram-se duas formas de propagar o evangelho: 1) eclesiástica - quando a igreja de Cristo se reúne em culto público, exigindo a liderança ordenada para o ofício, necessariamente masculina, 2) paraeclesiástica - aquela em que homens e mulheres foram chamados para anunciar o evangelho em qualquer ambiente. Esse exercício contempla o ensino em palestras, estudos bíblicos, podendo ser ministrado por homens e mulheres.

Para Caeté (2019, p. 72), a mulher pode exercer a pregação, desde que seja paraeclesiástica, negando à assembleiana a ascensão ao pastorado, pois, ao tomar a liderança, a mulher está “[...] se levantando contra uma ordem de Deus; e se levantar contra uma ordem de Deus é a mesma coisa que se levantar contra o próprio Deus”. Nos preceitos bíblicos, são considerados os ensinamentos fundamentais sobre a submissão:

Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos. As vossas mulheres estejam caladas nas

anotações diversas entre outras. Diante do aqui exposto o diácono é o cargo ministerial que melhor expressa a intenção do Senhor em João 13.12-15. O ideal é que todo obreiro antes de alcançar qualquer função de maior responsabilidade ou relevância na Obra de Deus, tenha passado pela escola do diaconato, assim como Moisés passou quarenta anos no deserto aprendendo a servir em humildade para só depois então, ser enviado pelo Senhor para libertar e conduzir o povo de Deus pelo deserto até a terra prometida Ex 3.2,10.

“Diaconisa - É o equivalente ao diácono e diz respeito às irmãs consagradas com as mesmas funções dos diáconos, algumas denominações não adotam este cargo por não encontrarem referência Bíblica dele, porém existem tarefas que são peculiares às irmãs, como cozinhar, tomar conta de berçário entre outras. Várias mulheres na Palavra de Deus, foram cooperadoras do Senhor Jesus no seu ministério terreno Mateus 27.55,56” (ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO JARDIM FIORELO, s/d, on-line).

Diácono (Filipenses. 1:1; I Timóteo. 3:8; Atos 6:1-6; I Timóteo. 3:8- 13) “refere-se a um servo, garçom, alguém que ajuda, consola, encoraja. Na Igreja primitiva foram escolhidos para suprirem as necessidades especiais que surgiram, porque a Igreja havia aumentado de tamanho. Os diáconos receberam a responsabilidade do serviço social da Igreja” (ASSEMBLEIA GERAL DAS IGREJAS, s/d, on-line).

Auxiliar de Trabalho (Cooperador) - O Auxiliar de Trabalho é uma função que precede ao Diácono, o termo é relativamente novo e não se encontra na Bíblia, por conta disso, algumas denominações mais rígidas quanto à doutrina, não o reconhecem como cargo ministerial. Embora não haja referência bíblica sobre o cargo, ele pode ser inferido no contexto de 1 Timóteo 3.10. Baseado neste conceito, o cargo de auxiliar de trabalho foi criado com o objetivo de experimentar o obreiro para o diaconato, é como se o obreiro ficasse em um período de observação, para ao ser aprovado como obreiro, fosse então consagrado a Diácono. Ocorre frequentemente no meio "assembleiano", que alguns auxiliares de trabalho se destaquem tanto, que a própria igreja local o considerem como diácono antes mesmo da sua consagração” (ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO JARDIM FIORELO, s/d, on-line).

igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei. E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é vergonhoso que as mulheres falem na igreja (1 CORÍNTIOS 14:33-35).

Nesse enfoque, Caeté (2019, p. 72) compreende que Deus não deu ordens para que homens e mulheres vivessem de modo igualitário: “[...] se submissão fosse uma consequência do pecado, Deus mesmo daria ordens no Novo Testamento para os que entendem que Deus restaura o relacionamento entre liderança e submissão do homem e da mulher, assim como Adão e Eva”.

Caeté (2019) defende a submissão da mulher em relação ao homem, pois é determinada pelos textos bíblicos. Os embasamentos estão no Antigo Testamento, mas principalmente no Novo: “Levantando-se contra ti o espírito do governador, não deixes o teu lugar, porque a submissão é um remédio que aplaca grandes ofensas” (ECLESIÁSTES 10:4). Nesse pensamento, em 2 Coríntios 9:13, a carta paulina alerta que os fiéis, “[...] na prova desta administração, glorificam a Deus pela submissão, que confessais quanto ao evangelho de Cristo, e pela liberalidade de vossos dons para com eles, e para com todos”.

Na visão moderna, Santos (2020) contrapõe certas inferências de Caeté (2019) e argumenta sobre o trabalho de evangelização e do pastorado feminino. Enfatiza que usar o Antigo Testamento para validar o patriarcado caracteriza a falta de compreensão das Escrituras. Os apóstolos Paulo e Pedro defenderam que o ato de se submeter à autoridade encontra respaldo na humildade de ambos os sexos. A submissão apregoada em Efésios 5:1-33 explica o ato de imitar a sujeição de Cristo e do próprio apóstolo. Essa menção tem como base o livro de Gênesis 3:16 - trazendo que o desejo da mulher seria para o marido - ideia que envolve o amor de todos os cristãos. O pastorado feminino é uma possibilidade, ainda que não seja amplamente aceito nas ADs, de homem e mulher mostrarem sua sujeição à Deus:

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou (GÊNESIS 1:26-27).

A humanidade foi criada à imagem de Deus para dominar sobre a criação. Para Dabney (2019, p. 15), os argumentos do pastorado feminino podem ser baseados na “[...] história sagrada de profetisas como Miriã, Débora, Hulda e Ana, como comprovação de que o sexo não era barreira suficiente para o ofício público na Igreja”. No caso das profetisas, defendeu que eram inspiradas pelo Espírito, por serem mulheres santas, que tinham um chamado excepcional e sobrenatural. O mesmo raciocínio não pode ser atribuído para a mulher comum. Entretanto, há necessidade de discussão sobre o seu exercício no mundo.

Em seu posicionamento sobre o pastorado feminino, Dabney (2019, p. 120) observa que “[...] quando se reivindica que a igreja deve conceder a função ministerial às mulheres cristãs que sinceramente se sentem chamadas ao ministério, temos uma perversão perigosa da verdadeira doutrina da vocação”. A vocação espiritual também é bíblica e considera a submissão da mulher. O mesmo Espírito que chama o ministro é o que inspirou as Escrituras Sagradas. Essas não contrapõem seus ensinamentos de que as mulheres são submissas aos homens. Desse modo, surgem as divergências sobre a ordenação de mulheres para o pastorado e a ministração de cultos.

Para Dabney (2019, p. 120) a vocação bíblica “[...] não vem apenas pelo coração do candidato, mas também da irmandade, e o chamado nunca está completo até que a escolha fiel dos irmãos o tenha confirmado”. A aptidão de mulheres, com seus dons para edificarem a igreja pela pregação, tem algum fim sábio divino. No entanto, percebem-se as críticas em relação ao pastorado feminino.

Mesmo nessa dicotomia, as ADs e outras igrejas não evitaram a secularização pelo que, conforme Santos (2020), as virtuosas e sábias têm conseguido exercer a liderança. Muitas denominações já acolheram o pastorado feminino, como se observa na ordenação para esse ministério, no quadro abaixo.

Quadro 3 - Pastorado feminino

Data	Ordenação
1958	Igreja do Evangelho Quadrangular, fundada por Aimeé Semple McPherson, nos Estados Unidos, consagrou seis mulheres como ministras.
1970	Igreja Metodista aprovou o sacerdócio feminino no Brasil. Em 1974, Zeni Lima Soares foi a 1ª presbítera. Em 2001, ordenou a 1ª bispa - Marisa de Freitas Ferreira.

1982	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil ordenou uma mulher ao pastorado.
1985	Igreja Anglicana do Brasil elegeu ao presbitério Carmem Etel Alves Gomes.
1999	Igreja Presbiteriana Independente, por intermédio de um concílio, aprovou o egresso de mulheres ao ministério episcopal.
2005	Assembleia de Deus - Ministério Madureira - ordenou a cantora Cassiane Santana Santos Manhães Guimarães ao pastorado, sendo a 1ª nessa denominação.

Fonte: Caeté (2020, adaptado).

A ordenação de mulheres ao pastorado, conforme Caeté (2019), teve início nos Estados Unidos na década de 1950. Influenciou as dominações brasileiras que iniciaram essa aceitação, nessa mesma época. Para que essa onda ministerial seja mais amplamente aprovada, depende da membresia masculina considerar as mudanças ocorridas com a secularização, para consagrarem ou para a ordenação do público feminino. Pensa-se que as assembleianas, ainda que aspirem ao pastorado, não têm como parâmetro o feminismo, mas a ideia de sabedoria e virtuosidade para o exercício da liderança.

3.2 PROTAGONISMO DE MULHERES VIRTUOSAS

O exercício do protagonismo feminino parte da visão de sabedoria, virtuosidade e valores interpretados pelos textos bíblicos. Os não pertencentes à religião assembleiana percebem a forma rígida de muitos fiéis se manterem distanciados do mundo. Os adeptos organizam suas vidas para viverem para Cristo. Entende-se a necessidade de afastamento e desprezo dos prazeres mundanos, a fim do cultivo da sobriedade e temperança.

Desse modo, surgem as questões de usos e costumes, espiritualidade, batismo no Espírito Santo e salvação. Os fiéis são doutrinados para respeitarem uns aos outros, abstendo-se dos desejos considerados pecaminosos. Buscam elevar sua concentração evangelística e espiritual, a fim de praticarem os ensinamentos recebidos. Sentem-se como servos de Deus, seguindo o aprendizado de humildade e comprometimento com a fé. Acreditam que, assim, restabelecem a conexão direta

com Deus. Nessa ideia, a mulher virtuosa demonstra seu valor e suas virtudes morais e espirituais nas atividades cotidianas. É sábia, fiel, temente, respeitada, trabalhadora, honrada, empreendedora, recebendo testemunhos de seu marido que a conhece, dando testemunho dela:

O seu valor muito excede o de finas joias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem e não mal, todos os dias da sua vida. Busca lã e linho e de bom grado trabalha com as mãos. É como o navio mercante: de longe traz o seu pão. É ainda noite, e já se levanta, e dá mantimento à sua casa e a tarefa às suas servas. Examina uma propriedade e adquire-a; planta uma vinha com as rendas do seu trabalho. Cinge os lombos de força e fortalece os braços. Ela percebe que o seu ganho é bom; a sua lâmpada não se apaga de noite. Estende as mãos ao fuso, mãos que pegam na roca. Abre a mão ao aflito; e ainda a estende ao necessitado. No tocante à sua casa, não teme a neve, pois todos andam vestidos de lã escarlate. Faz para si cobertas, veste-se de linho fino e de púrpura. Seu marido é estimado entre os juízes, quando se assenta com os anciãos da terra. Ela faz roupas de linho fino, e vende-as, e dá cintas aos mercadores. [...] Enganosa é a beleza e vã a formosura, mas a mulher que teme ao Senhor, essa sim será louvada (PROVÉRBIOS 31:10-24, 30).

A mulher virtuosa manifesta seu caráter piedoso, cuja virtude se relaciona ao comportamento ético. A virtude feminina é baseada na firmeza: “[...] minha filha, não temas; tudo quanto disseste te farei, pois toda a cidade do meu povo sabe que és mulher virtuosa” (RUTE 3:11). A sábia e virtuosa possui autoridade e influência moral, revelando seu valor em casa, no trabalho, na comunidade e na igreja. Ela se destaca por ser honrada e destemida:

A força e a honra são seu vestido, e se alegrará com o dia futuro. Abre a sua boca com sabedoria, e a lei da beneficência está na sua língua. Está atenta ao andamento da casa, e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos e chamam-na bem-aventurada; seu marido também, e ele a louva. Muitas filhas têm procedido virtuosamente, mas tu és, de todas, a mais excelente! (PROVÉRBIOS 31:25-29).

A sábia é exaltada em diferentes partes da Bíblia, sendo vista como bem-aventurada. Em Provérbios 14:1, ela edifica a sua casa, já que se difere da tola que a derruba. Essa sapiência tem a ver com a busca pelas coisas espirituais, como aconteceu com a enferma que tocou em Jesus, descrita em Marcos 5:33: “[...] sabia

o que lhe tinha acontecido, temendo e tremendo, aproximou-se, e prostrou-se diante dele, e disse-lhe toda a verdade”.

Nessa visão, as sábias são verdadeiras, trabalham com diligência em buscar ao Senhor e em servi-lo: “[...] fiavam com as suas mãos, e traziam o que tinham fiado, o azul e a púrpura, o carmesim e o linho fino” (ÊXODO 35:25). São reconhecidas na história como protagonistas virtuosas:

[...] Eva (a mãe de todos os viventes), Sara (a mãe do filho da promessa), Miriã (a profetisa líder de Israel juntamente com Moisés e Arão), a prostituta Raabe (que salvou os espias de Israel), Débora (profetisa e juíza), Jael (que matou Sísera), Rute (Avó de Davi), Ana (mãe do profeta Samuel) e Ester (que salvou a nação de Israel de um extermínio em massa) (SANTOS, 2020, p. 92).

Essas mulheres aconselharam homens no Antigo Testamento, pois foram consideradas idôneas para o que lhes tinha sido confiado. Temeram ao Senhor e sua fé foi imputada como honra, como se observa em Josué 2:15-22:

Ela então os fez descer por uma corda pela janela, porquanto a sua casa estava sobre o muro da cidade, e ela morava sobre o muro. E disse-lhes: Ide-vos ao monte, para que, porventura, não vos encontrem os perseguidores, e escondei-vos lá três dias, até que voltem os perseguidores, e depois ide pelo vosso caminho. E, disseram-lhe aqueles homens: Desobrigados seremos deste juramento que nos fizeste jurar. Eis que, quando nós entrarmos na terra, atarás este cordão de fio de escarlata à janela por onde nos fizeste descer; e recolherás em casa contigo a teu pai, e a tua mãe, e a teus irmãos e a toda a família de teu pai. Será, pois, que qualquer que sair fora da porta da tua casa o seu sangue será sobre a sua cabeça, e nós seremos inocentes; mas qualquer que estiver contigo, em casa, o seu sangue seja sobre a nossa cabeça, se alguém nele puser mão. Porém, se tu denunciáres este nosso negócio, seremos desobrigados do juramento que nos fizeste jurar. E ela disse: Conforme as vossas palavras, assim seja. Então os despediu; e eles se foram; e ela atou o cordão de escarlata à janela. Foram-se, pois, e chegaram ao monte, e ficaram ali três dias, até que voltaram os perseguidores, porque os perseguidores os buscaram por todo o caminho, porém não os acharam.

Outra forma de reconhecimento se deu na passagem em que Davi acatou e elogiou os conselhos e as palavras proféticas de Abigail. Ela sabia se comportar de forma que conquistava até o suposto inimigo. Mais tarde, Davi casou-se com essa virtuosa:

Vendo, pois, Abigail a Davi, apressou-se, e desceu do jumento, e prostrou-se sobre o seu rosto diante de Davi, e se inclinou à terra. E lançou-se a seus pés, e disse: Ah, senhor meu, minha seja a transgressão; deixa, pois, falar a tua serva aos teus ouvidos, e ouve as palavras da tua serva. [...] E agora este é o presente que trouxe a tua serva a meu senhor; seja dado aos moços que seguem ao meu senhor. Perdoa, pois, à tua serva esta transgressão, porque certamente fará o Senhor casa firme a meu senhor, porque meu senhor guerreia as guerras do Senhor, e não se tem achado mal em ti por todos os teus dias. E, levantando-se algum homem para te perseguir, e para procurar a tua morte, contudo a vida de meu senhor será atada no feixe dos que vivem com o Senhor teu Deus; porém a vida de teus inimigos ele arrojará ao longe, como do meio do côncavo de uma funda. E há de ser que, usando o Senhor com o meu senhor conforme a todo o bem que já tem falado de ti, e te houver estabelecido príncipe sobre Israel. Então, meu senhor, não te será por tropeço, nem por pesar no coração, o sangue que sem causa derramaste, nem tampouco por ter se vingado o meu senhor a si mesmo; e quando o Senhor fizer bem a meu senhor, lembra-te então da tua serva. Então Davi disse a Abigail: Bendito o Senhor Deus de Israel, que hoje te enviou ao meu encontro (1 SAMUEL 25:23-32).

Na passagem bíblica sobre Baraque, um general do exército, há a figura de Débora que deu instruções para vencer os inimigos. Ela mostrou inteligência e tática de guerra. Era destemida e sua liderança compatível com a virtuosidade, pelo que em nada era inferior, se comparada a dos homens:

E mandou chamar a Baraque, filho de Abinoão de Quedes de Naftali, e disse-lhe: Porventura o Senhor Deus de Israel não deu ordem, dizendo: Vai, e atraí gente ao monte Tabor, e toma contigo dez mil homens dos filhos de Naftali e dos filhos de Zebulom; E atrairei a ti para o ribeiro de Quisom, a Sísera, capitão do exército de Jabim, com os seus carros, e com a sua multidão; e o darei na tua mão. Então lhe disse Baraque: Se fores comigo, irei; porém, se não fores comigo, não irei. E disse ela: Certamente irei contigo, porém não será tua a honra da jornada que empreenderes; pois à mão de uma mulher o Senhor venderá a Sísera. E Débora se levantou, e partiu com Baraque para Quedes (JUÍZES 4:6-9).

Essa passagem bíblica retrata a virtuosidade estimada por Salomão perante sua mãe Bate-Seba. Ele se encurvou e deu-lhe uma posição à sua mão direita: “[...] e o rei se levantou a encontrar-se com ela, e se inclinou diante dela; então se assentou no seu trono, e fez pôr uma cadeira para a sua mãe, e ela se assentou à

sua direita” (1 REIS 2:19). Nesse sentido, a sabedoria e a virtude são fontes de conhecimento das mulheres de valor.

As características das sábias são comparadas em diferentes épocas da história. Elas têm virtude que as fazem ser reconhecidas pelas boas qualidades (WILSON, 2018). Possuem diligência que advém do trabalho duro, com cautela e empenho nas atividades, que significam esforços constantes e cuidadosos. Comportam-se com alegria, sendo agradável a sua companhia, transmitindo o contentamento que traduz o conforto e bem-estar em todas as situações.

Esse contentamento advém da diligência que traz nova perspectiva sobre o mundo e as situações da vida, sabendo “[...] que Deus age em todas as coisas para o bem daqueles que o amam, dos que foram chamados de acordo com o seu propósito” (ROMANOS 8:28). Contentar-se é ter gratidão à Deus, por todas as coisas: “Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco” (1 TESSALONICENSES 5:18). Agradecer a Deus é não se prender à ansiedade, vivendo com ação de graça: “Não andem ansiosos por coisa alguma, mas em tudo, pela oração e súplicas, e com ação de graças, apresentem seus pedidos a Deus. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os seus corações e as suas mentes em Cristo Jesus” (FILIPENSES 4:6-7).

O contentamento do cristão é visto no cotidiano, não se mostrando ilusório, mas convicto da recompensa trazida pela diligência. Como é possível observar no texto de Lucas 9:23: “Jesus dizia a todos: „Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me”. A passagem bíblica consubstancia com o que Pedro 5:8 exorta: “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar”. O contentamento possibilita que todos estejam firmes em sua fé.

Prudência significa cautela, evidentemente importante para Deus, descrita em vários versículos bíblicos: “A casa e os bens são herança dos pais; porém do Senhor vem a esposa prudente” (PROVÉRBIOS 19:14); “Eu, a sabedoria, habito com a prudência, e acho o conhecimento dos conselhos” (PROVÉRBIOS 8:12); “Que ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência” (EFÉSIOS 1:8); “Para se conhecer a sabedoria e a instrução; para se entenderem, as palavras da prudência” (PROVÉRBIOS 1:2). Portanto, a mulher virtuosa age com prudência.

Sabedoria é a habilidade de julgar corretamente e tomar decisões que honram a Deus. É a principal aquisição do entendimento, não sendo algo opcional.

“Adquire sabedoria, adquire inteligência, e não te esqueças nem te apartes das palavras da minha boca. Não a abandones e ela te guardará; ama-a, e ela te protegerá. A sabedoria é a coisa principal; adquire pois a sabedoria, emprega tudo o que possuis na aquisição de entendimento. Exalta-a, e ela te exaltará; e, abraçando-a tu, ela te honrará. Dará à tua cabeça um diadema de graça e uma coroa de glória te entregará” (PROVÉRBIOS 4:5-9).

A mulher cristã baseia sua vida na sabedoria para glorificar a Deus. Também reconhece o valor de ter humildade, com a noção central dos ensinamentos das virtudes, como objetivo essencial cristão. Segundo Wilson (2018), a humildade não vem da tendência comum, pois requer ser exercitada. A mulher, por natureza, atrai a si a exaltação, cujos olhares parecem lhe dar mais importância do que aos outros. Desse modo, ser humilde não é fácil, mas possível para as sábias.

Coragem é virtude que dá capacidade para ser destemida e valente frente às situações da vida. Mesmo diante de condições dolorosas, difíceis ou perigosas, a mulher sábia encontra forças para enfrentá-las (WILSON, 2018). As riquezas da coragem incluem a glória interior e o reconhecimento de todos, em que se expressa a bondade. Essa está relacionada à simpatia e à vida amigável, gentil, carinhosa, amável.

Wilson (2018) aborda que é mais fácil ter afeto com os amados, porém, cabe exercitar a bondade com os contrários. Tem-se o tratamento afetuoso com compaixão para com todos, pois Deus é bondoso e dá virtudes. A bondade é referenciada em Salmos 107:8 e 65:11 - “Louvem ao Senhor pela sua bondade, e pelas suas maravilhas para com os filhos dos homens” - “Coroas o ano com a tua bondade, e as tuas veredas destilam gordura”.

Esse atributo também está ligado à lealdade compreendida como firmeza e fidelidade. Significa manter-se firme em compromissos e obrigações. Todos os cristãos precisam estar compromissados primeiramente com Deus e com sua família. No evangelho de Mateus 6:24, a lealdade é mostrada na ação de dedicar-se a Deus: “Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”. Nota-se a clareza de não poder amar o mundo e a Deus ao mesmo tempo. Portanto, o cristão abandona o mundo e segue a Cristo, vivendo com lealdade.

Castidade trata-se da virtude que não pratica qualquer atividade sexual ilícita (WILSON, 2018). A mulher cristã se preserva em castidade, independentemente da idade e circunstância. Já a pureza sexual não dá a mesma ideia de pudor, pelo que Deus estruturou o casamento como figurativo da união de Cristo com a igreja. Essas percepções revelam as castas, moderadas, “[...] boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (TITO 2:5).

Modéstia é descrita como consequência natural das virtudes das sábias e virtuosas, como visto em 1 Timóteo 3:4 - “Que governe bem a sua própria casa, tendo seus filhos em sujeição, com toda a modéstia”. Essa visão de seu valor mostra a gratidão como dom mais elevado da mulher virtuosa, que dá graças a Deus por todas as coisas:

Celebrai com júbilo ao SENHOR, todas as terras. Servi ao Senhor com alegria; e entrai diante dele com canto. Sabei que o Senhor é Deus; foi ele que nos fez, e não nós a nós mesmos; somos povo seu e ovelhas do seu pasto. Entrai pelas portas dele com gratidão, e em seus átrios com louvor; louvai-o, e bendizei o seu nome. Porque o Senhor é bom, e eterna a sua misericórdia; e a sua verdade dura de geração em geração (SALMOS 100:1-5).

A edificação do lar se trata das habilidades e diligências com a administração do lar e realização das atividades domésticas. Em Salmos 128:3, a recompensa para a virtuosa é que “[...] será como a videira frutífera aos lados da tua casa; os teus filhos como plantas de oliveira à roda da tua mesa”. Também é paciente, pois suporta as circunstâncias adversas com autocontrole.

Quem tem paciência não aceita provocação, a fim de solucionar problemas tranquilamente sem reclamar. São atos que demonstram como convém ser o comportamento cristão. Essa virtuosidade pode ser caracterizada em qualidades de diligência, alegria, contentamento, prudência, sabedoria, humildade, paciência, coragem, bondade, lealdade, castidade, modéstia, gratidão, edificação do lar e dedicação ministerial.

3.3 ASSEMBLEIA DE DEUS E SEUS MINISTÉRIOS¹³

O ministério da mulher virtuosa é amplo e diversificado, compreendido no estudo de caso realizado na Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Goiânia, Goiás. Nessa denominação, são destacadas as características de ministérios com sua visão sobre o pastorado. Pela metodologia, mostram-se os resultados obtidos juntos aos membros que participaram desta pesquisa.

3.3.1 A Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Goiânia

As características da IEAD em Goiânia, Goiás, apresentam vários ministérios autônomos e interdependentes. Demonstra-se que, apesar de os ministérios comporem a mesma denominação cristã, tendo semelhante rito de fé, são responsáveis apenas pelas ADs que fazem parte de sua estrutura, pois há outras igrejas hierarquizadas desse seguimento (CAMPOS SOBRINHO, 2012).

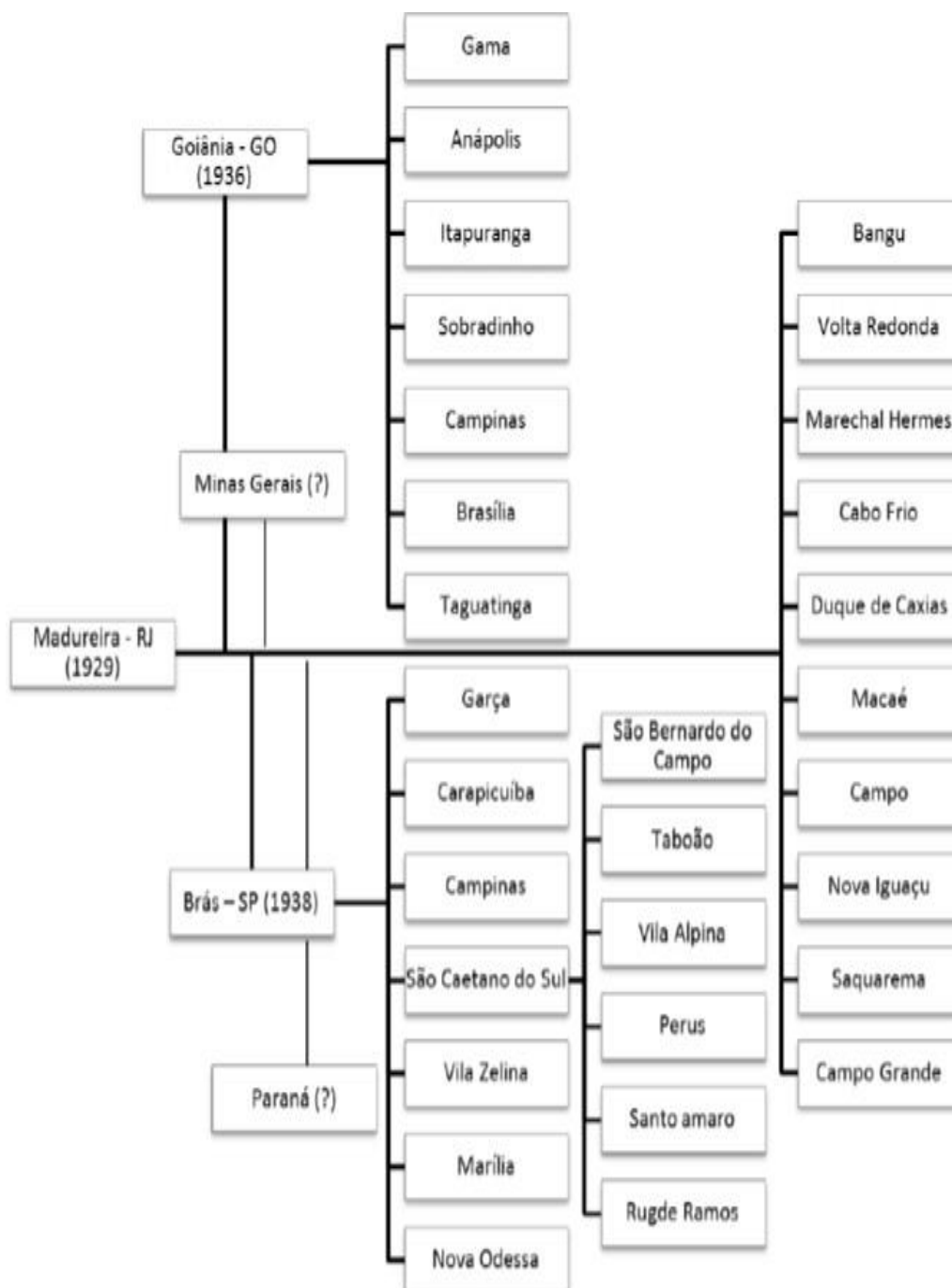
Os ministérios possuem subdivisões, que compartilham as doutrinas básicas da Assembleia de Deus. De acordo com Fidalgo (2017), os principais são Madureira e Missão. Na década 1930, por intermédio do missionário Paulo Leivas Macalão, que enviou o diácono Antônio do Carmo Moreira do Rio de Janeiro para Goiás, iniciaram-se as ações assembleianas na Região Centro-Oeste. Em 1936, Moreira começou a pregação do evangelho no município de Goiânia.

A história mostra diferentes ministérios das ADs, embora sigam os princípios bíblicos que estabelecem o caráter conservador, uma vez que os assembleianos professam que não vivem para esse mundo, mas para o Reino de Deus. Cada Assembleia de Deus está vinculada a um ministério como Madureira, Missão, Fama e outros. Esses estão distribuídos em todo o território nacional e podem fundar outras igrejas, em localizações que acharem mais adequadas para a sua expansão (CAMPOS SOBRINHO, 2012).

¹³ O termo ministério deriva de duas palavras gregas (Liturgia e diaconia) e está relacionado ao “ato de servir”, ou seja, executar um serviço para Deus. O conceito de ministério é “estar a serviço da causa de Cristo”, onde servos se empenham a servir o corpo de Cristo. Biblicamente “estar a serviço (servir) a Deus e aos irmãos. O termo é usado também para identificar as diferentes igrejas Assembleias fundadas desde sua fundação da IEAD, onde cada ministério tem seu próprio estatuto.

As ADs são instituições filantrópicas em que seu patrimônio e toda sua arrecadação como dízimo pertencem ao ministério de sua vinculação. Esse é responsável pela administração e gestão financeira (CAMPOS SOBRINHO, 2012). No estudo realizado por Fidalgo (2017), há a árvore genealógica dos principais campos relacionados à ADMM, considerando as primeiras igrejas fundadas no período de 1920 a 1960, dentre as quais, destaca-se a de Goiânia, criada em 1936.

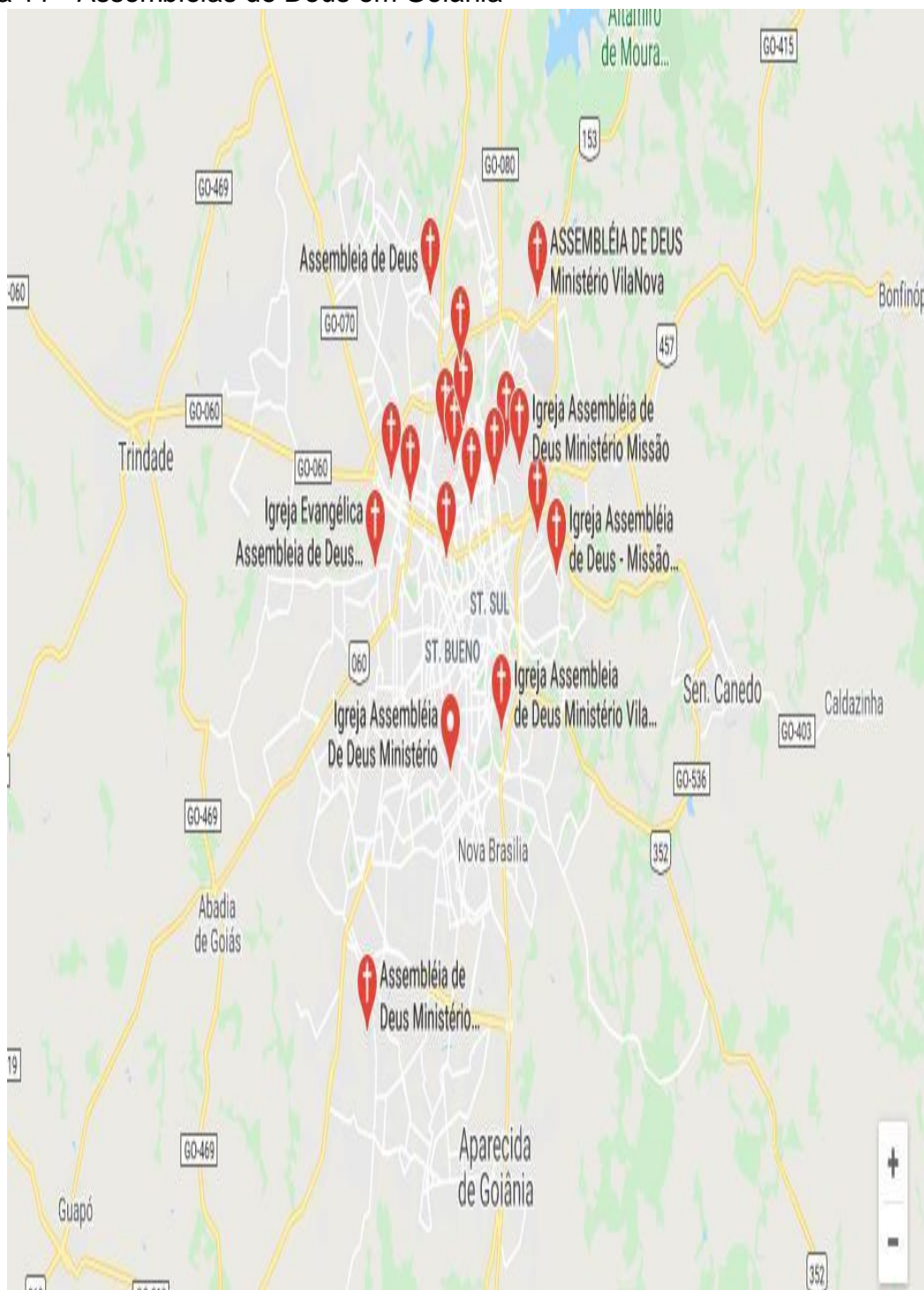
Figura 10 - Principais campos da ADMM (1920-1960)



Fonte: Fidalgo (2017, p. 92).

Atualmente, em Goiânia e nas cidades vizinhas e metropolitanas da Capital podem ser percebidas no mapa, pelo menos, 16 assembleias de Deus distribuídas em vários ministérios. Verifica-se a concentração de igrejas relativamente próximas, o que comprova a expansão dos seus trabalhos em Goiás.

Figura 11 - Assembleias de Deus em Goiânia



Fonte: Google Maps, (2020).

A descrição e localização dessas igrejas demonstram como estão distribuídas na cidade de Goiânia e em seu entorno. Percebem-se os ministérios com nomes diferentes, porém usando a mesma nomenclatura denominada por Assembleia de Deus.

Quadro 4 - Alguns ministérios assembleianos em Goiânia

1	Igreja Assembleia de Deus - Ministério Missão
2	Assembleia de Deus - Ministério Fama.
3	Assembleia de Deus - Ministério Vila Nova.
4	Assembleia de Deus - Ministério Goiânia para Cristo.
5	Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério Belém.
6	Igreja Assembleia de Deus - Ministério Shekinah.
7	Igreja Assembleia de Deus - Ministério Capuava.
8	Igreja Assembleia de Deus - Ministério Vila Nova.
9	Assembleia de Deus - Ministério Mover do Espírito.
10	Igreja Assembleia de Deus - Ministério Fé e Família.
11	Assembleia de Deus - Ministério Menonita.
12	Assembleia de Deus - Ministério Fama, sede.
13	Igreja Assembleia de Deus - Ministério Goiás.
14	Assembleia de Deus - Ministério São Bernardo do Campo, SP.
15	Assembleia De Deus - Ministério Primeiro Amor.
16	Igreja Evangélica Assembleia de Deus - Ministério Jardim América.

Fonte: Google Maps (2020).

Dentre a maioria das igrejas ministradas por homens, o Ministério Jesus é o Pão da Vida, em Goiânia, tem como líder uma mulher. Não está listada no mapa, talvez, pelo fato de não possuir Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ). Sobre esse fato, a participante pastora esclareceu que essa falta de cadastramento

continua pela dificuldade em obter apoio financeiro de sua comunidade para organizar a documentação e registrar a instituição.

Além das dificuldades enfrentadas por muitas igrejas, permanece a ideia de não aceitar o pastorado feminino. A CGADB se mantém nessa conservação, mas as convenções regionais ungem pastoras e incentivam essa ordenação. O Ministério Madureira elevou a cantora Cassiane ao pastorado no ano de 2005.

Para Santos (2020), aqueles que recorrem a passagens bíblicas para refutar o pastorado feminino não compreenderam que as recomendações fornecem outras interpretações que rompem com esses pilares. Nesse sentido, os espaços para essa liderança têm aumentado nas assembleias de Deus, sem desconsiderar os escritos de Pedro e Paulo:

Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; considerando a vossa vida casta, em temor (1 PEDRO 3:1-2).

Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios. Remindo o tempo; porquanto os dias são maus (EFÉSIOS 5:15-16).

A expressão usada em discursos é “sede sujeitas”, o que não define literalmente que mulheres não podem assumir a liderança do pastorado. De acordo com Santos (2020), esse pensamento encontra respaldo em textos bíblicos para se referir que todos são servos:

Mas entre vós não será assim; antes, qualquer que entre vós quiser ser grande, será vosso serviçal; E qualquer que dentre vós quiser ser o primeiro, será servo de todos. Porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos (MARCOS 10:43-45).

De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, Que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, Mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; E, achado na forma de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz (FILIPENSES 2:5-8).

A defesa de que, em Cristo, maridos também se submetem às suas esposas, encontra solo fértil tanto nos ensinamentos das cartas de Paulo, quanto em Pedro. A sujeição é de uns para com os outros, incluindo os jovens aos anciãos:

“Semelhantermente vós jovens, sede sujeitos aos anciãos; e sede todos sujeitos uns aos outros, e revesti-vos de humildade, porque Deus resiste aos soberbos” (1 PEDRO 5:5-6). Quando ocorre a sujeição, mostram-se o amor e o respeito mútuo, em que cada membro do grupo reconhece o valor do outro.

3.3.2 Metodologia do Estudo de Caso

A metodologia deste estudo de caso é a analítica descritiva, realizado junto à membresia masculina de duas igrejas assembleias de Deus no Jardim Marília, em Goiânia, Goiás. A pesquisa baseia-se em dois Ministérios¹⁴ assembleianos tradicionais do Estado: o Ministério Fama e o Ministério Jesus o Pão da Vida. A primeira igreja pastoreada pelo pastor Ronaldo Peixoto e pastora Ana Carolina Peixoto (esposa) e a segunda por uma pastora, Evani Bento Santana (viúva).

A escolha dessas igrejas se deu pela abertura fornecida para a pesquisa. A investigação ocorreu por meio de telefone e de forma presencial, conforme a disponibilidade dos 30 membros, sendo 15 em cada denominação. Os dados não desmembram as respostas dos entrevistados de cada campos, pois o interesse é mostrar a visão panorâmica de como eles entendem a atuação da mulher na vida social, familiar e religiosa.

Seguiram-se as características da pesquisa de campo. A amostra é formada pelos membros masculinos, que pertencem ao seguimento religioso assembleiano. Os dados foram coletados, por meio de questionário semiestruturado, e analisados pela estatística simples, utilizando planilhas de Excel, o que possibilitou a elaboração das tabelas descritivas.

¹⁴ Embora a IEAD tenha sido fundada no estado do Pará, o maior ministério assembleiano é ministério Madureira, fundado em 1924, no então Distrito Federal (Rio de Janeiro) que obteve uma significativa expansão, fundando várias congregações. E em 1929 foi fundada a sede (situada na Rua João Vicente, 7, Bairro Madureira) que passou a designar o nome do ministério, justamente em função do grande crescimento que a IEAD atingiu no Estado do Rio de Janeiro (Madureira é o nome de um bairro da zona norte da cidade). Assim sendo, muitas vezes, são usadas designações topográficas ou regionais para dar nome aos diferentes ministérios criados. Na cidade de Goiânia são três ministérios assembleianos que se encontram em maior destaque espalhados pelos bairros da capital. AD's Ministério Campinas, Ministério FAMA e Ministério Madureira. A AD, ministério Jesus é o Pão da Vida, dentre tantas igrejas pesquisadas para descobrir em qual delas seria possível um pastorado autônomo, encontramos a igreja da pastora Evani B. Santana, que pastoreia a AD autonomamente.

O grupo aceitou livremente assinar ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e respondeu ao questionário proposto. O estudo representa uma única unidade, mas que possibilita detalhar a temática estudada. Conforme Severino (2017) tem-se a fonte particular, considerada representativa de um conjunto de casos análogos, em que a membresia estudada exemplifica as outras distribuídas no país.

O contexto é entendido para tratar de aspectos do indivíduo cristão, bem como do programa, do evento ou da instituição em um período de tempo. O pesquisador coleta dados da amostra. A seleção geralmente inclui questionário e entrevista e documentos. Registram-se as informações sobre o ambiente físico, os fatores históricos, econômicos e sociais que possam influenciar a situação (ANDRÉ, 2005).

O foco do estudo de caso promove a compreensão da prática elucidada, em que podem ser comparadas as situações semelhantes. É particularmente adequado para a discussão e o entendimento de questões pouco conhecidas ou geradoras de debates, como é a temática do pastorado feminino nas ADs. Trata-se de um método considerado, por Yin (2001), como investigação detalhada do sistema limitado, dentro de um contexto e tempo.

As abordagens do estudo de caso mostram as perguntas, com inferências de onde, como, por que, quem, permitindo explorar, explicar, descrever, avaliar e teorizar sobre o contexto estudado. Os resultados trazem a compreensão de pensamentos, comportamentos e práticas do grupo. Pelo questionário com 14 questões, há as variáveis dos apontamentos numéricos, em que os recursos dão a estatística que descreve a natureza do fenômeno (ANDRÉ, 2005). Desse modo, a pesquisa investiga os contextos sociais histórico-descritivos da IEAD, por meio de sua membresia. Sobre as características da população, observa-se a identidade do homem frente ao protagonismo da mulher na religião.

3.3.3 Descrição dos Resultados

A descrição dos resultados da pesquisa realizada com 30 membros da IEAD traz a identidade e o pensamento do assembleiano. A investigação iniciou com a pergunta sobre a faixa etária dos participantes à época que foi aplicado o

questionário. Dez deles marcaram a opção de 31 a 40 anos, oito assinalaram entre 41 e 50, cinco colocaram de 20 e 30 e sete tinham mais de 50 anos.

Tabela 1 - Faixa etária dos participantes

Anos	Respondentes	%
20 a 30	5	17%
31 a 40	10	33%
41 a 50	8	27%
Acima de 50	7	23%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

Os dados demonstram que a grande maioria dos entrevistados está em plena idade produtiva, sendo 23 deles na faixa etária de 20 a 50 anos. Os atuantes no mercado de trabalho são 28, sendo relatado por telefone que apenas dois estão aposentados.

Quanto às opções de quem trabalha fora de casa, identificaram-se a questão matrimonial e o posicionamento dos participantes no assunto trabalho. Dos 30 respondentes, cinco não são casados, trabalham fora de casa e não opinaram sobre o fato de as mulheres terem essa atuação. Doze declararam que suas esposas trabalham fora, mas apenas 10 permanecem empregadas. Os dois aposentados contam com a ajuda das esposas em suas lojas. Oito afirmaram que somente ele e os filhos exercessem essa função externa ao lar. Cinco assinalaram a opção outros, indicando que trabalham como provedor da casa.

Tabela 2 - O trabalho fora de casa

Sobre o trabalho do homem e de sua esposa	Respostas	%
Não são casados e trabalham	5	17%
As esposas trabalham fora	12	40%
Somente o homem e seus filhos trabalham fora	8	27%
Outros	5	17%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

As respostas elucidam o posicionamento do homem religioso, que conhece os princípios bíblicos, percebe sua atuação de provedor, bem como a administração financeira. A mulher trabalhando fora de casa é uma situação não compatível com a que o público queria, pois, conforme a tabela 3, não se aceita o controle financeiro feminino de maneira permanente.

Cinco declararam que se a mulher fosse bem-sucedida financeiramente, não viriam problema nisso. Dois responderam a opção que de a mulher não seria a líder financeira da casa. Três concordaram com a administração feminina. Dois enfatizaram o não, sem justificarem a resposta.

Tabela 3 - Responsabilidade financeira

A esposa ser responsável financeira da casa	Respostas	%
Não, apenas em uma eventualidade como doença ou falta de dinheiro	18	60%
Não viriam problemas em a mulher ser financeiramente mais bem-sucedida que o homem	5	17%
De forma alguma a mulher poderia ser líder da casa	2	7%
Sim (apenas)	3	10%
Não (sem justificativa)	2	7%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

Quanto à essa aceitação de a mulher administrar as finanças, 18 responderam que não, mas somente em caso de eventualidade, como doença e falta de dinheiro. Nesse caso, se a família estiver sem recursos, a mulher pode arrumar um trabalho e atuar na administração.

A compreensão dessa pergunta está ligada à identificação do papel masculino em sua casa. Contudo, de acordo com o que entendem nos princípios da Igreja, 28 enfatizaram o homem como chefe do lar, dois marcaram que ambos os sexos podem liderar a casa.

Tabela 4 - O papel do homem em casa

O papel do homem em sua casa	Respostas	%
O homem é o chefe do lar	28	93%
Homem e mulher podem ser o chefe do lar	2	7%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

A representação masculina de liderança é quase unânime entre os participantes. Sobre as tarefas domésticas e o ato de ajudar a esposa ou o de assumir esses serviços, 18 responderam que é favorável a ajudar sua esposa, 12 mostraram contrários a isso. Cinco não justificaram a resposta, mas sete revelaram que o homem é provedor e a mulher auxiliadora e incumbida dos serviços domésticos.

Tabela 5 - Sobre o trabalho doméstico

A ajuda masculina no trabalho doméstico	Respostas	%
Sim	18	60%
Não	12	40%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

As respostas sobre o auxílio no trabalho doméstico trazem a visão de que é comum a esposa receber ajuda do esposo nas atividades domésticas. Na sociedade

contemporânea, muitas mulheres saem para trabalhar e os maridos se responsabilizam em cuidar da casa e dos filhos. Porém, os conservadores entendem que a mulher é a única responsável pelas atividades domésticas.

Os preceitos bíblicos são norteadores para o pensamento e a posição da membresia quanto à atuação em casa e na vida social e religiosa. Os entrevistados citaram versículos da Bíblia sobre a condição da mulher e do homem. Um auxiliando o outro, embora alguns defendam a distinção dos papéis de forma apenas patriarcal.

Quadro 5 - Citações bíblicas dos participantes

1	“E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dor darás à luz filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (GÊNESIS 3:16).
2	“E, ouvindo-se o mandado, que o rei decretara em todo o seu reino (porque é grande), todas as mulheres darão honra a seus maridos, desde a maior até à menor” (ESTER 1:20).
3	“Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo” (1 CORINTIOS 11:3).
4	“As vossas mulheres estejam caladas nas igrejas; porque não lhes é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei” (1 CORINTIOS 14:34).
5	“De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos. Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível. Assim devem os maridos amar as suas próprias mulheres, como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, amase a si mesmo. Porque nunca ninguém odiou a sua própria carne; antes a alimenta e sustenta, como também o Senhor à igreja; porque somos membros do seu corpo, da sua carne, e dos seus ossos. Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe, e se unirá a sua mulher; e serão dois numa carne. Grande é este mistério; digo-o, porém, a respeito de Cristo e da igreja. Assim também vós, cada um em particular, ame a sua própria mulher como a si mesmo, e a mulher reverencie o marido” (EFÉSIOS 5:24-33).
6	“Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio” (1 TIMÓTEO 2:12).
7	“Para que ensinem as mulheres novas a serem prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seus maridos, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (TITO 2:4-5).

8	<p>“Semelhantemente, vós, mulheres, sede sujeitas aos vossos próprios maridos; para que também, se alguns não obedecem à palavra, pelo porte de suas mulheres sejam ganhos sem palavra; considerando a vossa vida casta, em temor. O enfeite delas não seja o exterior, no frisado dos cabelos, no uso de joias de ouro, na compostura dos vestidos; mas o homem encoberto no coração; no incorruptível traje de um espírito manso e quieto, que é precioso diante de Deus. Porque assim se adornavam também antigamente as santas mulheres que esperavam em Deus, e estavam sujeitas aos seus próprios maridos; como Sara obedecia a Abraão, chamando-lhe senhor; da qual vós sois filhas, fazendo o bem, e não temendo nenhum espanto” (1 PEDRO 3:1-6).</p>
9	<p>“Porém, respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens” (ATOS 5:29).</p>
10	<p>“Mas a prostituição, e toda a impureza ou avareza, nem ainda se nomeie entre vós, como convém a santos” (EFÉSIOS 5:3).</p>
11	<p>“Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor” (EFÉSIOS 5:22).</p>
12	<p>“Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória. Mortificai, pois, os vossos membros, que estão sobre a terra: a prostituição, a impureza, a afeição desordenada, a vil concupiscência, e a avareza, que é idolatria; pelas quais coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência; nas quais, também, em outro tempo andastes, quando vivíeis nelas. Mas agora, despojai-vos também de tudo: da ira, da cólera, da malícia, da maledicência, das palavras torpes da vossa boca. Não mintais uns aos outros, pois que já vos despistes do velho homem com os seus feitos, e vos vestistes do novo, que se renova para o conhecimento, segundo a imagem daquele que o criou; onde não há grego, nem judeu, circuncisão, nem incircuncisão, bárbaro, cita, servo ou livre; mas Cristo é tudo em todos. Revesti-vos, pois, como eleitos de Deus, santos e amados, de entranhas de misericórdia, de benignidade, humildade, mansidão, longanimidade; suportando-vos uns aos outros, e perdoando-vos uns aos outros, se alguém tiver queixa contra outro; assim como Cristo vos perdoou, assim fazei vós também. E, sobre tudo isto, revesti-vos de amor, que é o vínculo da perfeição” (COLOSSENSES, 3:1-4).</p>

Fonte: Autora (2020).

As citações bíblicas estão relacionadas à existência do parâmetro cristão assembleiano, que fundamenta o comportamento do homem. Essa é a pergunta 6 do questionário (Apêndice B). Todos eles conhecem os princípios que norteiam a vida dentro e fora de casa.

Quanto à liderança de ambos os sexos em instituições não religiosas, 18 responderam que não devia ser assim, mas acontece por causa da modernidade com seus parâmetros sociais diferentes da Bíblia. Doze concordaram com o exercício de líder fora de casa. Cinco também fizeram essa afirmação, mas com ressalvas, ao enfatizarem que a mulher é auxiliadora do marido, sendo necessário estarem de comum acordo. Quatro deram resposta afirmativa sem se justificarem. Três consideraram que as mulheres têm direitos iguais aos homens.

Tabela 6 - Papéis de liderança

Homem e mulher podem exercer a liderança fora de casa	Respostas	%
Responderam não e se justificaram	18	60%
Responderam sim, com ressalva	5	17%
Responderam apenas sim	4	13%
Responderam sim, direitos iguais	3	10%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

A liderança paterna ou materna tem relação com à administração dos recursos financeiros. Nesse quesito, metade dos participantes entende que o responsável pelo dinheiro da casa é o homem, dois afirmaram que pode ser a mulher, se ela o administrar da melhor forma, e 13 compreenderam que a ambos cabem essa governança da família.

Tabela 7 - Administração do dinheiro

Responsável pela administração do dinheiro familiar	Respostas	%
Homem	15	50%
Mulher, se ela for melhor administradora do dinheiro	2	7%
Homem e mulher	13	43%

Fonte: Autora (2020).

A administração do dinheiro feita apenas por um ente e não pelo casal demonstra a permanência do pensamento de homem liderando e mulher apenas auxiliando. A relação é hierarquizada, pelo que o protagonismo de regular as questões da família se mantém na figura masculina.

No mercado de trabalho, essa ideia continua, pois 20 respondentes concluíram que é ruim essa atuação feminina fora do lar. Apenas 10 tiveram a percepção positiva desse quesito. Esses demonstraram uma visão compreensiva e moderna da mulher exercendo serviços fora de casa.

Tabela 8 - Mulher e mercado de trabalho

Protagonismo da mulher no mercado de trabalho	Respostas	%
Bom	10	33%
Ruim	20	67%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

O protagonismo feminino no mercado de trabalho atual é visto pela maioria masculina como ruim. Justificaram que esse fato tira o papel do homem de ser o provedor do lar. O ato do homem sustentar esposa e filhos sofreu impacto das mazelas da sociedade atual, no que diz respeito ao feminismo, que possibilitou a troca de responsabilidades do casal. Consideram que a mulher ocupando vagas de emprego pode deixar de ser submissa ao homem, sendo um entendimento semelhante àquele que discorda do protagonismo feminino na igreja.

Tabela 9 - A mulher atuante na igreja

Protagonismo da mulher na igreja	Respostas	%
Bom	5	17%
Ruim	17	57%
Outros	8	27%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

São 17 homens com posicionamento conservador, discordando da liderança da mulher como pastora, pois enfatizam que ela não pode ter esse ofício sozinha. A opinião de cinco entrevistados é favorável a esse protagonismo. Oito marcaram a opção outros, sem darem nenhuma justificativa. As perspectivas permanecem vendo a mulher no campo da submissão que desconsidera essa possibilidade de liderança.

Tabela 10 - A aceitação do trabalho externo da mulher

Sobre o trabalho da mulher fora de casa ser coisa cristã ou não	Respostas	%
Sim	8	27%
Não	22	73%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

A atuação da mulher no mercado de trabalho é outro ponto de questionamento da pesquisa. Nesse quesito, dos 30 entrevistados, somente oito demonstraram percepção positiva a esse respeito, concordando que sua esposa trabalhe fora de casa. E a maioria, ou seja, 22 discordaram do trabalho feminino externo ao lar. Assim, reafirmando que as mulheres cuidam da casa e os homens são os provedores, sendo elas responsáveis pela organização doméstica. A compreensão masculina é de que a mulher, trabalhando fora de casa, não consegue manter a organização e o cuidado adequado que requer a dedicação ao esposo e aos filhos. Portanto, essa visão reforça a concepção do patriarcado arraigado no pensamento masculino assembleiano, reforçando assim, a identidade masculina.

Tabela 11 - Trabalho externo *versus* organização do lar

A mulher trabalhar fora atrapalha a organização da casa	Respostas	%
Sim, se ela for casada	18	60%
Sim, mas se ela for solteira ou sozinha não teria problema	8	27%
Não	4	13%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

Os respondentes que veem como negativo o trabalho da mulher fora de casa foram 26, sendo oito respostas diferenciadas, pois, se ela for solteira, sua atuação fora do lar não atrapalha, já que não tem esposo para se dedicar a ele. Nota-se o pensamento uniforme, quase geral, da satisfação do marido em ter sua mulher trabalhando apenas em casa.

Tabela 12 – O trabalho externo *versus* situação financeira do casal

Concorda que a mulher trabalhe fora, mesmo quando a situação financeira do marido é boa	Respostas	%
Não	18	60%
Sim	4	13%
Talvez	8	27%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

Pensa-se então que a mulher que trabalha fora do seu lar faz assim por necessidade e não por independência financeira. Mas em casos necessários ou não, os homens mantêm a posição de discordar desse trabalho fora do lar. O aumento da renda familiar é menos importante do que a ocupação integral da mulher em sua casa. Para 18 dos respondentes, a esposa fica em casa e o esposo provê o que a família precisa. Oito manifestaram dúvida, pode ser que aceitem, dependendo do acordo entre o casal. Esses posicionamentos mostram que a solteira se difere

completamente da casada, tendo mais liberdade para conseguir assumir sua independência no mercado de trabalho.

Tabela 13 - Independência feminina

Sobre a independência da mulher solteira	Respostas	%
A mulher solteira deve obediência a Deus e aos pais	22	73%
Depende da família	8	27%
Total	30	100%

Fonte: Autora (2020).

As respostas demonstram o aceite de 22 entrevistados que respeitam a independência da mulher solteira, que não tendo marido deve obediência apenas a Deus e aos pais. Oito respondentes acham que a família pode opinar nessa atuação da solteira. Portanto, essa tem perspectiva bastante diferente da casada, já que a independência financeira envolve outros quesitos. Talvez, a reflexão dos conservadores seja que a mulher independente pode não se adequar a nenhum tipo de submissão. Esse e outros posicionamentos fazem parte dos dados reveladores do modelo conservador, se diferenciando da postura de alguns assembleianos mais modernos, que tiveram uma melhor adaptação a secularização. Esse último grupo tem uma aceitação muito mais liberal quanto ao pastorado feminino.

Quadro 6 - Resumo dos dados obtidos pelo questionário

Perguntas	Respostas
1 – Sua idade está entre	33% têm entre 31 e 40 anos de idade.
2 – Você e sua esposa	40% têm esposas que trabalham fora.
3 – Como membro, homem e religioso; seguidor dos princípios bíblicos, você aceitaria que sua esposa administrasse a casa financeiramente? Por quê?	60% responderam que não, a menos que fosse o caso de uma eventualidade (doença) e faltasse dinheiro.
4 – Qual é o papel do homem da IEAD em sua	93% responderam que o

casa (lar), segundo os princípios da Igreja Evangélica Assembleia de Deus?	homem é o chefe do lar.
5 – O homem da IEAD pode ser visto como mediador de suas tarefas no dia a dia? Ou seja, pode ajudar sua esposa no serviço doméstico? É comum que a esposa receba ajuda de seu esposo e de seus filho(s) homem(ns)?	60% responderam que sim.
6 – Existe algum parâmetro cristão, ou seja, algum princípio bíblico para o homem seguir com relação a seu comportamento dentro e fora de sua casa?	Todos responderam sim.
7 – Homem e mulher podem exercer papéis fora de suas casas? Ou seja, podem ser líderes em instituições que não sejam da Igreja?	60% responderam não, mas isso acontece devido à modernidade e os parâmetros sociais atuais, mas que seguindo a Bíblia isso não é permitido.
8 – Na administração do dinheiro do casal, quem fica responsável pelo financeiro?	50% responderam que o responsável pela administração do dinheiro da casa é o homem.
9 – Enquanto homem e administrador de seu lar, como vê o protagonismo da mulher no mercado atual de trabalho?	67% entendem que o protagonismo da mulher no mercado de trabalho atual é ruim.
10 – Na Igreja quando as mulheres são administradoras de reuniões, ou até mesmo enquanto pastora, qual é a sua visão enquanto homem?	57% acham que é ruim e que não está de acordo com os princípios bíblicos.
11 – No meio social fora do meio religioso, você concorda ou discorda sobre a atuação direta da mulher no mercado de trabalho? Trabalhar fora de casa é coisa de mulher cristã?	73% responderam que não. Eles têm uma visão mais conservadora sobre o assunto.
12 – A mulher fora de casa atrapalha na organização da casa e no cuidado com os filhos?	87% responderam que sim.
13 – Se a situação financeira do casal é boa, ainda assim, concorda da mulher trabalhar fora de casa?	60% responderam que não.
14 – A mulher quando solteira, ela tem livre arbítrio para trabalhar e dirigir sua independência	73% responderam que mulher solteira deve obediência a Deus

financeira?	e aos pais.
-------------	-------------

Fonte: Autora (2020).

As declarações dos entrevistados estão baseadas em tradições, ensinamentos bíblicos, usos e costumes, que defendem a ideia comum de mulher estar servindo como adjutora do homem. Solteiras e casadas se diferem pela natureza do relacionamento conjugal. As discussões não se finalizam somente aqui, como algo simples, pois a complexidade da temática envolve os motivos de cada grupo, demonstrando a posição e escolha do modo de vida de cada um. Tudo depende da família e suas condições financeiras, principalmente, sendo as descrições dos resultados apenas alguns pontos de vista, diante de outras estatísticas possíveis.

3.3.4 Discussão dos Resultados

A pesquisa realizada com os 30 assembleianos dos ministérios Fama e Jesus é o Pão da Vida, em Goiânia, demonstrou a ideia majoritária do homem ser provedor do lar e a mulher sua auxiliadora. A faixa etária dos entrevistados entre 31 a 50 anos comprova a maturidade das afirmações. Pensando assim, tem-se a identidade do assembleiano, membro em Goiás.

Como observaram Costa (2017) e Carvalho (2018), falar da identidade do pentecostalismo clássico assembleiano não é simples, cabendo uma visão macro para a abstração detalhada. É preciso que o percurso em que ela foi formada seja reconstruído, compreendendo suas origens e seus fundadores, tendo a carga cultural exterior que veio para o Brasil. Alencar (2012) afirmou que as ADs possuem características peculiares, diferentes daquelas do Europa e dos Estados Unidos.

Segundo Costa (2017), para abordar a identidade do assembleiano clássico, compreende-se não apenas o perfil daqueles que aderiram à mensagem de Gunnar Vingren e sua esposa Frida, mas também se percebe o contexto econômico, social e político de cada época, cujas transformações continuam acontecendo.

Observa-se a estrutura dessa religião com aquelas do período de suas origens. A época continha o hibridismo tripartite: catolicismo popular, advindo dos colonizadores, religiosidade dos africanos escravos e mística dos nativos (COSTA,

2017). A identidade do assembleiano clássico, durante a primeira metade do século XX, foi construída no patriarcado absoluto. Porém, como observaram Hall (2004) e Bauman (2005), houve mudanças ideológicas e sociais influenciadas pela reestrutura social, política, econômica e cultural.

Nesse sentido, Abumere (2013) abordou o assunto das identidades na sociedade patriarcal. Essa pretende se manter assim, em que há a valorização do homem e a submissão da mulher. As identidades assumiram características distintas de gênero, para o cumprimento das atribuições sociais.

As mulheres sofreram as restrições ao longo da história, cabendo-lhes apenas o ambiente doméstico, como destacaram Pateman (2008) e Segato (2016). Além disso, a violência contra a mulher esteve muito ligada ao estereótipo. Oliveira (2004) estudou os estereótipos, na sociedade e na vida, estabelecidos desde o nascimento. Conforme Silva (2000, p. 8-15), no início do século XXI, os homens têm tido uma crise de masculinidade, buscando compreender seu verdadeiro papel na sociedade, em casa, e na família.

Nesse sentido, para Costa (2017), a identidade do homem assembleiano foi construída a partir de elementos de positividade, agregando pessoas, atributos e características valorizadas, que possibilitaram o reconhecimento de seus detentores. Assumir uma identidade significa encontrar gratidão com esse endosso, e foi isso que o homem encontrou na Assembleia de Deus. A identidade apresenta um capital simbólico de valorização, para atrair a adesão dos crentes, ir ao encontro das necessidades humanas, adaptar-se e ser reconhecido socialmente, como uma pessoa de valor e membro da igreja.

Por sua vez, a mulher assembleiana, como observou Machado (2005, p.387-396), ao ingressar nessa religião também busca a autonomia reconhecida e identificada pela mulher não preocupada com o feminismo, mas em se inspirar na virtuosidade, conforme assegurou Wilson (2018). Nesse sentido, em Costa (2017), é possível observar a identidade assembleiana clássica que responde à necessidade de o indivíduo acreditar em algo positivo, no sentimento de pertença e integração. A identidade fornece uma compensação simbólica para as perdas reais da vida, fazendo com que homem ou mulher tenha um ponto de recomeço (CARVALHO, 2018).

No estudo de Alencar (2012), o *ethos* e a identidade assembleiana são destacados quanto à personalização em três períodos distintos: a teologia do

sofrimento, ocorrida entre 1911 e 1946; a marca institucionalizante da religião, baseada na teologia da disciplina, de 1947 a 1988, e de 1989 à atualidade, marcada com a teologia da competência. Essa foi formada por grandes corporações religiosas, pulverização dos ministérios e expansão das ADs, com seus membros atuando em várias frentes - política, economia e outras.

Essa classificação da identidade definiu modelos distintos de assembleianos do meio rural, urbano, autônomo e difuso. Mostrou o perfil da membresia masculina, a partir das relações de poder. Entretanto, foram adotados parâmetros da secularização, o que implicou a mudanças na postura relacionada à fé e ao papel da mulher. Dentre as demonstrações dos 30 participantes, 40% afirmaram que suas esposas trabalham fora, enquanto 60% não aceitariam a mulher administrando as finanças da casa.

Mesmo entendendo que as mulheres têm um novo papel social e trabalham fora de casa, a membresia geral prevalece com o entendimento da mulher sábia, virtuosa e submissa à autoridade masculina. Os assembleianos consideram que o homem é o chefe da casa, sendo o quantitativo de 93% dos participantes revelador da ideia enfatizada por Caeté (2019). Entretanto, nessa visão conservadora, 60% responderam que o homem pode ajudar nos serviços domésticos, contribuindo com suas esposas. Mas 23% afirmaram que essas atividades e os cuidados com a casa cabem à mulher, salvo em exceções como caso de doença (DABNEY, 2019).

Os entrevistados citaram princípios bíblicos que demonstram a submissão da mulher em relação ao homem, sendo sábia e virtuosa ao serviço do Senhor e não do mundo: “Mas quero que saibais que Cristo é a cabeça de todo o homem, e o homem a cabeça da mulher; e Deus a cabeça de Cristo” (1 CORINTIOS 11:3). O pensamento conservador é de 60% dos participantes que responderam que a liderança dentro e fora de casa cabe apenas ao homem, no entanto, devido à modernidade com os parâmetros sociais, a mulher também tem exercido sua liderança. Aceita-se que o homem exerça a liderança e a mulher a submissão, quando casada e, se solteira, que obedeça aos pais.

Nesse sentido, Dabney (2019) afirmou que a Bíblia proíbe a liderança feminina, em que a esposa deve obediência ao marido. O Antigo Testamento não permitia ofício eclesiástico regular à mulher. Mas, em casos extraordinários, Deus recorreu a mulheres para aduzir uma confirmação sobrenatural de sua comissão. Contudo, elas não ministravam no altar, não se assentando no trono da teocracia.

Para a metade dos 30 entrevistados, a mulher não pode ser a responsável financeira, já que ao homem se incube a fazer. Apenas 7% admitiram essa possibilidade, se ela for melhor em finanças. A soma de 43% afirmou que os dois podem gerir o dinheiro do casal.

Essa resposta demonstra a compreensão de alguns provérbios em que a mulher se mantém submissa ao marido, mas é exaltada por ser sábia e virtuosa, além de suas habilidades exercidas em casa. No Antigo Testamento e no Novo Testamento, há provérbios que não permitem que a mulher governe ou exerça autoridade de homem. São textos bíblicos que fazem parte do discurso dos assembleianos. Ainda que encontrem as visões modernas, infere-se que o papel da mulher é subordinado ao homem.

Como foi demonstrado por Geertz (2008), o simbolismo é uma forma de a religião transmitir significado, sendo a Bíblia um símbolo para os cristãos. Desse modo, eles entendem a Palavra de Deus como a mais importante regra de fé (BERGER, 1985). Contestam a liderança feminina, veem o homem como provedor e chefe da casa, enquanto a mulher lhe auxilia. Sua companheira lhe deve respeito e subordinação.

As crenças nos valores tradicionais fazem parte das religiões que validam a tradição. No entanto, a secularização mudou parâmetros de visibilizar as mulheres nas experiências religiosas de protagonismo. Sua representatividade não é mais ignorada, como se tem visto na ordenação de pastoras na ADMM.

Os participantes, não concordam com o protagonismo da mulher no mercado de trabalho atual, julgando ser desaconselhável às esposas trabalharem fora de casa. Eles não consideram benéfica essa atuação feminina, no ambiente laboral e externo ao lar. Percebe-se o obstáculo que impede o apoio integral para as assembleianas exercerem lideranças, tendo em vista que, os homens discordam da mulher atuar fora de casa, englobando destarte, o universo religioso. Nesse quesito, dentre os entrevistados, 73% responderam que o trabalho fora de casa não é para a mulher cristã.

Desta forma, não se trata de exercer o protagonismo no ambiente religioso, mas em espaços sociais como um todo. O entendimento prioritário traz que as mulheres são submissas aos homens. Além disso, 87% declararam que o ato de trabalhar fora não permite à mulher exercer bem suas funções de esposa e cuidadora da casa e dos filhos. Para esse grupo, casadas ou solteiras podem

trabalhar fora do lar, apenas em caso de necessidade de complementação da renda familiar.

A mulher virtuosa e sábia deve obedecer ao marido ou aos pais, conforme os preceitos bíblicos determinam. Wilson (2018) descreveu-a como casta, paciente, alegre, e que expressa contentamento e submissão. Esse contentamento parece estar independentemente da sua condição ou opinião, pois isso é o esperado por Deus, pelo pastor e/ ou marido e pela membresia.

As mulheres que conseguem chegar ao pastorado, como foi o caso da pastora Ivani Bento Santana, do Ministério Jesus é o Pão da Vida, continuam com a falta de apoio da comunidade. Essa líder relatou o quanto precisa de recursos financeiros para registrar o CNPJ da Igreja.

Quanto à ordenação, 57% dos participantes da pesquisa julgaram inapropriado a mulher administrar uma reunião ou ser pastora, oficiando sozinha, por esta postura não estar de acordo com a doutrina bíblica. Essa assertiva dos assembleianos é rechaçada por Santos (2020) que defende o pastorado feminino e a igualdade de direitos entre os sexos, interpretando esse assunto à luz das demandas atuais.

Entretanto, Caeté (2019) é contrário ao pastorado feminino. Na visão deste autor, a mulher é submissa ao homem, não lhe cabendo realizar cultos públicos, por estar em desacordo com os ensinamentos bíblicos, que transmitem a palavra e a vontade de Deus para todos.

Essa abordagem percebe o feminismo como radical aos olhos dos assembleianos. Os mesmos desestimulam qualquer vínculo das irmãs para com este movimento, considerando que tal movimento estimula o desrespeito aos ensinamentos bíblicos de submissão feminina. Há a doutrina seguida conforme a sabedoria e a virtude pregada na IEAD, bem como as dificuldades de pastoras exercerem seu ministério. Apesar de o pastorado feminino estar em ascensão, a realidade desse seguimento pentecostal mostra o quanto a mulher está longe do equitativo do pastorado masculino.

Na história, Frida Vingren que não exerceu essa liderança durante a vida do esposo, nem após sua morte, ainda que estivesse à frente da igreja com seu marido, nunca atuou como pastora propriamente dita. Na atualidade, as assembleianas realizam atividades importantes na instituição, mas estão vivendo o contexto da submissão predominante. Os participantes da pesquisa demonstraram que prevalece o discurso patriarcal, que exclui a mulher do pastorado, usando os

princípios bíblicos da mulher sábia, virtuosa e submissa ao homem, sendo-lhe cabível auxiliar o pastorado do esposo, mas nunca exercê-lo diretamente de maneira independente e autônoma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta tese mostrou a identidade masculina e o protagonismo da mulher na religião, cujos significados fazem parte do imaginário da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na cidade de Goiânia, Goiás. A secularização também foi discutida no que se refere ao pastorado feminino, havendo interpretações divergentes sobre os textos bíblicos e a tradição denominacional. O estudo de caso trouxe dados da membresia dos ministérios Fama e Jesus é o Pão da Vida, em que se constataram os entendimentos dos papéis das mulheres e dos homens no pastorado da igreja, bem como a atuação das mulheres no ambiente externo ao lar.

A metodologia usada neste estudo foi a analítica descritiva, tendo como base a coleta de dados, através da pesquisa de campo. A qual fundamentou-se em dados coletados por meio de um questionário, contendo 14 perguntas. O mesmo foi aplicado a 30 participantes, sendo 15 entrevistados em cada instituição.

A sensibilidade de compreender os limites e as oportunidades exploraram as respostas reveladoras da estatística simples, mostrando resultados em forma de texto, figuras, tabelas e quadros. A duração de tempo para conseguir a amostra dos 30 voluntários se deu durante todo o ano de 2019. A pesquisadora começou tendo contato com a liderança das igrejas. Depois, foi-lhe dada uma lista com nomes e telefones de membros. Iniciou-se o convite individual para participarem do estudo. Um grupo não quis assinar o TCLE. Outro grupo declarou que tinha desconforto em responder a questões. Restaram os 30 voluntários para as entrevistas presencial ou por telefone, de modo que colaboraram com a captação dos dados.

A história do patriarcado social apresentou seu vínculo ao campo religioso, o qual forjou a identidade masculina com as determinantes defesas da submissão da mulher em relação ao homem. A influência dessa percepção no papel da mulher está instituída no pentecostalismo assembleiano. A membresia masculina assembleiana defende os preceitos bíblicos como primordiais para a vida familiar, social e religiosa.

A instauração da Assembleia de Deus em 1911 registrou a dedicação de mulheres virtuosas, como Frida Vingren. As auxiliadoras esforçam-se em suas atividades na igreja para deixar seu legado, cujas características são de desafios e vitórias, tanto que, essa denominação completou seu centenário em 2011 e continua crescendo no Brasil e no mundo.

É notório perceber que as IEADs sofreram um amplo processo de expansão, apresentando um crescimento, que pode ser mais adequadamente explicado quando organizado em etapas: de 1911 a 1946, de 1947 a 1988, e de 1989 à atualidade. Mesmo assim, desde a sua fundação, o assembleiano tem apresentado sua identidade diferenciada de outros segmentos religiosos. Os assembleianos vivenciam a experiência espiritual através da fé em Jesus Cristo como único Salvador, do batismo com Espírito Santo, que se manifesta pela glossolalia, da crença em milagres (cura), do afastamento do mundo secular, da volta de Cristo (escatologia) e do milenarismo.

Os estudos científicos demonstraram que o exercício da liderança feminina na IEAD ainda não é completo. Nessa perspectiva, o foco desta investigação é analisar a construção da identidade do homem assembleiano, frente a liderança feminina e a autoridade religiosa desta, como pastora. Trata-se da conquista de seu espaço, com o exercício do protagonismo feminino extrapolando as atividades de pequenos serviços e inserindo-a lentamente no púlpito, como líder (pastora). Ressalta-se porém que, embora alguns adeptos das ADs apoiem o protagonismo feminino, este assunto ainda é debatido integralmente por não ser amplamente aceito por todos os ministérios assembleianos.

Desta forma, alguns ministérios consagram mulheres ao pastorado, enquanto outros condenam essa prática. Essa variação de entendimento advém da tradição e das interpretações bíblicas, deixando abertura para a discussão sobre o tema. Apregoa-se que a mulher sábia edifica a sua casa, é auxiliadora do marido, contribui com a missão da igreja, consolida os ensinamentos recebidos por sua obediência e submissão ao poder masculino (pai e marido).

O protagonismo feminino na IEAD foi observado nos parâmetros do patriarcado e da modernidade. Apesar de algumas ADs aceitarem o pastorado feminino, esse ainda é controverso para outras. Essa liderança é formada majoritariamente pelo público masculino. Ao longo do centenário desta instituição, a mulher enfrentou a dificuldade de ocupar cargo de autoridade nesse seguimento religioso, mesmo que fosse ativa na igreja, ministrando, ensinando em eventos ou colaborando de outras formas. Desse modo, as ordenações de pastoras nas ADs acontecem apenas em alguns ministérios. A identidade assembleiana forjada no patriarcado prevalece. A mulher é auxiliar do seu marido no pastorado, não tendo seu próprio púlpito.

A identidade do homem assembleiano entende que ambos os sexos são colaboradores entre si, havendo papéis distintos para o homem e a mulher. Os textos bíblicos dão base para a pregação do evangelho, com ensinamentos da submissão feminina, valorizando-a como sábia e virtuosa. Desse modo, o processo de secularização das ADs se entrelaça com os vários contextos históricos do Brasil.

Os resultados deste estudo mostraram que os assembleianos consideram os preceitos bíblicos como regras de vida e fé. Declararam seus entendimentos sobre a obediência, o respeito, os comportamentos, entre outros quesitos dessa discussão. Pela secularização, os hábitos e costumes têm mudado bastante, havendo os assembleianos que se declaram modernos, frequentam diversos ambientes sociais, participam de eventos, são fortes no mercado do consumo *gospel*, levando a mensagem que seu compromisso com os preceitos religiosos continua firme.

Desta forma, considerando que há influências mutáveis (contexto econômico, social e político de cada época) na construção da identidade do homem assembleiano, concluímos que tal identidade também é mutável. E que gradativamente, esse perfil arraigadamente patriarcal poderá ser definitivamente superado.

A evolução da IEAD no Brasil influenciou a abertura para a atuação feminina. As mudanças se deram na doutrina, na indumentária e em outros aspectos. Esse fato possibilitou às mulheres a liberdade para expressar sua liderança no campo religioso, embora ainda não seja habitual consagrar mulheres ao pastorado. A igreja continua a ser administrada por homens, despertando a interesse pela temática que acomoda outras investigações.

As igrejas pentecostais que aceitam o pastorado feminino não estão em número equilibrado com as que se mantêm no patriarcado absoluto. Os reconhecimentos do pastorado feminino em igualdade com o do masculino são símbolos de luta. Para se ter mais avanços, esperam-se novos olhares para os preceitos bíblicos e as mudanças das perspectivas da tradição. O papel da mulher vai além de simplesmente apoiar seu marido na liderança. Nessa visão, a pesquisa pode seguir com outros trabalhos, compreendendo as diferenças interpretativas de submissão e os avanços do protagonismo feminino na religião.

REFERÊNCIAS

ABUMERE, F. I. **Undertanding men and masculinity in modern society**. *In: Open Journal of Social Science Research*, v. 1, n. 2, p. 42-45, 2013.

ALBUQUERQUE, Hortencia Cruz de. **O significado do consumo de moda-vestuário gospel para mulheres pentecostais**. Orientadora: Laura Susana Duque Arrazola. 2016. 143f. Dissertação (Mestrado em Consumo, Cotidiano e Desenvolvimento Social) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Pernambuco, 2016.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Assembleias brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia, 1911-2011**. Orientador: Edin Sued Abumanssur. 2012. 285f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2012.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Matriz pentecostal brasileira: assembleias de Deus de 1911 a 2011**. Edição do Kindle, 2020a.

AMORIM, Patrícia Brandão; SILVA, Daniel Rodrigues. **A família contemporânea neopentecostal e o lugar do amor e da religiosidade na relação conjugal**. *Pensar Acadêmico*, Manhuaçu, v. 17, n. 2, p. 234-256. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/715> Acesso em: 23 set. 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso. **Estudo de caso em pesquisa e avaliação educacional**. Brasília: Líber Livro, 2005.

ARAGÃO FILHO, Iran Lima. **Religião e gênero: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal**. Orientadora: Irene Dias de Oliveira. 2011. 87f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2011.

ARAÚJO, Isael de. **Frida Vingren: uma bibliografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil**. CPAD. Edição do Kindle, 2014.

ASSEMBLEIA DE DEUS. Crenças da Assembleia de Deus. Disponível em: www.Assembleia de Deus.org. Acesso em: 15 abr. 2020.

ASSEMBLEIA DE DEUS MINISTÉRIO JARDIM FIORELO, s/d. on-line. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ademjaf/preparacao-para-obreiros>. Acesso em: 01 set. 2020.

ASSEMBLEIA GERAL DAS IGREJAS, 2019, on-line. Disponível em: https://0201.nccdn.net/1_2/000/000/133/874/Hierarquia-Ministerial-Eclesiastica.pdf. Acesso em: 19 set. 2020.

AVILA, Betânia Maria. **Feminismo e sujeito político**, 6 jun. 2009, on-line. Disponível em: <https://appsindicato.org.br/?p=14039/>. Acesso em: 19 set. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BERGER, Peter. L.; LUCKMANN; Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985 [1976].

BÍBLIA ONLINE. Almeida atualizada e corrigida. 2020. Disponível: <https://www.bibliaonline.com.br/acf>. Acesso em: 10 mar. 2020.

BLOG MULHERES VIRTUOSAS. Moda evangélica. Disponível em: <https://www.virtuosascomestilo.com.br> . Acesso em: 10 maio 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. Tradução Daniela Kern; Guilherme J. F Teixeira. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Bertrand Brasil, tradução de Maria Helena Kühner. - 11° ed. - Rio de Janeiro Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. São Paulo: Difel, 1989.

BOURDIEU, Pierre.; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BROWN, Cristian Britain. **The Death of Christian Britain**. New York: Routledge, 2001.

BRUSCO, Elisabeth. E. **The household basis of evangelical religion and the reformation of machismo in Colombia**. New York, NY: City University of New York, 1986.

BUTLER, Judith Pamela. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.236p.

CAETÉ, Rodrigo e TARGINO, Jadson. **Púlpito feminino: uma análise da pregação feminina em ambientes eclesiais**. Edição do eBook Kindle, 2019.

Púlpito feminino [...]: <http://www.portodelenha.com.br/produto/464412/pulpito-feminino-uma-analise-da-pregacao-feminina-em-ambiente-ecclesiastico> Editora: Porto de Lenha (Selo Barca Cristã - Editora Evangélica).

CAMPOS, Vitoria. **O século das mulheres**. Tradução de Regina Louro. Lisboa: Presença, 2010.

CAMPOS SOBRINHO, Benjamin. **Assembleia de Deus: princípios bíblicos versus mitos dogmáticos**. São Paulo: Clube dos Autores, 2012.

CARVALHO, Cesar Moisés. **Pentecostalismo e pós-modernidade**. CPAD. Edição do Kindle, 2018.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

CONNELL, R. Confronting equality: Gender, knowledge and global change. Polity Press: Cambridge, [1987] 2011. *In*: ROBERTS, A. **Feminism & Psychology**, 2011. v. 23, n. 4, p. 561-564.

COSTA, Moab César Carvalho. **O aggiornamento do pentecostalismo: as assembleias de Deus no Brasil e na cidade de Imperatriz - MA (1980-2010)**. Orientador: Paulo Roberto Staudt Moreira. 2017. 394f. Tese (Doutorado em História). Universidade Unisinos, São Leopoldo, 2017.

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. **O papel da mulher no meio pentecostal: novíssimas relações de gênero nas assembleias de Deus**. *In*: Cadernos de Gênero e Tecnologia, 2016. v. 9, n. 33, p. 60-76.

DABNEY, Robert L.. **Mulheres no púlpito**. Tradução de Tiago Cunha. Edição do Kindle, 2019.

DANIEL, Silas (Org.). **História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil: os principais líderes, debates e resoluções do órgão que moldou a face do movimento pentecostal no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

DESCARRIES, Francine. **Teorias femininas: liberação e solidariedade no plural. Textos de História**. Brasília, 2000. V. 8, p. 9-44.

EDWARDS, A. **It's a man's world: the effect of traditional masculinity on gender equality**. E-International Relations Students. 2015. Disponível: www.e-ir.info/2015/03/29/its-a-mans-world-the-effect-of-traditional-masculinity-on-gender-equality/. Acesso em: 28 ago. 2019.

ERIKSEN, A. Sarah's Sinfulness: **Egalitarianism, Denied Difference, and Gender in Pentecostal Christianity**. *Current Anthropology*, v. 55, n. 10, p. 262-270, 2014.

ESTATUTO CGADB. Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil. 1946. Disponível em: <https://www.repensandoafe.com.br/news/estatuto-cgadb/>. Acesso em: 25 ago. 2019.

EXAMINANDO A ESCRITURA, on-line. Disponível em: <http://examinandoaescritura.no.comunidades.net/pastor-bispo-presbitero-diacono-apostolo>. Acesso em: 25 ago. 2019.

FARIA, Keila Maria de. **Medéia e mélixa: representações do feminino no imaginário ateniense do século V a.C.** Orientadora: Ana Teresa Marques Gonçalves. 2007. 215f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia, UFG, 2007.

FIDALGO, D. A. **De pai para filhos: poder, prestígio e dominação da figura do pastor presidente nas relações de sucessão dentro da Assembleia de Deus Ministério de Madureira**. Orientador: Rivera Dario Paulo Barrera. 2017. 181f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Metodista de São Paulo, 2017.

FONSECA, André Dioneu. **São Cristóvão e Santo André: os debates sobre a normatização dos usos e costumes nas convenções gerais das assembleias de Deus no Brasil (1930-1980)**. In: *Sacrilegens*, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 41-59, 2009.

FRESTON, P. **Breve história do pentecostalismo brasileiro**. In: ANTONIAZZI, A. *et al.* *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FOUCAULT, **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Tradutora: Maria Thereza Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Ed. Graal, Rio de Janeiro: 8a. edição, 1984.

GABATZ, Celso. **As mulheres nas igrejas neopentecostais: a busca pelo protagonismo em meio a tradições hegemônicas**. *Sociedade e Cultura*. Goiânia, 2016. v.19, n. 2, p. 95-103.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, [1973] 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

GOOGLE MAPS. **Pesquisa por Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Goiânia**. Disponível em: <https://www.google.com/maps/>. Acesso em: 15 abr. 2020.

GOUVÊA NETO, Ana Luíza. **Na capa e por dentro: uma análise socio-histórica sobre a mulher evangélica em publicações assembleianas**. Orientador: Emerson José Sena da Silveira. 2015. 148f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **Da diáspora, identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

HARPA CRISTÃ. **A bem-aventurança do crente**. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2018.

História da CGADB: <http://www.cgadb.org.br/2018a/index.php/features-2/historia-da-cgadb.html>. Acesso em 18 nov 2020.

LACAN, Jacques. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

JORGE, Alex. **Protestantismo, pentecostalismo e neopentecostalismo: das questões preliminares, do crescimento da igreja ao comércio da fé.** Goiânia. Cruz, 2020.

LOBOS, Julio. **Amélia, adeus.** São Paulo: Instituto da Qualidade, 2009.

MACHADO, M. D. C. **Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais.** *Estudos Feministas*. Florianópolis, v.13, n. 2, p:387-396, maio-ago. 2005.

MANOEL, I. A.; FREITAS, N. M. B. (Org.). **História das religiões: desafios, problemas e avanços teóricos, metodológicos e historiográficos.** São Paulo: Paulinas, 2006.

MARQUES, Maria Adriana. **A estética da mulher na Igreja Evangélica Assembleia de Deus: entre as prescrições estatutárias e as práticas cotidianas.** Paulo Rogério Rodrigues Passos. 2017.175f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiás, 2017.

MAZZEO, Carla Costa da Silva. **Preconceito e discriminação de gênero: conceitos, estigmas e educação para a construção de uma nova conduta social.** Curitiba: Juruá, 2015.

MCGRATH, Alister. **A revolução protestante: uma provocante história do protestantismo contada desde o século 16 até os dias de hoje.** Curitiba: Palavra, 2012.

LIMA, Daniel Barros; MELLO, Adriana Girão da Silva. **A mulher e os desafios na conquista do pastorado: um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus.** *Coisas do Gênero Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião*, 2016. v. 2, n. 1, p. 119-134.

MOLINA, Carolina. **What would Jesus Do Negotiating hegemonic masculinity in religious organizations.** Orientador(a): Zulema Valdez. 2015. 24f. Dissertação (Mestre em Artes em Sociologia). Universidade da Califórnia. 2015. Disponível em:
https://escholarship.org/content/qt9zk2c4rk/qt9zk2c4rk_noSplash_04dc3f03cee3cf7a4266427bbf59c797.pdf?t=o1nrjl. Acesso em: 15 abr. 2020.

OLIVEIRA, Pedro Paulo de. **A construção social da masculinidade.** Belo Horizonte: UFMG, 2004.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença: o feminino emergente.** São Paulo: Brasiliense, 2009.

PATEMAN, Carole. **O contrato sexual.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

ROCHA, Aretha Beatriz Brito da. **Emancipação feminina sob autoridade masculina: aspectos religiosos e sociais das mulheres assembleianas no Brasil.** Orientador: Breno Martins Campos. 2018. 131f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1996.

SANTOS, Everton Edivaldo F. **As bases bíblicas do pastorado feminino**. Recife. Edição do Kindle, 2020.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação & Realidade, 1995. v. 20, n. 2, p. 71-99.

SCOTT, Joan. **História das mulheres**. In: BURKE, Peter (org.). A escrita da história novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992. p. 63-95.

SCOTT, Joan. **Secularismo (sexularism)**. Princeton: Ursula Hirschmann Annual Lecture on Gender and Europe, 2009.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid. Traficantes de Sueños, 2016. (Colección Mapas 45).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Religião. In: **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 254-358.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. Tradição. In: **Dicionário de Conceitos Históricos**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 405-408.

SILVA Luis Flávio Couto; SOUZA, Marcelo Fonseca Gomes de. **O estruturalismo em Jacques Lacan: da apropriação ao movimento de subversão na instauração de uma teoria do sujeito do inconsciente**. *Ágora* (Rio J.) [online]. 2013, vol.16, n.2, pp.185- 200. ISSN 1516-1498. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982013000200001>. Acesso: 20 jan 2020

SILVA, Sergio Gomes da. **Masculinidade na história: a construção cultural da diferença entre os sexos**. *Psicologia: Ciências e profissão*.v. 20, n. 3, p. 8-15, 2000.

TERRIN, Aldo Natale. **Nova era: a religiosidade do pós-moderno**. Tradução de Euclides Balancin. São Paulo: Loyola, 1996.

TOLDY, Teresa Martinho; SANTOS, Ana Cristina. **Religião, gênero e cidadania sexual: uma introdução**. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, v. 110, p. 43-50, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/6370>. Acesso em: 4 out. 2019.

VALÉRIO, Samuel. **Uma nova origem do pentecostalismo: a trajetória da Igreja Batista Sueca no Brasil a partir de 1912**. São Paulo: Recriar, 2020.

VILHENA, Valéria Cristina. **Um olhar de gênero sobre a trajetória de vida de Frida Maria Strandberg (1891-1940)**. Orientador: Leonildo Silveira Campos. 2016. 263f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2016.

WILSON, Nancy. **Contentamento: um estudo para mulheres de todas as idades**. Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2018.

WILSON, Nancy. **Virtuosa: um estudo para mulheres de todas as idades.**
Tradução de Elmer Pires. São Paulo: Trinitas, 2019.

YIN, R. K. **Estudo de caso. Porto Alegre:** Bookman-Artmed, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), do Projeto de Pesquisa sob o título A IDENTIDADE DO HOMEM FRENTE AO PROTAGONISMO DA MULHER NA RELIGIÃO: Um estudo de caso na Igreja Evangélica Assembleia de Deus, na cidade de Goiânia-Goiás, sou membro da equipe de pesquisa deste projeto, de doutorado em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO. Após receber os esclarecimentos e as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, este documento deverá ser assinado em duas vias e em todas as páginas, sendo a primeira via de guarda e confidencialidade da equipe de pesquisa e a segunda via ficará sob sua responsabilidade para quaisquer fins.

Em caso de dúvida sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável através do número -----, ligações a cobrar (se necessárias) ou pelo e-mail madripuc@gmail.com. Residente na Rua 227, Quadra 66, Lote 14-E – Setor Leste Universitário, Goiânia-GO, 74610-155. Em caso de dúvida sobre a ética aplicada a pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da PUC Goiás, telefone: (62) 3946-1512, localizado na Avenida Universitária, N° 1069, St. Universitário, Goiânia/GO. Funcionamento: das 8 às 12 horas e das 13 às 17 horas de segunda a sexta-feira. E-mail: cep@pucgoias.edu.br

O CEP é uma instância vinculada à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) que por sua vez é subordinada ao Ministério da Saúde (MS). O CEP é responsável por realizar a análise ética de projetos de pesquisa, sendo aprovado aquele que segue os princípios estabelecidos pelas resoluções, normativas e complementares.

Pesquisadora Maria Adriana Marques

O motivo que nos leva a propor essa pesquisa é o surgimento de mulheres como líderes religiosas bem como suas aparições públicas em igrejas conceituadas na sociedade, assim como na Assembleia de Deus. Tem por objetivo compreender a

perspectiva do homem quanto ao protagonismo da mulher na religião, tendo como foco a Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD) na cidade de Goiânia, Goiás.

Você está sendo convidado para participar desta pesquisa, por apresentar idade acima de 18 anos, por ser homem e por se encontrar no registro de membro assíduo da Igreja Assembleia de Deus. Você responderá a um questionário com o tempo de duração de 20 minutos, sobre a identidade do homem frente ao protagonismo da mulher na religião. Esses dados não serão utilizados em nenhum meio eletrônico, como gravação de diálogo ou imagem sua. Suas contribuições serão confidenciais com intuito de garantir o sigilo e a sua privacidade. Suas informações serão utilizadas para o objetivo do estudo.

Esclareço que seja qual for o resultado da pesquisa, ela será publicada e divulgada em eventos. Porém, isso só ocorrerá com sua permissão, ao assinar este termo. Sua identificação e as informações registradas serão tratadas com sigilo e anonimato. Esses dados permanecerão armazenando-as em bancos de dados físicos e magnéticos, mantidos pelo pesquisador, cujo acesso será permitido apenas à orientadora, pela pesquisadora responsável, pelo prazo de cinco anos, conforme determinam as Normas e Diretrizes da Resolução CNS 466/12, que regulamenta a pesquisa com seres humanos.

Os riscos de sua participação serão mínimos, entre os quais você poderá ter desconforto ao responder à pergunta que lhe possa trazer alteração comportamental. Para evitar esse risco associado à pesquisa, o local da entrevista garantirá sua privacidade e seu sigilo. Também você terá a total liberdade de se recusar a responder questões que lhe causem desconforto emocional e/ou constrangimento. Ainda, poderá retirar o seu consentimento de participar da pesquisa em qualquer momento. Caso você decida fazer isso, não sofrerá nenhuma penalidade e não terá nenhum prejuízo a alguma assistência a você, como também suas informações serão mantidas em total sigilo. Em todos os casos, na eminência de adversidades em função da coleta de dados, daremos o suporte necessário e encaminharemos para clínicas especializadas médicas ou psicológicas na cidade de Goiânia, Goiás, tendo garantias de assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios, decorrente da sua participação na pesquisa.

Quanto aos benefícios relacionados com a sua participação, espera-se que o resultado desta pesquisa contribua para a compreensão do processo da ideologia de gênero no campo religioso. Em qualquer momento, você poderá pedir

esclarecimentos de eventuais dúvidas que tenha acerca dos procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa. Também é assegurado a você o acesso gratuito aos resultados no decorrer e após o término desta pesquisa, podendo ser solicitados diretamente com a pesquisadora responsável.

Você não terá nenhuma despesa em relação a esta pesquisa, nem também contribuições financeiras, contudo, caso tenha gastos decorrentes de sua participação, você tem a garantia que serão ressarcidos. Caso tenha algum prejuízo, ou dano, decorrentes dos procedimentos dessa pesquisa, poderá pleitear indenização por reparação a danos imediatos ou futuros. O(a) pesquisador(a) se obriga a indenizá-lo(a), conforme estabelece a legislação vigente no País.

DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR

Eu, _____, pesquisadora responsável por este estudo, esclareço que cumprirei as informações acima. Você terá acesso, se necessário, a assistência integral e gratuita por danos diretos e indiretos, imediatos ou tardios devido a sua participação nesse estudo; e que suas informações serão tratadas com confidencialidade e sigilo. Você pode sair do estudo quando quiser, sem qualquer penalização. Se tiver algum custo por participar da pesquisa, será ressarcido; e em caso de dano decorrente do estudo, terá direito a indenização, conforme decisões judiciais que possam suceder.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Eu _____, abaixo assinado, discuti com a pesquisadora MARIA ADRIANA MARQUES sobre a minha decisão em participar nesse estudo. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de assistência, confidencialidade e esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é voluntária e isenta de despesas e que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, sem penalidades ou prejuízo ou perda de qualquer benefício.

Goiânia, _____, de _____, de 202_.

_____/_____/_____
Assinatura do participante. Data

_____/_____/_____
Assinatura da pesquisadora. Data

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DA PESQUISA NA IEAD EM GOIÂNIA, GO

Perguntas	Respostas
1 – Sua idade está entre	<input type="checkbox"/> De 20 a 30 anos <input type="checkbox"/> De 31 a 40 anos <input type="checkbox"/> De 41 a 50 anos <input type="checkbox"/> Acima de 50 anos
2 – Você e sua esposa	<input type="checkbox"/> Trabalham fora de casa? <input type="checkbox"/> Somente eu o homem trabalho fora de casa; <input type="checkbox"/> Somente eu e meus filhos trabalhamos fora de casa; <input type="checkbox"/> Somente minha esposa trabalha fora de casa; <input type="checkbox"/> Outros _____
3 – Como membro, homem e religioso; seguidor dos princípios bíblicos, você aceitaria que sua esposa administrasse a casa financeiramente? Por quê?	<input type="checkbox"/> Sim; <input type="checkbox"/> Não, justifique: _____
4 – Qual é o papel do homem da IEAD em sua casa (lar), segundo os princípios da Igreja Evangélica Assembleia de Deus?	<input type="checkbox"/> Homem é o chefe do lar; <input type="checkbox"/> Homem e mulher são chefes do lar; <input type="checkbox"/> Discordando das questões acima, justifique sua resposta abaixo: _____
5 – O homem da IEAD pode ser visto como mediador de suas tarefas no dia a dia? Ou seja, pode ajudar sua esposa no serviço doméstico? É comum que a esposa receba ajuda de seu esposo e de seus filho(s) homem(ns)?	<input type="checkbox"/> Sim; <input type="checkbox"/> Não, Justifique abaixo: _____
6 – Existe algum parâmetro cristão, ou seja, algum princípio bíblico para o homem seguir com relação a seu comportamento dentro e fora de sua	<input type="checkbox"/> Sim, qual é? Explique abaixo por favor: _____

casa?	
7 – Homem e mulher podem exercer papéis fora de suas casas? ou seja, podem ser líderes em instituições que não sejam da igreja?	() Sim, em quais lugares? () Não, justifique abaixo: _____
8 – Na administração do dinheiro do casal, quem fica responsável pelo financeiro?	() Homem; () Mulher; () Homem e mulher.
9 – Enquanto homem e administrador de seu lar, como vê o protagonismo da mulher no mercado atual de trabalho?	() Bom; () Ruim; justifique: _____
10 – Na Igreja quando as mulheres são administradoras de reuniões, ou até mesmo enquanto pastora, qual é a sua visão enquanto homem?	() Acha bom; () Acha ruim; () Não acha nada; () Outros, justifique abaixo: _____
11 – No meio social fora do meio religioso, você concorda ou discorda sobre a atuação direta da mulher no mercado de trabalho? Trabalhar fora de casa é coisa de mulher cristã?	() Sim; () Não, por quê? _____
12 – A mulher fora de casa atrapalha na organização da casa e no cuidado com os filhos?	() Sim; () Não; Justifique: _____
13 – Se a situação financeira do casal é boa, ainda assim, concorda da mulher trabalhar fora de casa?	() Sim; () Não; Explique: _____
14 – A mulher quando solteira, ela tem livre arbítrio para trabalhar e dirigir sua independência financeira?	() Sim; () Não; Explique _____